

REVISTA

DA SEMANA

N. 17 28-4-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

PEDIR ESMOLA RENDE UM CRUZEIRO POR MINUTO

HOMENAGEM A DIDA E GILBERTO CARDOSO



A stylized, high-contrast illustration in black and white. It features a large, tilted white rectangle in the center containing the title and author's name. To the left of this rectangle is a trumpet, and to the right is a violin. Above the rectangle, musical notes are shown floating on a staff. The background is a dark, textured grey.

Música para a Juventude

José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Disposto de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal :
Cr\$ 250,00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

Ano 56 — N° 17 — Rio de Janeiro — 28-4-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynnenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

O Escândalo dos Automóveis	4/7
Vera Tormenta	16/17
Um Cruzeiro por Minuto	20/23
Flamengo Tricampeão	31/34
Transporte — Suplício Chinês para o Carioca	58/59
A permanência de Getúlio	40/43
	60/61

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (Fleitas Solich)	11
Astrologia	13
Itinerário do Brasil	19
Artes	24
Flash Paulista	25
Por Esse Mundo de Deus	26/27
Música	28
Literatura	30
Pelas Esquinas da Noite	35
Palavras Cruzadas	36
TV na Revista	44
Revista há 50 Anos	47
Conversa de Mulher	54/55
Último Flash	62

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ LITERATURA

Casamento Muitíssimo Agitado (Eneida)	3
O Avô Arkhip e Lenka (M. Gorki)	12/13
A Alma Também Morre (Lisa Castro)	50/51

◆ VARIEDADES

Elizabeth de Áustria	14/15
Horas de Desespêro	38/39
O Que Sabemos das Grandes Religiões?	48/49

◆ CAPA

DEBORAH KERR (Kodachrome, Paramount)

Este número consta de 64 páginas.



Casamento muitíssimo agitado

◆ Os casamentos, por mais pobres que sejam, sempre causam agitações nas famílias, nobilitando parentes, amigos e aderentes. Desde o noivado a perturbação começa; a noiva, que com certeza ouviu falar em Penelope, vai tecendo trapinhos que em conjunto tomam o nome de enxoval, até que chega o dia e com ele o longo vestido branco, o véu, as flores que já foram de laranjeiras, quando há dinheiro festas magníficas, sempre um dia muito diferente em qualquer vida por menos alegre que ela seja. São sempre agitados os casamentos, mas não tanto como esse que agora está se realizando e prolongando, pois há muitos meses vivemos sabendo dos beijos de Rainier e Grace, do olhar de ambos, do dinheiro, cabelos, tualetes e beleza da noiva, enquanto do noivo só se pode mesmo dizer que é príncipe de Mônaco e olhe lá: um principado de opereta, vivendo de jôgo, com um homem chamado Onassis tendo todo o controle econômico local

◆ O casamento Grace-Rainier transformou-se num assunto mundial e até brigas provocou, pois houve a questão dos convites e suas complicações: aqui como lá pessoas não se dão bem umas com as outras e, por exemplo, como podiam convidar o Duque e a Duquesa de Windsor se convidavam Elizabeth? De todas as partes do mundo partiram cronistas, jornalistas, cinegrafistas, gente que vai porque o público tem necessidade de saber como foi mesmo o casamento sendo o pai da noiva tão cheio de dinheiro que se espera, logo depois, haja uma briga com Onassis pela posse dos bens locais, briga anterior a do casal, pois há também apostas de que o lar Grace-Rainier não dura um ano. Não creio que seja bom para qualquer felicidade plantada à sombra de ouro ou prata, em dólares ou cruzeiros, essa exagerada publicidade. Com o casamento de Mônaco puderam os diversionistas brincar com os povos. Pára a miséria! Não cogitemos de mais nada! Sumam as reivindicações populares Esqueçamos ameaças guerreiras! Pa-remos o mundo! Pois há especiais detalhes no vestido nupcial de Grace Kelly; aproveitemos esse amor para apresentar beijos de Hollywood e cenas românticas obedecendo ângulos cineastas.

◆ Mas o pior ainda não chegou. Depois que os enviados especiais tiverem terminado suas narrativas nas quais saberemos o vestido da princesa tal, ou que outra tal encontrou no casamento de Mônaco o que há muito esperava: um marido, depois teremos durante algum tempo os documentários de cinema apresentando detalhes do referido enlace (não nos espantemos se algum jornalista declarar que o casal nem parecia assim, muito enamorado) e ainda depois, se tudo acontecer normalmente, Grace terá um filho e viveremos espalhafatosamente seus enjões de primípara, o desabrochar de sua maternidade ou suas viagens de iate ou cavalo, seus vestidos comprados em Fath e Dior, da moda que lançou, das briguinhas do casal, de seu novo corte de cabelos, das ciurmadadas de Rainier ou de Grace que isso de amor sem ciúme não fica bem mesmo em casamentos de Hollywood. Nada tenho contra Grace nem Rainier, apenas já me sinto muito cansada de tanto espalhafato nesse casamento muitíssimo agitado. Se fôsse mulher de dar conselhos — o que jamais faço nem farei — eu diria às pessoas que estão como sem forças para agüentar a publicidade desse casamento que tomem a resolução que adotei e aqui transmito hoje: quando abro um jornal ou uma revista, vejo a cara de Rainier ou o bonito rosto de Grace, passo depressa adiante. Pois uma coisa declaro: esse casamento já «encheu».

ENEIDA

Solução para o “Escândalo dos Automóveis”:



Nova lei pondo “fora d



A IMPORTAÇÃO É LEGAL, MAS A DOCUMENTAÇÃO É FALSA — E NINGUÉM VÊ ISSO... — DENUNCIA O PRESIDENTE DO SINDICATO DO COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS ★ A «OPERAÇÃO-IMIGRANTE» E O LUCRO QUE DEIXA CADA CARRO ★ OS PROJETOS OLIVEIRA BRITTO E BILAC PINTO ★ «NÃO ME DEIXEM SEM LEI» — É A SÚPLICA QUE FAZ O INSPETOR GERAL DA ALFÂNDEGA

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de A. FERREIRA

EM 1945, finda a 2ª guerra mundial, possuía o Brasil considerável saldo em divisas no exterior. Aí, então, todo mundo mandava buscar o que queria: de preferência geladeiras, televisões e, principalmente, automóveis. ERA LEGAL.

Em 1948, o governo do mal. Dutra visando acabar com o esbanjamento dessas divisas, criou a Lei nº 262. Mas, a lei tinha suas falhas e por elas os automóveis foram chegando. ERA LEGAL.

Em 1949, em virtude do escândalo, nova lei foi baixada — a de nº 842. Novas falhas, também, e novos automóveis chegando. ERA LEGAL.

Em 1953, para acabar com o escândalo, uma outra lei: a de nº 2.145, que alterava as bases de nosso comércio exterior e introduzia o sistema de leilões de dólares. Aí, então, a coisa melhorou. Novas facilidades e novos automóveis. ERA LEGAL... e ainda o é — pois a lei continua em vigor.

Procurando tapar os buracos de toda essa legislação que impedia a trazida de bens do exterior, o governo passou a recorrer a medidas extremas — negando o visto nas faturas consulares para a importação de mercadorias sem a necessária licença de importação. Mas, os interessados não se impressionaram com essas medidas. Dispensam o visto, embarcando em portos onde não existe consulado e trazem os automóveis de qualquer maneira. Quando o governo procura embargar o desembarque em portos brasileiros, recorrem eles à justiça, mostrando que o seu direito é garantido. É mesmo. Pois, lá está a lei 2.145 que esclarece que «independentemente de licença os bens importados, quando pertençam a estes há mais de 6 meses às pessoas que transfiram sua residência para o Brasil».

Portanto, a coisa é legal e continua sendo, até que se modifique a lei.

Com esse propósito é que transitam na Câmara Federal nada menos do que 5 projetos:

— o do dep. João Machado — que propõe, substancialmente, a radical proibição da importação de automóvel de luxo durante 3 anos;

— o do dep. Armando Lages — que altera dispositivos do Código do Processo Civil e veda o uso dos interditos de manutenção de posse;

— o do dep. Jefferson de Aguiar — que dá, também, nova redação e disposições ao Código;

— o do dep. Oliveira Britto — que suprime a concessão de medidas judiciais; e

— o do dep. Bilac Pinto — que exclui os automóveis do regime de licença de importação e altera a tarifa das Alfândegas.

Enquanto os automóveis vão chegando, no Foro — onde as palestras se generalizam em torno desse comércio clandestino — as opiniões são unânimes em reconhecer a integridade dos juizes que concedem medidas de reintegração de posse, garantindo a retirada dos bens importados sem licença.

— Se a lei está errada, por que não se cria uma nova lei com urgência? — pergunta um advogado mais veemente.

— «Já não se fez uma lei em 24 horas para derrubar um Presidente da República?»...

...da lei" a lei atual...

CADA carro Chevrolet 1956, cujo custo médio é de Cr\$ 468.500,00 para os importadores clandestinos (por meio da chamada «operação-imigrante») está sendo vendido na praça a Cr\$ 830.000,00, deixando desse modo o lucro de Cr\$ 361.500,00...

«Em mil carros importados por esse processo — como aconteceu no mês de março último — o proveito dessa atividade criminosa atinge a 361 milhões de cruzeiros!...»

«Essa a razão por que se organizou tão poderosamente o mercado irregular de importação de automóveis de passeio».

Assim explica o deputado Bilac Pinto (UDN, Minas Gerais) o chamado «Escândalo dos Automóveis», para acrescentar:

— Os lucros fabulosos desse comércio irregular estimulam e excitam a imaginação dos homens que integram as «gangs» especializadas que operam nesse setor.

O QUE É A «OPERAÇÃO-IMIGRANTE»

Prosseguindo, explica o deputado como se processa a chamada «Operação-Imigrante»:

— Consiste em contratar estrangeiros que se disponham a «imigrar» para o Brasil, por 30 dias, mediante as seguintes condições: o imigrante recebe a passagem do avião (ida e volta) e mais o pagamento, em dinheiro, de 2.000 dólares, em média, e assume apenas a obrigação de preencher os formulários consulares para imigrar para o nosso país, trazendo um automóvel e objetos de uso doméstico.

FRAUDE LEGAL

— Criada, assim, a figura do «imigrante» — continua — a importação se faz à custa de algumas outras fraudes, no país de origem, entre elas a ante-data do licenciamento do carro e de medidas judiciais no Brasil, quando a administração opõe embaraços ao embarque ou desembarque.

«Estabelecendo a Constituição Federal, no seu art. 142, que qualquer estrangeiro pode entrar livremente no território nacional com seus bens e dele sair, aí encontraram os quadrilheiros o apoio legal aparente para iludir a proibição da importação de automóveis, fora do sistema de licitação de divisas, pela quinta categoria».

IMPORTAÇÃO LEGAL E FRAUDULENTA

Esclarece mais o dep. Bilac Pinto que as medidas regulamentares e legislativas que estancaram os escândalos da CEXIM com a supressão daquele órgão e a criação do sistema de licitação de divisas, deixou uma brecha que vem permitindo esses artifícios fraudulentos.

— Tomemos para uma comparação — exemplifica — o preço final em cruzeiros de um automóvel Chevrolet, último tipo, nas duas modalidades de operação:

IMPORTAÇÃO LEGAL

CHEVROLET 1956 (Preço CIF) no Rio.....	US\$	2.500
Preço em cruzeiros (Dólar a Cr\$ 340, na 5ª Categoria) CIF-Rio	Cr\$	850.000,00
Impostos de Importação, Consumo e Taxas	Cr\$	45.000,00
PREÇO FINAL do carro desembarcado	Cr\$	895.000,00

IMPORTAÇÃO FRAUDULENTA

CHEVROLET 1956 (Preço CIF) no Rio.....	US\$	2.500
Pagamento ao imigrante	US\$	2.000
Passagem de ida e volta	US\$	800
Pequenas despesas	US\$	200
Valor do dólar no Mercado Livre	Cr\$	77,00
Preço do custo e despesas do carro em Cr\$	Cr\$	423.500,00
Impostos de Importação, Consumo e Taxas	Cr\$	45.000,00
Preço final do carro desembarcado	Cr\$	468.500,00

As hipóteses figuradas revelam que os automóveis de passeio importados fraudulentamente, custam, afinal, pouco mais de metade dos que o sejam legalmente.

O PROJETO BILAC PINTO

◆ Beneficiando os importadores tradicionais de automóveis, pois irá permitir-lhes o reinício de suas atividades comerciais, desde muito interrompidas, o projeto «Bilac Pinto» em resumo assim se apresenta:

— Exclusão do regime de licença de importação dos automóveis de passeio;

— Cobrança de direitos aduaneiros crescentemente proporcional ao peso do veículo.

— Reduções percentuais nos direitos aos representantes que utilizem peças e equipamentos de fabricação nacional.

— Redução de 20% nos direitos aos motoristas de praça com mais de 60 meses de profissão para importar carro de 5 em 5 anos.

Esclarecendo os demais benefícios de seu projeto, analisa o dep. Bilac Pinto:

— Asseguramos a qualquer pessoa o direito de fazer importação, pois esse é o único meio eficaz de impedir o domínio do mercado por algumas firmas que tenderiam, naturalmente, a aumentar os seus lucros.

◆ CARROS MAIS BARATOS — Depois de afirmar que, uma vez aprovado o projeto, de sua autoria, as tabelas dos automóveis do último tipo, no mercado interno, sofrerão uma baixa de 30%, o que determinará, necessariamente, a redução dos preços dos modelos mais antigos. Exemplifica, mais uma vez, o parlamentar mineiro:

◆ IMPORTAÇÃO DE ACÓRDO COM O PROJETO

Chevrolet 1956 (Preço CIF-RIO)	US\$	2.500
Preço em Cruzeiros (Dólar a Cr\$ 80)	Cr\$	200.000,00
Ad-Valorem (150%) de Direitos Aduaneiros	Cr\$	300.000,00
Imposto de Consumo (7%+3,5%=10,5%) sobre o valor CIF		
Direitos Aduaneiros	Cr\$	52.500,00
Taxa de Previdência (4%) sobre valor CIF	Cr\$	8.000,00
Preço final do automóvel desembarcado	Cr\$	560.500,00



O deputado Bilac Pinto, cujo projeto atribui o pagamento de direitos proporcional ao peso do carro: até 800 quilos, 100%, e em escala crescente, de 200 em 200 quilos, até os acima de 1.800 quilos, que deverão pagar 250% sobre as tarifas vigentes. Muito aplaudido.

O PROJETO OLIVEIRA BRITTO

◆ Suprimindo a concessão de medidas liminares nas ações e procedimentos judiciais de qualquer natureza que visem a liberação de bens, mercadorias ou coisas de procedência estrangeira, o projeto do dep. Oliveira Britto (P.S.D. — Bahia), estabelece:

— Não se concederá, em caso algum, medida que importe na entrega de mercadorias, bens ou coisas procedente do estrangeiro;

— Enquanto pender recurso, a execução do julgado não será ordenada antes que o autor preste garantias de restituição do respectivo valor para o caso de decair da ação ou procedimento;

— O meu projeto — esclarece o parlamentar baiano — visa corrigir as falhas da lei processual em vigor, permitindo que se exerça em toda a sua plenitude o controle jurisdicional dos atos administrativos.

«A exigência da caução põe esbarros a desenvoltura com que impor-

FALA

◆ Não há necessidade de leis. As que temos coibir essas importações.

Como presidente do Comércio Varejista e Acessórios, o deputado demonstra preocupação constante com as leis, acrescentando:

— A fraude é muito grande quando se trata de documentação apreendida. Interessados não é o próprio juiz Elmeida, mas a fraude é muito grande quando se trata de documentação apreendida. Interessados não é o próprio juiz Elmeida, mas a fraude é muito grande quando se trata de documentação apreendida.

«Mas, evidentemente, é necessário que se faça uma reforma na legislação, para que se possa evitar a fraude. É necessário que se faça uma reforma na legislação, para que se possa evitar a fraude.

◆ PREJUÍZOS ANORMAIS — A situação anormal, em representação de freios sérios para a economia nacional.

«Convém lembrar que a situação é prejudicial ao comércio tradicional de conservação durante em tal coisa...»

◆ O MELHOR MÉTODO — dr. Leão Veloso extirpar o mal por dentro.

«Não obstante, do pôr fim ao comércio. Apenas, como não indefinidamente, o nosso Sindicato numa lei de automóveis. Observe a economia nacional.

tadores fictícios, os supostos, brasileiros» —

◆ «NÃO HAVERIA» — dade pública, competência funcional, parável por ação, veira Britto, e

«Socorrendo-se via de regra, alguns juizes de toda a sorte que apresentam autoridade administrativa, público».

◆ INDÚSTRIA

FALA O PRESIDENTE DO SINDICATO

◆ Não há necessidade de mais leis. As que temos já bastam para coibir essas importações irregulares.

Como presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Automóveis e Acessórios, o dr. Pedro Leão Veloso demonstra surpresa com a constante preocupação de novas leis, acrescentando:

— A fraude é mais do que evidente quando se sabe que a documentação apresentada pelos interessados não é verdadeira. Aliás, o próprio juiz Elmano Cruz, em entrevista aos jornais, fez referência a esse fato, declarando que «toda vez que se arguiu de suspeição os documentos apresentados, ele denegou o remédio jurídico solicitado».

«Mas, evidentemente, não cabe a ele, juiz, fazer prova dessa falsidade. É necessário apenas que o governo mande proceder a um inquérito para apurar devidamente a autenticidade da documentação que habilita os importadores a proceder como procedem».

◆ **PREJUIZOS AO COMÉRCIO REGULAR** — Enquanto perdurar essa situação anormal, nós os importadores regulares de automóveis, que, como representantes dos fabricantes mantemos vultosas instalações, sofremos sérios prejuízos.

«Convém lembrar, também, que o próprio comprador de automóvel fica prejudicado com essa revenda clandestina, pois enquanto nós, do comércio tradicional, oferecíamos garantia de bom funcionamento e conservação durante determinado prazo, hoje em dia ninguém sequer pensa em tal coisa...»

◆ **O MELHOR DOS PROJETOS** — É preciso que se frise — continua o dr. Leão Veloso — que nenhum dos projetos apresentados à Câmara vai extirpar o mal pela raiz...

«Não obstante, pelas suas características de lei de emergência, visando pôr fim ao abuso, o projeto Bilac Pinto parece-me o melhor deles. Apenas, como medida de emergência, pois creio que isso era perdurar indefinidamente, enquanto não se resolver a situação cambial».

«O nosso Sindicato — finaliza o dr. Leão Veloso — não está interessado numa lei que venha beneficiar exclusivamente a importação de automóveis. Objetivamos medidas mais amplas em prol da defesa da economia nacional».



O dr. Leão Veloso, presidente do Sindicato do Comércio de Automóveis: «Com a lei que já temos é possível acabar-se com os escândalos desse comércio irregular» — «Por que o inspetor da Alfândega não levanta a suspeição de falsidade de documentação quando sabe que ela é falsa mesmo?»

A PALAVRA DO INSPETOR DA ALFÂNDEGA

◆ Durante o mês de março e a primeira quinzena de abril, sobe a 1.400 o número de automóveis entrados no porto do Rio de Janeiro.

«Mas, a minha missão restringe-se, tão somente, a examinar o aspecto fiscal das importações. Uma vez que a documentação apresentada preencha os requisitos legais, satisfeitos os direitos alfandegários, não há embarço. Todavia, quando tal ocorre, o meu dever é embargar a saída. O resto corre por conta da Justiça, a quem os interessados recorrem, sistematicamente, contra o ato que os impede de retirar legalmente o que foi importado de modo ilegal».

◆ **O MELHOR DOS PROJETOS** —

O sr. Armindo Correia da Costa, inspetor-geral da Alfândega do Rio de Janeiro é a pessoa contra a qual se dirigem, diariamente, os importadores clandestinos, nos seus recursos ao judiciário, sob a alegação de que estão na «iminência de esbulho».

— Sim. Eles alegam «iminência» pois nem ainda por aqui chegaram os automóveis e já me vêm apresentar os mandados de reintegração de posse...

◆ **SÓ MESMO MUDANDO A LEI** — Com relação aos diversos projetos ora em tramitação na Câmara, assim se refere o inspetor-geral:

— Parece-me que o que melhor atende aos interesses alfandegários é o projeto do dep. Oliveira Britto, pois não só resguarda, convenientemente, o erário público, como também estende essa proteção a qualquer espécie de mercadorias, não se restringindo só a automóveis.

«Sim: Pois não é só automóvel, não! É uísque, televisão, enfim, tudo o que a lei proíbe — conclui».

◆ **ATENÇÃO PARA O TÉRMINO DA VIGÊNCIA** — Chamando a atenção dos legisladores para o fato de que a lei de importações irá prescrever dentro em breve, finaliza o sr. Armindo Costa:

— Não vá acontecer como da outra vez, que ficamos sem lei reguladora por mais de 5 dias... Aí, então, não haverá porto de desembarque que chegue para conter a enxurrada de mercadorias que virá por aí...



Armindo Costa, inspetor da Alfândega, relembra que, em 1953, ficamos sem lei durante 5 dias, e «a coisa não foi sopa...» Todos os portos brasileiros abarrotados com mercadorias não essenciais. «Vamos ver agora»....

tadores fictícios ou estrangeiros insolváveis, e o mais das vezes viajantes supostos, prossigam na prática condenável de afrontar as leis brasileiras» — acrescenta.

◆ **«NÃO HÁ ESBULHO»** — Todo e qualquer procedimento da autoridade pública, agasalhado em lei e nas linhas que enfaixam a sua competência funcional, não pode e nem deve ser considerado «esbulho», reparável por ação de reintegração de posse — afirma o deputado Oliveira Britto, e acrescenta:

«Socorrendo-se de construções jurídicas habilmente elaboradas, que via de regra só encontram amparo em pronunciamentos isolados de alguns juízes de primeira instância, vêm logrando êxito expedientes de toda a sorte que, com sensíveis prejuízos para a economia nacional, representam autêntico desafio a capacidade fiscalizadora dos agentes da administração, chegando mesmo a pôr em cheque a autoridade do poder público».

◆ **INDÚSTRIA A MARGEM DA LEI** — Nada mais justo, portanto, — con-

tinua — diante do clamor público contra o chamado escândalo das importações de bens não essenciais ou de essencialidade discutível, de uso tão repetido que já se transformou em verdadeira indústria à margem da lei, que se estenda a providência moralizadora a qualquer outro procedimento judicial.

«Um dos artigos desse meu projeto é também uma aplicação a todo e qualquer feito judicial da medida adotada em relação ao mandado de segurança e mediante a qual se evita que os postulantes, não raro falsos imigrantes e até pessoas imaginárias a serviço de poderosas organizações clandestinas, entrem na posse dos bens, ou mercadorias vindas do exterior, antes de prestarem fiança bancária idônea ou caução em títulos da dívida pública, resguardando-se desse modo os interesses da Fazenda Nacional — já que a devolução dos objetos se tornaria difícil, senão impossível, depois de consumada a importação e exaurido os seus efeitos, quando afinal a União viesse a ter ganho de causa, na instância superior, como, aliás, comumente ocorre».

De 7 em 7

● Esta vida tem coisas engraçadas: Faz tempo, o Touring Clube sugeriu a construção de um grande hotel e demais instalações moderníssimas, para dar conforto aos turistas, ali no Arpoador. Os protestos surgiram de todos os cantos, porque a turma do contra, no Brasil, está sempre de olho vivo. O tempo passou, a obra foi deixada de lado e agora veio o mar, pronto: Papou o Arpoador inteirinho! Ninguém reclama contra o mar? Nem o Caymmi? — Por essas e outras é que o futebol está por cima. Não viram os austriacos, marretando a turma brasileira à vontade? De nada valeu: acabaram engulindo os três a dois com casca e tudo. — Já a nova Miss TV não teve a mesma sorte. Com dezesseis anos incompletos, a jovem Adalgisa Colombo nunca poderia ser mais que a filhinha de papai e mamãe. O culpado disso tudo deve ser o outro Colombo, o que descobriu a América. — E o caso do lixo? Que sujeira! A turma da Praça José de Alencar juntou os seus detritos ao pé da estátua do romancista, chegaram os estudantes, tocaram fogo na canjica e foi um bafafá dos diabos. Mas no dia seguinte a praça amanheceu ainda mais suja. — Limpeza, mesmo, só nos bolsos do povo. Toda a "gang" mete a mão nesses bolsos e tira mais algum por conta. Inclusive os cinemas, que agora estão com a vida que pediram a Deus: dezoito cruzeiros para filmes Cinemascope, Vistavision e os demais sistemas inovados só para justificar os dezoito. Mas limpeza, que é bom, higiene, poltroninhas estufadas, refrigeração — não vê! — Pelas dúvidas, leitor, quando você entrar em um desses poeiras miseráveis do tempo do silencioso, antes de sentar na plateia, olhe para o fôrrô. Não vá cair-lhe nos joelhos um pobre eletricitista que ande a concertar a instalação precária, lá em cima... E é para isso que se aumenta o preço dos cinemas, não é? — Engraçadinhos! Por que não vão morar em Niterói para atravessar a baía em vasos de guerra?

ALIM PEDRO E COPACABANA

◆ Em um dos últimos números da «Revista da Semana», inserimos uma reportagem subordinada ao título de: «Mutilação de Copacabana: Crime ou Necessidade?», de autoria de W. Guarnieri. Nela, desfilavam suas impressões, pró ou contra o projeto que tira dezoito metros de praia a Copacabana, o atual prefeito do Distrito Federal, Negrão de Lima, e vários ex-prefeitos. Por um lapso, deixamos de publicar a opinião do ex-prefeito Alim Pedro, opinião que agora externamos:

— Sou contra o projeto de duplicação da pista. A solução do tráfego em Copacabana deve ser procurada nas outras vias. Quanto à Avenida Atlântica, o ideal seria proibir o tráfego de veículos na atual pista. De resto, o projeto em aprêço depende de profundos estudos técnicos inclusive de laboratórios especializados.



CHAMORRO
Foi à Argentina.



GENERAL LOTT
Sai dessa.



JOÃO GOULART
Canadá à vista.



DIDI
O samba venceu a valsa.

NACIONAIS

ANDAM FAZENDO «onda», porque em entrevista a uma de nossas revistas, o poeta Augusto Frederico Schmidt confessou que uma das figuras mais admiráveis de toda a Sagrada Escritura era... Dimas, o Bom Ladrão...

«ABILOLADO», última criação de alguns cronistas sociais cariocas, é termo de significado depreciativo, no Nordeste, de onde foi importado. Para governo dos moços, significa simplesmente: efeminado, cheio de dengues. De modo que é feio dizer, como certos cronistas sociais: «Hoje estou completamente abilolado...»

CHAMORRO, quíper do Flamengo, dono de um caminhão e considerado o jogador mais «pão duro» do futebol carioca, partiu para a Argentina, sua terra natal, em viagem de férias. Também Alarcón, do América, foi visitar os seus, deixando de participar das excursões de seu clube por ter sofrido, no último jogo do campeonato, fratura do calcâneo.

O GENERAL Teixeira Lott vem de ser acusado, pelo almirante Pena Botto, de ter infringido o regulamento do Exército, ordenando, a 11 de novembro, o afundamento de navios brasileiros. Já entrou com uma ação, Pena Botto, contra o discutido ministro da Guerra.

O CÔNSUL Hugo Gouthier, que tem feito pressão sobre os contrabandistas de Cadillac, recebeu o telefonema de um homem, falando um inglês meio germânico, o qual lhe dizia que, ou parava com a campanha ou sua filhinha, de 3 anos de idade, seria vítima do ódio de todos os implicados no escandaloso negócio.

ESSE NEGÓCIO de dar revanche é mesmo muito ruim: o Vasco, por exemplo, foi dar revanche a um timezinho turco, e entrou bem; e no Recife, o América, após ter sido derrotado

BENJAMIN PERET NA PRISÃO

◆ O POETA surrealista Benjamin Peret (viúvo de brasileira, pai de brasileiro, cunhado do crítico Mário Pedrosa, brasileiro), há cerca de 6 meses solicitou, em Paris, visto consular para visitar o Brasil, onde já estivera em 1930. Para aqui veio, sem qualquer dificuldade. Mas agora, quando resolveu voltar a Paris e foi tratar do visto de saída, soube que, na polícia, existia um processo de expulsão, contra ele, desde o ano de 1931, quando ainda era chefe de polícia o senhor Batista Luzardo. E lá ficou o poeta preso, a despeito de inúmeros protestos de intelectuais brasileiros. Com a ameaça de fazer greve da fome, parece que Peret comoveu as autoridades nacionais, que afinal o soltaram, com muitas desculpas. Agora, Benjamin já deve estar de volta a Paris, certamente sem nenhuma saudade de nossa esquisitíssima terra, que mete poetas na cadeia e deixa ladrões soltos por aí...

pelo Santa Cruz, obteve revanche e o encaçou de 3 a 0.

VILLA-LOBOS foi escolhido para integrar o Fundo Internacional de Música, criado por Koussevitzky. O nosso maior compositor ali estará ao lado de Casals, Sibelius, Stravinsky, Vaughan Williams, Albert Schweitzer e outros.

O VICE-PRESIDENTE João Goulart visitará o Canadá dentro em pouco, a convite do governo daquele país. Também os Estados Unidos receberão a visita de Jango.

A semaninha

Duas ossadas humanas foram encontradas nas obras da rua Guaramiranga, em Encantado...

Duvidamos que o encarregado da obra ficasse «encantado» com a descoberta.

— Foi preso pela polícia: vendia multas da COFAP...

Pasmem! Como se admite que ainda haja quem queira comprar multas?!...

— O juiz Elmano Cruz declarou que para por cêbro à importação de automóveis, o remédio há que ser dado pela lei e não pelo juiz...

Discordamos completamente! O remédio, para se tornar mais eficaz, há que ser dado pelo médico ou pelo farmacêutico.

— No fim do mês, a solução do aumento dos previdenciários...

Ainda bem que já estão tpmando. «previdências»!

Santos Alves



GRACE KELLY
Ainda?



PIERANGELI
Bacia Cara.



GERARD PHILIPPE
Papai.



MAXWELL
Isso fala?



ROSSELLINI
Foi à Índia.



INGRID
Virá ao Rio?

INTERNACIONAIS

TANTO é o prestígio de Grace Kelly, que nos Estados Unidos já se pensa em fundar uma Associação dos «Primos de Grace Kelly».

AINDA EXISTEM feiticeiras na Alemanha! Pelo menos, todos os anos os tribunais da Alemanha Ocidental são obrigados a resolver sessenta processos de feitiçaria.

CENTO E QUARENTA litros de cerveja, é quanto bebe cada cidadão britânico, em média, anualmente. O consumo de cerveja está aumentando incrivelmente, nas Ilhas Britânicas. E o do uísque decresce.

O SULTÃO de Berar, Azan Jah, tinha, até há pouco tempo, nada menos de sessenta esposas. Agora, as meninas resolveram entrar de férias para todo o sempre. Motivo: o pai do sultão, vendo que o rapaz estava gastando muito, resolveu cortar-lhe a mesada. E como sem dinheiro nada se faz...

EXISTEM, NO MUNDO INTEIRO, cento e trinta e três porta-aviões, em serviço ou em construção: 106 são americanos, 21 ingleses, 5 franceses, e 1 holandeses.

UM RAPAZINHO de dezessete anos fez-se há pouco passar, na Bélgica, pelo falecido príncipe Carlos II, recebendo grandes demonstrações de alegria, de parte dos «súditos». Um professor universitário descobriu a patranha, e o menino teve de abdicar à força, de sua posição.

ROBERTO ROSELLINI partiu para a Índia, onde rodará um filme, com toda a sua equipe. O marido de Ingrid Bergman anda meio apagado, nos últimos tempos. Quanto à sueca, dizem que virá ao Rio.

GERARD PHILIPPE é pai, e pai ciumento. Seu garoto chama-se Olivier, e está com um mês. Já pesa quatro quilos. A mãe é Nicole Philippe.

COMO não havia mais nada para musicar, os norte-americanos resolveram lançar, na Broadway, nada mais nada menos que... «Candido», de Voltaire. O texto foi «melhorado» pela dupla Ethel Liner-Reiner...

AVA GARDNER sofreu um acidente automobilístico, quando levava ao aeroporto de Madrid alguns amigos de partida para os Estados Unidos. Dizem que o carro da estrela ia a grande velocidade. Estamos apostando como tem uísque escondido nessa história.

HISTÓRIA CONTADA pelo escritor americano Truman Capote, a respeito de sua viagem a Moscou: «Perguntaram-me, que escritor americano mais influíra sobre a nova literatura americana. Disse-lhes que dois: Hemingway e Henry Kamos. Porém, a Freud se devia talvez a maior parcela de influência. Silêncio pesado no ambiente. E' que nenhum dos escritores soviéticos presentes conhecia sequer o nome de Freud».

ELZA MAXWELL está na Itália, preparando com grande afincio mais um de seus ultra-famosos «Cruzeiros das Celebidades».

ANDRÉS SEGOVIA, como todos sabem, é o maior violinista de todos os tempos. Também é professor. Sua mais recente aluna é a italianinha Gianna Maria Canale. Segovia ensina, presentemente na Academia de Siena.

NA ESPANHA, milhares de operários acham-se em greve, descontentes com os salários de fome que percebem. O fato é tanto mais grave quanto nunca, anteriormente, se havia esboçado um gesto de reação ao regime franquista, que alguns observadores acreditam estar ameaçado seriamente.

NA INGLATERRA, um rapaz assistia a um jogo de futebol, irritadíssimo, porque, entre milhares de outros assistentes, a bola escolhera justamente a sua cabeça para acertar em cheio, duas vezes consecutivas. Em dado instante, levantou-se, pegou de uma navalha que trazia e atirou-a no meio de campo. A navalha foi cravar-se na perna de um jogador...

FRANÇOISE SEGAN acabava de publicar seu segundo romance: «Un certain sourine», que os críticos literários já começam a considerar superior ao já famoso «Bonjour, Tristesse».

HÁ UMA CIDADE a venda, na Argélia. E' Roknia, ameaçada pelos nacionalistas. Sua centena e meia de habitantes não sabe se virá para o Brasil, ou para o Canadá.

ANA MARIA PIERANGELI acionou, por perdas e danos, a companhia de aviação Western Air Lines. Recordar-se que foi a bordo de um avião dessa companhia que a atriz sofreu uma queda quebrando a bacia. Agora, exige 209 mil dólares de indenização. Será que a bacia é de ouro?

A vingança do mar

◆ Não é de hoje que o mar, nessa cidade do Rio de Janeiro, vem levando na cabeça. A praia do Russel é terreno a ele amputado; o aterro onde foi realizado o Congresso Eucarístico Internacional sepultou, sob toneladas de areia, muitos metros quadrados de um mar verde e formoso; vão aterrar um pedaço de mar, no Flamengo; e já se cogita em arrancar dezoito metros, não de mar, mas de praia — o que, afinal de contas, vem dar no mesmo — em Copacabana, sacrificando-se, assim, ao bem-estar dos carros e dos pobres banhistas copacabanenses. A tudo isso assistiu, sem revoltas, o mar carioca. Mas há alguns dias, certamente zangado com alguns comentários menos airoso que alguns jornais e revistas estamparam sobre a inutilidade do mar, o bicho encapelou-se, ergueu-se sobre as suas ondas, num vaivém poderoso e ensurdecedor, e escolheu para vítima justamente aquela que é sem qualquer dúvida a mais bela das praias do Rio: a do Arpoador, conhecida também pelo vulgo de «Arpa», pelos brotos super-super que a frequentam. Foi curto o combate: duas ou três horas. Ao fim dele, as ondas lambiam, dócilmente, o paredão que delimita a praia sacrificada com o asfalto da Vieira Souto; a areia do Arpoador era território reconquistado, e ali, onde outrora corpos esculturais ou atléticos adquiriam uma tonalidade de cobre, ao sol do meio dia, peixinhos hoje executam, com graça e maviosidade, seus primeiros movimentos natatórios...



PARIS MATCH (David Langdan)



TRIBUNA DA IMPRENSA (Hilde)



RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

12 VIAGENS POR DIA

PARTIDAS DE SÃO PAULO

6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS

7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO

5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO

Rua Álvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Lda.

AZASO EB-5

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Pintou homens com rostos compostos de frutas e de flores:

- Bosch?
- Bruegel?
- Arcimboldo?

2—Chamou-se Montcorbier:

- Ronsard?
- Voltaire?
- Villon?

3—Como se diz «Catedral» em italiano:

- Catedrale?
- Chiesa?
- Duomo?

4—Além de Leonardo da Vinci, houve um Leonardo Vinci:

- Escultor?
- Músico?
- Também pintor?

5—A terra do Prestes João é:

- Somália?
- Abissínia?
- Líbia?

6—Cláudia Muzio nasceu:

- em 1900?
- em 1889?
- em 1893?

7—«Kyrie Eleison» é expressão litúrgica de origem:

- latina?
- hebraica?
- helênica?

8—Enfants sans Souci, célebre grupo medieval de:

- Ladrões?
- Religiosos?
- Comediantes?

9—Foi um célebre astrônomo:

- Flammarion?
- Champollion?
- Odilon Redon?

10—Escreveu «Muralha da China»:

- Rilke?
- Kafka?
- Kupka?

11—A tela «Entérro do Conde de Orgaz» é de:

- El Greco?
- Berruguete?
- Nuno Gonçalves?

12—«Rose Totto» é uma peça de:

- T. S. Eliot?
- T. Williams?
- E. T. A. Hoffmann?

13—Que poeta costumava passear com uma tartaruga amarrada a um barbante:

- Baudelaire?
- Lautreamont?
- Aloisius Bertrand?

14—David Hume foi célebre como:

- Comerciante?
- Filósofo?
- Militar?

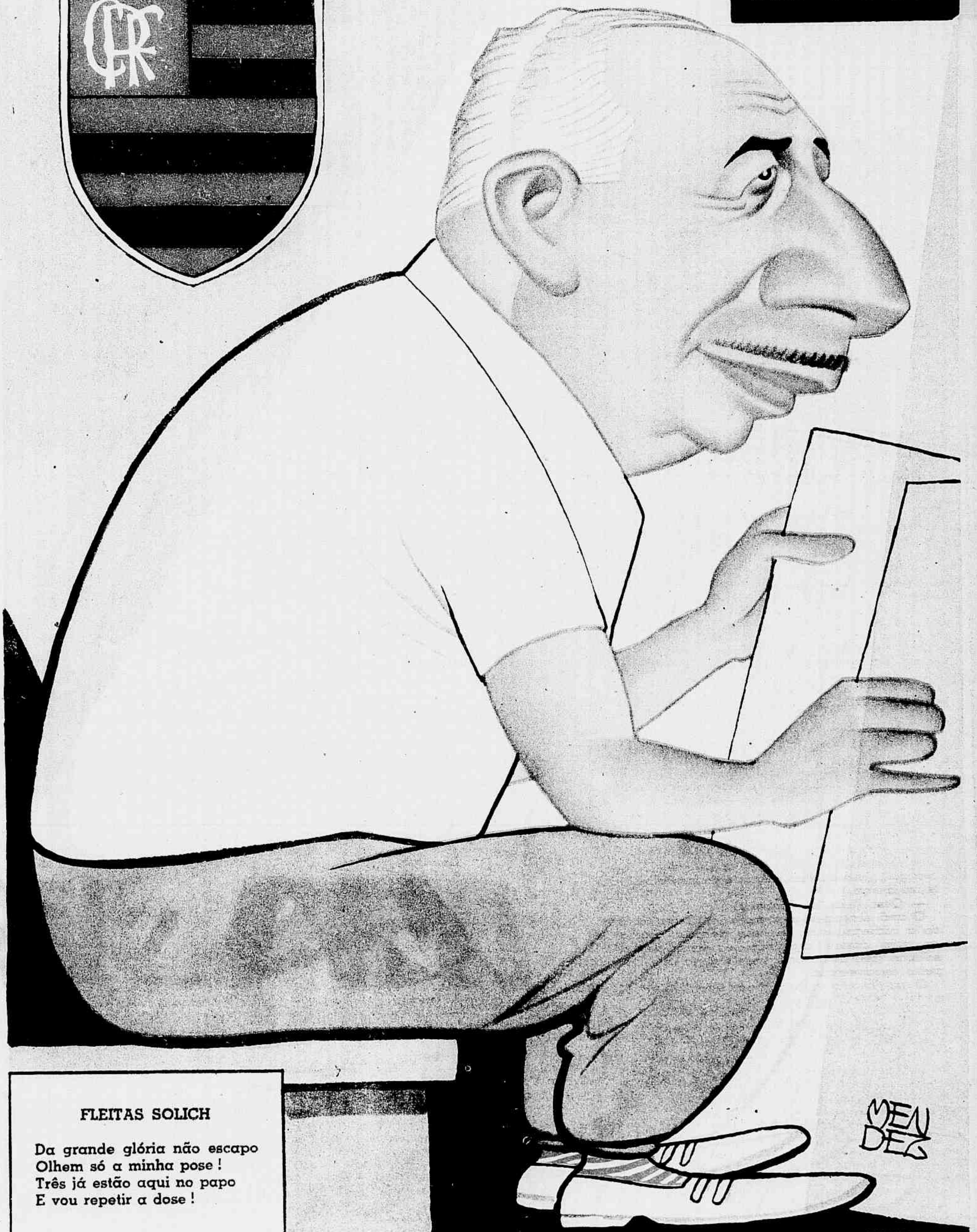
15—Em que ano foi pela primeira vez empregada a artilharia com pólvora:

- 1453?
- 1336?
- 1451?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

REPOSTAS: 1 — Arcimboldo; 2 — Villon; 3 — Duomo; 4 — Músico; 5 — Abissínia; 6 — 1889; 7 — Helênica; 8 — Comediantes; 9 — Flamma-
rion; 10 — Kafka; 11 — El Greco; 12 — T. Williams; 13 — Baudelaire;
14 — Filósofo; 15 — 1336.

**A FIGURA
EM FOCO**



FLEITAS SOLICH

Da grande glória não escapo
Olhem só a minha pose!
Três já estão aqui no papo
E vou repetir a dose!

O AVÔ ARKHIP E LENKA

(Continuação do número anterior)

Conto de MAXIMO GORKI

Desenho de RAMÓN

O AVÔ engolfava-se em discursos relativos ao seu próximo fim, e ainda que Lenka o começasse escutando com atenção, espantava-se ao considerar a situação em que a morte do velho o colocaria, e acabava por chorar. Outras vezes fatigava-se de ouvir seu avô dizer sempre o mesmo.

Produzia-se nêle a reação; deixava de escutá-lo, absorvia-se noutros pensamentos, e o avô, ao notar isso, incomodava-se, e dizia a Lenka:

— Criança! não sabes apreciar os cuidados que te dedico.

Lenka até chegava a dizer-lhe em tom de exprobação que desejava que o avô morresse o mais depressa possível.

— E's um tolo e não podes compreender a vida. Que idade tens? Onze anos apenas, e és débil, não serves para trabalhar. Crês que haverá alguém que te ajude? Se tivesse dinheiro toda a gente te ajudaria a gastá-lo. Podes ter a certeza disso. Agora, a ter de pedir esmola, nem ainda para um velho como eu. É preciso adular, é indispensável dirigir uma súplica a cada um. Insultam-te, às vezes maltratam-te, repelem-te mesmo... Crês que consideram o mendigo como um homem? Jamais. Em nenhum caso. Sei-o por experiência, sim, porque há dez anos que me arrasto por aí. Dão-te esmola, porque imbecilmente estão convencidos que com isso ganharão o paraíso dos céus. Não sabes por que muitos dão esmola?... Pois não a dão por que a isso os mova a piedade, não. Dão-na para tranquilizarem sua consciência. O homem é um bruto que jamais tem piedade do mendigo, porque não compreende o que êle padece. O homem farto e o homem esfomeado são inimigos irreconciliáveis, e serão eternamente um mútuo obstáculo. Por isso é impossível que tenham piedade e que se compreendam mutuamente. Para o que se encontra farto, o mendigo não é mais que um montão de estérco colocado no seu caminho.

A tristeza e a cólera animavam o avô.

Os seus lábios tremiam e os olhos, agora faiscantes agitavam-se vivamente nas roxas órbitas das suas pálpebras. As rugas do seu rosto pergaminhado pronunciavam-se mais e mais e faziam-se mais profundas.

Lenka não gostava de vê-lo assim e até lhe tinha medo.

— Eis porque te pergunto com frequência: que farás no mundo? És um rapaz enfêrmo e o mundo é uma bêsta feroz. Eu te quero com toda a minha alma. Não tenho mais ninguém do que tu, e tu não tens mais ninguém do que eu. Como hei de morrer?... É impossível deixar-te só... E com quem haveria de deixar-te?... Meu Deus!... Por que me abandonas?... A vida é um peso insuportável, para mim, e, no entanto, não devo, não posso morrer, porque é preciso que te proteja. Há sete anos que estás comigo... As minhas rugosas mãos embalarão-te no berço.

— Que Deus me proteja!

O avô sentou-se e rompeu a chorar, ocultando a cabeça entre os seus trêmulos joelhos, e as suas costas agitavam-se, sacudidas pelos soluços que brotavam convulsivamente do seu peito escaveirado.

O rio descia a sua corrente impetuosa, chocando estrepitosamente contra a areia, como se quisesse afogar com a sua voz profunda os soluços do ancião. O sol, livre de nuvens, sorria alegremente, espargindo a sua doce claridade e dominando o tumulto das embravecidas ondas.

— Basta. Não chores mais, avô, — disse Lenka com voz doce e, aproximando do velho o seu rosto sombrio, acrescentou: — Não falaremos mais disso. Não me acharias desamparado. Iria servir em qualquer restaurante.

— Aceitar-te-iam? — disse o avô unindo os gemidos às lágrimas.

— É provável. E que diabo, não é fácil que me matem, e se tal não fizerem, que importa o resto? — exclamou Lenka com ímpeto. — Se não me matarem, abrirei caminho. Sairei vencedor.





Calou-se, e depois de breves momentos de meditação, disse em voz baixa:

— Se fôr preciso, entrarei para um convento.

— Se é que lá podes entrar, — suspirou o avô, a quem aquela idéia deu ânimo.

Encurvou-se de novo impulsionado por um violento ataque de tosse que o afogava... Sobre as suas cabeças, sentiram um grito agudo e o ruído estridente de umas rodas que giravam.

— Eh! da barca! Eh! da barca! — gritou uma voz formidável, que abalou as camadas atmosféricas.

Avô e neto tremeram. Levantaram-se rapidamente e apanharam os seus alforjes e os paus que lhes serviam de bordões.

Uma carroça de duas rodas penetrava na faixa arenosa, com estrondo ensurdecedor. Um cossaco ia dentro, em pé, com a cabeça deitada para trás coberta com um peludo gorro, caindo sobre a orelha. Preparava-se para lançar um segundo grito aspirando o ar com toda a boca aberta e enchendo o seu robusto peito. Os seus brancos dentes destacavam-se no quadro da sua barba negra e sedosa e dos seus olhos grandes, abertos e injetados de sangue, em virtude do esforço. Pela entreaberta camisa, pois tinha deitado com negligência para trás o seu largo capote, via-se um corpo felpudo e tostado pelo sol. A sua figura, robusta como um cavalo e resistente como as rodas circundadas de aros de ferro da carroça que guiava, denunciava no cossaco saúde a toda prova e um alto espírito de dominação e de poder.

— Eh!... eh!...

O avô e o neto tiraram os gorros e saudaram-no amistosamente.

— Bons dias, — exclamou com voz impiedosa o recém-chegado.

Depois de olhar a margem oposta com atenção e rosto torvo, e de ver sair a barca de entre a folhagem, voltou-se para os mendigos e perguntou-lhes:

— Vocês vêm da Rússia?

— Da Rússia, meu benfeitor, — disse Arkhip saudando-o.

— Por lá há muita fome, não é verdade? E saltando da carroça dedicou-se a examinar os arreios.

— Até os bichos de conta morrem de fome!

— Até os bichos de conta?... Ah! Ah!... Oh! mas de certo não há fome para que submeta o ombro ao trabalho.

— No meu país, meu benfeitor, a principal causa da fome é a pobreza do solo. Obstina-se em não produzir. Temos-lhe extraído já tanto!...

— O solo! — E o cossaco sacudiu a cabeça. A terra deve produzir sempre e por essa razão foi dada ao homem em patrimônio. Não é a terra a coisa má do vosso país, mas sim as mãos que a cultivam. Com boas mãos até as pedras produzem. Nunca estiveste além, na outra parte do Mar Negro? Ali, meu velho, lavra-se até nas pedras.

A barca aproximava-se.

Dois robustos cossacos firmaram os seus enormes pés no piso da embarcação. Atracaram bruscamente. Arrojaram a corda, e olhando-se reciprocamente, começaram por tomar alento de novo.

— Faz calor! — disse o proprietário da carroça ao pô-la na barca, ao mesmo tempo que levava a mão ao boné.

— Ah! Ah! — sorriu um dos condutores, mettendo as mãos nos profundos bolsos das suas calças, e, aproximando-se depois da carroça examinou-a, e pôs-se a tomar o ar a plenos pulmões. O outro sentou-se no fundo da barca e começou a recolher o cabo, não sem queixar-se do trabalho que lhe dava.

O avô e Lenka entraram na barca e, tomando posição junto à borda, olhavam os cossacos.

— Vamos — gritou o proprietário da carroça.

— Tens alguma coisa que nos dar a beber? perguntou-lhe o que examinava os arreios.

— Não, não tenho nada. Mas por que mo perguntas? Por acaso não tem o rio água bastante?

— Água? Eu não peço água!

— Ah! O que tu queres é aguardente, não é isso?

— E por que não a tens tu? — replicou melancolicamente o que tinha perguntado, fixando os seus olhos no fundo da barca. Vamo-nos.

O cossaco então enrolou o cabo recolhido.

O seu companheiro cuspiu nas mãos e começou a içar a corda.

O proprietário da carroça ajudou-o naquela operação, e a barca pôs-se em movimento.

— E tu, avô, por que não nos ajudas? — exclamou, dirigindo-se a Arkhip o condutor que tinha pedido a aguardente.

— Porque não posso, — respondeu o velho com acento lastimoso.

— Não há que ajudar, — disse o outro condutor.

Ela nos levará ao outro lado. E como tivesse querido demonstrar ao avô do seu dito, deitou-se no convés da barca.

O seu camarada rompeu com injúrias contra ele, mas vendo que não conseguia resposta, começou a sapatear junto ao convés.

— Vê aí, Lenka, esses homens gordos e fartos de tudo! Esta região é um paraíso para um lavrador, cochichou Arkhip, ao ouvido de seu neto que se entretinha a contemplar a água.

Repelida sempre pela corrente que lhe batia, num ruído seco, a barca vacilava na sua marcha e avançava com muita lentidão.

— O porco firma que não é a terra, mas sim as mãos, que são más, mas ele não trabalhou nunca! — murmurou o avô — Por que é que Deus dá tanto a uns e a outros nada?

E logo calando-se um instante, como se esperasse que Lenka respondesse, deu-lhe a resposta a si mesmo: — Para pôr a alma a exame. A alma que se subleva perecerá sem gozar alegria nem tranquilidade nesta vida.

Lenka, com os olhos na corrente, sentia a cabeça enfraquecida e que a vista lhe fugia, fatigada pelo rápido curso das ondas. O surdo cochichar do avô, o chiar da corda, o bramir das ondas adormeciam-no cada vez mais. Quis estender-se sobre a borda, na profundidade do seu sono, porém sentiu depressa que alguma coisa o sacudia e o deixava cair. Abriu os olhos desmedidamente e olhou em torno. Os cossacos riam e amarravam a barca à borda do rio, perto de um tronco carbonizado.

— Adormeceste? Como és piegas! Vai para cima da carroça que te levarei até à vila. E tu, avô, anda também. Irás a meu lado.

O avô agradeceu aos cossacos com voz doce e fanhosa e subiu para a carroça, exalando um gemido. Lenka subiu também, e imediatamente empreenderam o caminho entre os redemoinhos de pó denegrido, que obrigava o avô a tossir constantemente.

O cossaco entoou uma canção singular. Atacava as notas pelo meio e acabava-as assobiando. Algumas vezes começava recitando versos, e, cortando-os bruscamente, entoava outra coisa qualquer com voz de falsete muito aguda.

A canção se harmonizava em absoluto com a estepe infinita, monótona.

As rodas chiavam dolorosamente. O pó invadia o espaço, e o avô, sacudindo a cabeça, não deixava de tossir. Lenka pensava que não tardaria muito em chegar à vila dos cossacos e que lhe seria necessário cantar debaixo das janelas das casas, com voz fanhosa, a eterna canção:

Deus! Jesus Cristo!...

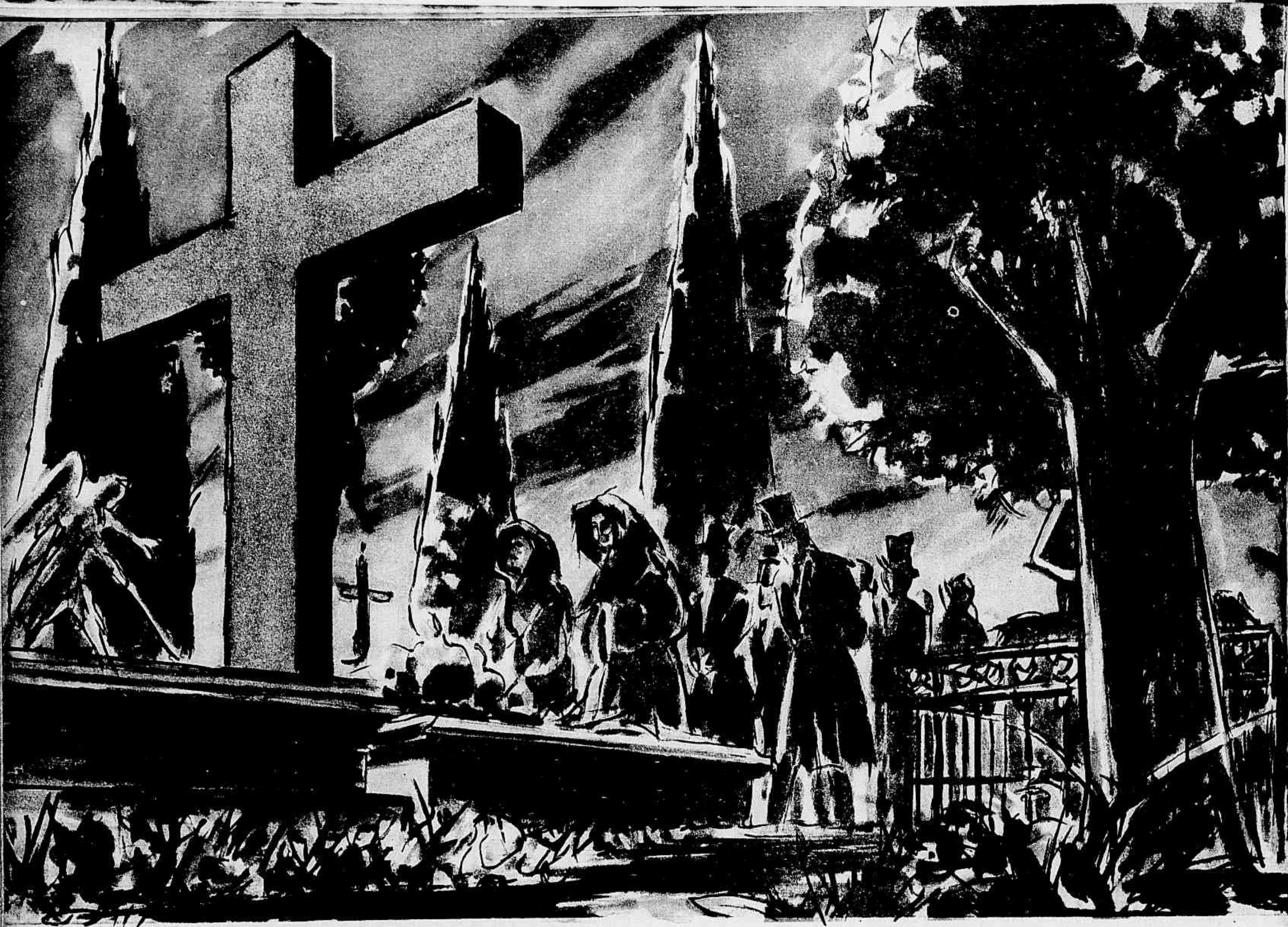
Os vadios da vila arranjarão questão com eles, mais uma vez, e as mulheres importuná-los-iam com as suas perguntas sobre a Rússia e sobre um infinito número de coisas.

E enquanto ele responder à perguntas que lhe fizerem, o seu avô tossirá cada vez mais e mais forte, inclinando tanto a cabeça para o chão, que o fará sofrer e expressar-se de um modo mais lastimoso que de costume.

Dirá, por exemplo, que na Rússia morrem as pessoas no meio das ruas e que ali permanecem os cadáveres dias inteiros, porque não se encontra quem possa dar-lhes sepultura, por se acharem todos miseráveis e estenuados pela fome.

E é necessário inventar tudo aquilo para a esmola ser mais abundante. Mas que fazer com aquela esmola? No seu país poderia vendê-la a quarenta ou cinquenta kopeks os dezesseis quilos, mas onde se encontrava, ninguém a queria. Mas por que motivo andava o avô incessantemente de um lugar para outro? Se ao menos permanecesse uma semana em cada um!... Mas não; chegava, fazia a sua correria pelas ruas, colhia quanto lhe era possível, e voava para outra parte, como ladrão perseguido.

(Continua no próximo número)



ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VERNON

Ilustração de RAMÓN

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

DEPOIS de uma hora de caminhada, o cocheiro deteve seus cavalos, diante de um edifício rodeado por uma muralha de pedra. Dois policiais, que acompanhavam a carruagem, apearam-se dela e bateram violentamente à porta. Esta se abriu lentamente, mostrando um vulto que logo se desdobrou em duas silhuetas, contra a luz de uma lanterna. Eram dois monges, que estendem o cadáver sobre um branco lençol. O cortejo prossegue. Está agora no cemitério religioso dos Cisterciãos, em Heilige Kreuz. Por entre as tumbas silenciosas avança o cortejo, que termina por se deter ante um túmulo aberto de pouco. Um caixão de madeira branca é depositado no chão, o corpo nele é colocado, e, sem que a tampa seja cerrada, descem o esquife ao seio da terra, por intermédio de cordas. O vento mudou sua cantiga, parece agora lastimar a jovem viúva que se interrompeu de modo tão trágico... E as árvores entoam o Réquiem soluçante da morte...

Como um pássaro ferido, que sem sentir que o sangue goteja de seu ferimento, alça-se ao céu, para logo em seguida tombar prostrada ao solo, a alma frágil de Elizabeth foi violentada, aquele dia, com esse último e violento golpe. Nunca mais a tranquilidade ou o repouso conseguirão soerguê-la. O pássaro de asas feridas foge para as distantes regiões

que tem por hábito percorrer, por toda parte soltando seus lancinantes gemidos. Elizabeth vai da Baviera à Itália, à Espanha, ao Egito. Detém-se ante as Pirâmides e contempla, muda, durante muito tempo, o rosto mutilado da Esfinge. Depois, é o céu brumoso da Inglaterra que a atrai, mas somente de passagem, de vez que a atmosfera pesada da velha Albion conservadora a oprime demasiado. Elizabeth parte. As mimosas, o céu azul e os rochedos abruptos dos Alpes Marítimos chamam-na inúmeras vezes a Cap Martin, a Nice, a Montecarlo. Trinta anos depois, ela deseja rever Madeira. Sem retomar fôlego, ela vai de um a outro canto da Europa. Cansada, afinal, torna para a filha Valéria, para estreitá-la em seus braços, e cuidar dela como se fôsse ainda uma criança. Nesse gesto ingênuo, semi-inconsciente, há todo o seu drama de mãe fracassada, toda a frustração de sua oprimida maternidade. Cada vez que se aproxima de Valéria, Elizabeth julga aproximar-se de um berço. Esquece-se de que a própria Valéria já é mãe também. Longe de Viena, nas florestas bávaras, sobre as margens eternamente ensolaradas do Mediterrâneo, ou no «fog» londrino, à sombra das laranjeiras da ilha da Madeira, escravizada ao passado, e rodeada somente de alguns poucos íntimos, entre os quais Ida Ferenczi, Elizabeth tenta aliviar sua alma por demais ultrajada. Ela acusa: toda a espontaneidade, toda a frescura de alma, toda a alegria irradiante trazidos da casa paterna

foram eliminadas, aniquiladas, destroçadas e desprezadas, na Corte de Viena. Pura como uma noite de maio cheia do aroma dos jasmims, vira ela, no dia seguinte ao de suas núpcias, seu espôso brutal e satisfeito contar à mãe, com falta incrível de discrição e delicadeza, os detalhes daquela noite que, em sua vida conjugal, deveria ter ficado como o talismã secreto e misterioso de sua felicidade. Confusa e soluçante, Elizabeth abandonara o lugar atirando ao longe seu guardanapo. Esse primeira ferida fôra curada pelo tempo, porém, poucas semanas mais tarde, pelos sussurros indiscretos de algumas damas da Corte, ela saberia que Francisco José, êsse «servo coroado», a havia traído miseravelmente com as próprias criadas que lhe faziam a cama! Desde aquê- le momento, muito embora conservasse as aparências indispensáveis, rompera-se a intimidade de sua vida conjugal. A castidade de Elizabeth, sua pureza diamantina, que, no meio de tantos admiradores, jamais teve qualquer mancha a empaná-las, duraram até ao fim de sua existência, como um protetor invisível mas poderoso contra a brutalidade e a grosseria masculina, de que sofrera as conseqüências no dealbar, mesmo, de sua vida.

A galeria de retratos masculinos que podemos observar em torno de Elizabeth, como por exemplo Andressy, Deck, Luís II, Christomanos, o pequenino grego aleijado, não representam mais que símbolos em sua tragédia. Andressy e Deck, emanações de uma nobre terra oprimida, foram por ela amados, mas apenas no plano espiritual. Luís II talvez tenha simbolizado, para a prima, o Príncipe Encantado, porém, se foi ela sensível à sua beleza masculina, foi como que por um mero reflexo dela mesma, onde se mirava sem cessar, qual Narciso ante o regato. Christomanos, feio e aleijado, seu professor de grego, e companheiro de viagem a Corfu, trazia em si o ardor de um povo antigo e cheio de glória, composto de heróis e de semi-deuses. Guiada por êle, Elizabeth esquecia por momentos a triste realidade da Corte vienense, para viver entre as sombras e as pradarias da velha Hélade.

Afinal, e acima de todos, a grande sombra do poeta maldito Heinrich Heine, sustentava sua revolta latente contra tudo o que detestava ela e que a oprimia de maneira irresistível.

O COMEÇO DO FIM

Na última etapa da existência, Elizabeth se entrega a um misticismo sem limites. Não é, porém, o misticismo de uma fanática conturbada pela dor: Elizabeth se lança aos pés um Deus cruel e destruidor, de Jeová, e implora-lhe perdão e piedade. Quando Valéria, certa vez, lhe diz essa frase: «Em tais ocasiões, é preciso entregar-se, inteiramente, à vontade de Deus», ela retruca: «Quando Êle se põe a destruir, o Grande Jeová é terrível, tal como a tempestade. Eu O amo, e em plena poeira, do fundo de minha condição, e sem esperar recompensas...»

Para melhor exprimir sua completa e cabal submissão aos desígnios de Deus, por vezes Elizabeth se lança ao solo, soluçando:

— E' assim que é preciso adorar ao Grande Jeová. E mesmo, nada se Lihe pode fazer, além de adorá-Lo, pois não Lhe podemos endereçar reprimendas...

Outras vezes, porém, Elizabeth suplica a Jeová, e pronuncia votos, os quais, se cumpridos (promete ela), leva-la-iam a purificar-se em Mariazell, pois as montanhas alpinas, e as florestas sombrias, cheias de canto dos pássaros, são poemas de Deus.

Todos os esforços da filha e das amigas para detê-la em Viena são inúteis. Apenas chegada à capital, e depois de abraçar longamente a moça, diz-lhe Elizabeth:

— Minha criança, não fôra o gosto de te rever, e creio que não voltaria. Este palácio de Hofburg me oprime cada vez mais, e atira-me à catástrofe. Não demoro a repelir o fardo de minha vida. Olha, de vez em quando acredito que Rodolfo matou minha mãe. Não fôsse o meu Grande Jeová, e nada mais mereceria minha atenção...

Seu cálice de sofrimento ainda não estava totalmente cheio, porém. Ainda havia um espinho para feri-la. Chegara a vez de seu melhor amigo, o conde Andressy. Já não tem a Imperatriz lágrimas, e é de olhos secos, porém com a alma sucumbida, que após essa, a notícia de outra morte — a de sua irmã Helena —, chega-lhe ao conhecimento. Dessa vez, porém, ela se revolta mesmo contra Deus.

Onde ter algum repouso? O espelho azul do Adriático a atrai, porém essa alma perturbada já não sabe seguir o seu caminho. Detém-se em diversos locais, a fim de tomar fôlego e então seguir novos roteiros. Após idas e vindas à Itália, à Alemanha, à França, chega afinal a Corfu. O palácio, para cuja construção tanto implorara ela ao Imperador Francisco José, já está quase terminado, e a paisagem reinventada por Elizabeth

relembra a época homérica. Eis aqui Aquiles moribundo, pouco adiante o Triunfo de Aquiles, e por um capricho de Elizabeth, no meio de tantos mármore antigos, a cópia da estátua de Canova representando Paulina Borghese, irmã de Napoleão. Para coroar tal conjunto, deseja colocar a Imperatriz também as estátuas de Heine, e de seu filho, Rodolfo. Sob árvores milenares, seguida pelo pétreo olhar de estátuas clássicas, Elizabeth passeia com Christomanos, recitando poemas helênicos, ou discutindo filosofia.

— Para nos reconciliarmos com a vida, não há nada melhor que solidão. Os homens chegam ao âmago de todos os objetos apenas quando êles estão sós. E' sozinho que a beleza eterna brilha nêles. Não são acaso mais belos nossos sonhos quando não os realizamos?

Desde do longo estágio em Corfu, subitamente Elizabeth se cansa da ilha. Encontramo-la então em Cap Martin. Aqui, seu destino se cruza com o da viúva de Napoleão III. Não é a primeira vez que ela encontra a ex-Imperatriz. E as duas dores se confundem: uma, sobre um trono, mas cambaleando entre túmulos; a outra, espoliada, viúva, tendo perdido o filho em um recanto obscuro da África, mas ainda conservando, como que por milagre, essa paz interior que, para o resto da vida abandonara o coração de Elizabeth.

UMA MULHER QUE SOFRE

Foge o tempo, minuto a minuto, dia a dia, mês a mês e ano a ano, deixando sua marca na alma e no rosto de Elizabeth. Agora, já possui o mundo uma opinião formada sobre a Imperatriz de Austria: o que em outras, seria atribuído à fadiga ou à idade, no que se refere a ela é interpretado como uma manifestação de loucura com intervalos lúcidos. A decrepitude física e moral a subjugou, em realidade. Mas, certo dia de 1896, ela deve partir para Budapest, onde se inaugura a ala de um novo castelo.

A 8 de junho, uma grande recepção solene, por ocasião do Milenário da fundação da Hungria, faz com que apareça em público. Deixou-nos um contemporâneo uma descrição daquele dia, ao mesmo tempo em que nos fixou, em cores indelévels, um retrato admirável daquela mulher que, ao contacto com seus queridos magiares, como que rejuvenesce:

— «Ei-la, tôda em negro, na sala do trono, em pleno Castelo Real. Está vestida à maneira húngara, e é a própria imagem da dor. Um véu negro desce de seus cabelos espessos; no meio de tôda essa cor escura que reina em seu vestuário, um rosto branco como a cera emerge. Tem uma expressão de tristeza inlinita... A Mater Dolorosa... E' bem o mesmo retrato, tantas vezes fixado em telas célebres. Os mesmos traços amargos e orgulhosos, a franja de rugas na testa, a coroa suntuosa de espinhos... O belo rosto, embora martirizado pela dor, conserva ainda a sua beleza. E' o mesmo retrato, é certo, porém envolto em um véu de nebulosidade. Ali está, calma e insensível como se nada visse ou escutasse. Apenas sua alma parece errar, sozinho, ao longe. Nenhum movimento, nenhum olhar que demonstre o mínimo interesse. E' uma estátua de mármore. Subitamente, ouve-se o Hino Nacional, então jamais ouvido de tal modo, no castelo de Ofen. Dir-se-ia uma tempestade de sentimentos, elevando-se de todos os corações, num uníssono maravilhoso e inefável. Então, o rosto majestoso e até ao momento insensível anima-se. Docemente, quase imperceptivelmente, ela se inclina, em sinal de gratidão. E há, nesse gesto, um encanto infinito... E o hino prossegue, sem fim, sacudindo as pilastras.

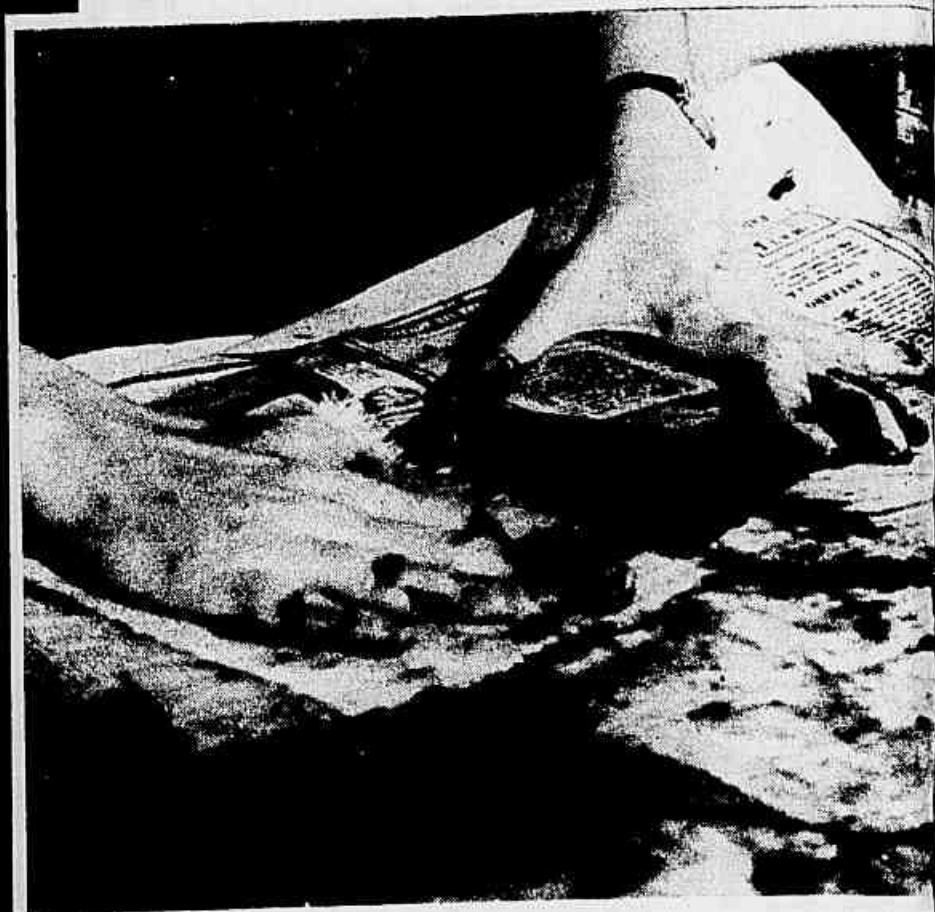
Os poderosos da terra sacodem seus «colbacks». O rosto lívido de Elizabeth começa a colorir-se. Pouco a pouco, adquire a tonalidade do leite fresco, após um leve tom de rosa, e depois, o vermelho, a vida, se reflete em suas faces! Que encantadora está! Agora, é verdadeiramente uma Rainha que está sentada ao lado do Rei. Seus olhos se abrem, e brilham com o antigo encanto. Êles, que outrora sabiam sorrir, com sedução, que consolaram um país escravizado, ei-los que se enchem de lágrimas. Restabelece-se o contacto. Um país feliz soube consolar sua Rainha, mas somente por alguns minutos. A Imperatriz leva aos olhos seu lenço, secando as lágrimas. Novamente a coloração antiga volta ao seu rosto. Some a Rainha, e reaparece a Mater Dolorosa. A emoção a aniquila, as forças lhe faltam. No silêncio que segue as aclamações frenéticas dos magiares à sua idolatrada soberana, ressoa um riso sacudido, e terminado por um soluço. Os olhos dos magiares se interrogam, com ansiedade. Num último esforço, Elizabeth leva seu lenço úmido de lágrimas e agita-o para o seu povo bem amado. E logo após, apressadamente conduzida por suas amigas, a trágica silhueta negra é levada para outra sala, onde a doença sem remédio mais uma vez a prostrará por terra.

(Cont. no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Aos muitos desgostos já experimentados por Elizabeth de Austria, espôsa do Imperador Francisco José, filha dos Duques da Baviera, mulher sentimental e impulsiva, infeliz e ardente, vem agora juntar-se um que, pela sua extensão, é o maior de todos: o suicídio do jovem Arquiduque Rodolfo, seu filho, herdeiro da coroa austríaca, que, terrivelmente apaixonado pela jovem Maria Vetsera, e sem poder resolver seu caso de amor, praticou, juntamente com a moça, o tresloucado gesto, durante uma excursão venatória.

PING-PONG



♦ Vera Tormenta é uma moça simples e moderna, que desde a infância pensava tornar-se uma grande pintora. Guria ainda, admirava as telas dos grandes mestres, nas revistas e exposições. À noite, em casa, dormia feliz, após haver sonhado de olhos abertos com um avental sujo de tinta, palheta, pincel espetado na ponta da boca pequena e vermelha. E os modelos eram os mesmos que haviam posado para Rembrandt, Goya, Da Vinci. Filha de um guarda-livros, a Gávea foi seu berço, em julho de 1930. Infância normal, estudos preliminares realizados em escola pública. Já a caminho do ginásio, ganhou um cavalete, um pequeno jogo de tintas baratas, pincéis, e os modelos, pacientes parentes que prazerosamente posavam para a futura grande artista. Findo o científico, em 1952, a convite de uma parenta radicada na Embaixada Brasileira em Paris, transferiu-se para a grande cidade, a fim de aperfeiçoar-se na arte. Lá, gastou todo o tempo na Academia Julien, em visitas periódicas a museus e centros de cultura. Viveu como uma artista. Voltando ao Brasil, após uma visita de Augusto Rodrigues, foi convidada a participar do corpo docente da Escolinha de Arte. Ali, travou conhecimento com Darel e Poti, amigos e orientadores. Atualmente, com um vasto número de gravuras, produzindo sempre, leciona aos principiantes.

VERA QUER CONHECER O MUNDO INTEIRO

UMA DAS MAIS JOVENS GRAVADORAS BRASILEIRAS, VERDADEIRA REVELAÇÃO ★ ALUNA DA ACADEMIA JULIEN EM PARIS, DE DAREL E POTI, TEM EM OSWALDO GOELDI, UM AMIGO E ORIENTADOR PARA TÓDAS AS HORAS ★ A PROFESSORA DA ESCOLINHA DE ARTE VOLTOU CANSADA (DE ESTUDAR) DE PARIS ★ NÃO QUER EXPOR EM CANTO ALGUM DO MUNDO, MAS PRETENTE VIAJAR BASTANTE ★ SUA MAIOR ALEGRIA É ENTRE AS ALUNAS

Texto e fotos de SÉRGIO ANDRADE

Ping — Quando a vocação artística despertou em você?

Pong — Não sei. Desenhei a vida inteira, e acho que não paro mais.

Ping — Que artistas influíram na sua formação?

Pong — É difícil dizer. Goya, Van Gogh, deixam-me entusiasmada. Goeldi, porém, foi a mola capital na minha formação.

Ping — A arte brasileira tem a devida expansão no estrangeiro?

Pong — Só agora é que os nossos museus estão dando incremento a essa expansão. Falta ainda, contudo, muita coisa a ser realizada.

Ping — Onde viveria, fora do Brasil?

Pong — Fora do Brasil, não me fixaria em ponto algum; viajaria por toda a parte.

Ping — Um grande mestre em gravura?

Pong — Sem dúvida, Friedlander.

Ping — Que acha de Ensor?

Pong — Extraordinário. Suas máscaras fantásticas são deslumbrantes.

Ping — Pode a arte ser nociva à felicidade?

Pong — Parece-me que não. A arte não é incompatível com coisa alguma.

Ping — Côm preferida?

Pong — Negro.

Ping — Quem é o maior gravador brasileiro, na sua opinião?

Pong — Osvaldo Goeldi.

Ping — Quem considera seu maior amigo?

Pong — Tenho vários, e são todos igualmente amigos.

Ping — E inimigo?

Pong — É o tempo.

Ping — Que falta à Escolinha de Arte?

Pong — Dinheiro, dinheiro, dinheiro...

Ping — A grande figura do cenário mundial, presentemente?

Pong — Embora sua arte não me entusiasme, não posso deixar de citar Pablo Picasso.

Ping — Que coisa a faz viver melhor?

Pong — Conseguir dominar meu mau gênio.

Ping — Quanto tempo falta para o mundo acabar?

Pong — Tanto tempo quanto o homem permitir.

Ping — Que é que você mais gosta de fazer?

Pong — Viver.

Ping — Que sentiria, se tivesse de usar óculos?

Pong — Muita aflição. Os aros me incomodam.

Ping — Quantas Escolinhas de Arte deveriam existir no Rio de Janeiro?

Pong — Inúmeras. Todos os colégios deviam ter uma Escolinha de Arte.

Ping — O pior defeito na mulher?

Pong — Afetação.

Ping — E no homem?

Pong — Dissimulação e desonestidade.

Ping — Alguma «mania»?

Pong — Nenhuma em especial.

Ping — Planos para o futuro?

Pong — Os mesmos de sempre — Gravar muito e viajar bastante, se possível.

Ping — Deve a mulher dedicar-se à política?

Pong — Por que não?

Ping — Que países gostaria de visitar?

Pong — Peru, México e todo o Oriente.

Ping — Que recordações lhe traz Paris?

Pong — Noites frias, solitárias, muito esforço na Academia Julien, e as constantes visitas aos museus.

Ping — Que faria, se tivesse só mais um dia de vida?

Pong — Nunca cogitei disso, mas gostaria unicamente que não me pusessem a par.

Ping — Religiosa?

Pong — Não.

Ping — Sabe cozinhar?

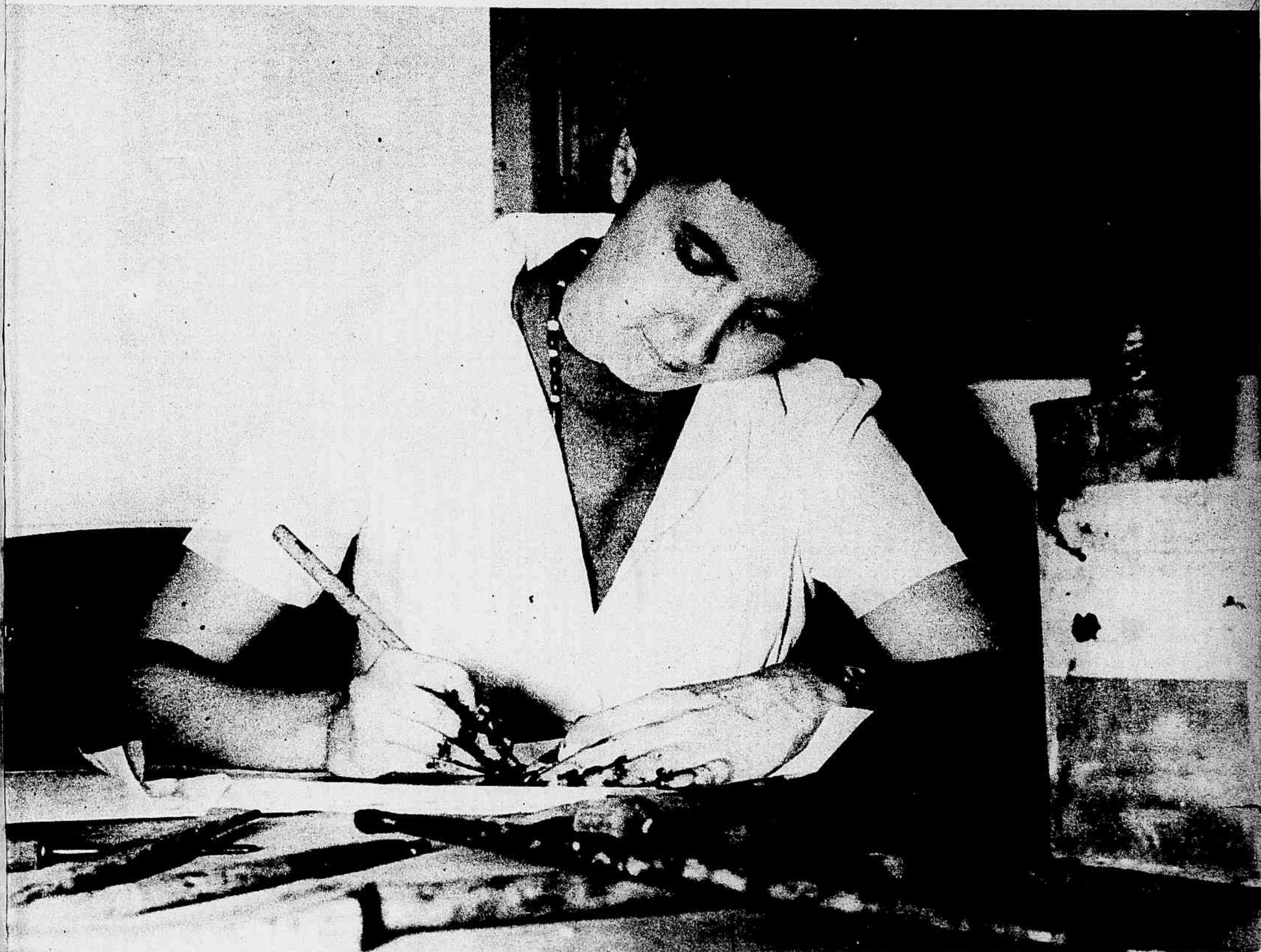
Pong — Creio que o dia em que for necessário cozinhar, morrerei de fome.

Ping — Moda?

Pong — A mais simples possível. Só uso aquilo que me assenta.

Ping — Que progressos tem trazido a Escolinha de Arte à juventude brasileira?

Pong — Parece-me que só o fato de a Escolinha de Arte lhes possibilitar a livre expansão, já é tudo. Mas é num trabalho direto, junto a um grupo de jovens, e na ajuda indireta que presta, influenciando para que os métodos do ensino de arte sejam reformados nas escolas, que a sua influência mais tem atuado



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO
PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba,
Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião,
Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
dancas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 - São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 - Caixa
Postal 649 - São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 - Lisboa



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 28 DE ABRIL E 4 DE MAIO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Não interfira nem nas questões nem nos negócios alheios. Baixo e inarmônico como anda, seu magnetismo poderá provocar reações perigosas. Omita-se, na hipótese. É o melhor a fazer.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os influxos da semana, além de poderosos serão absolutamente favoráveis aos seus empreendimentos e às suas ações. Aproveite a oportunidade para levar à prática, os projetos já amadurecidos.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A ambiência astral do novo período não o ajudará a vencer as dificuldades por acaso existentes nos seus negócios. Não agrave, pois, a situação, assumindo novos encargos. Deixe passar a onda.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Seja comedido em tudo, no curso da semana entrante, eis a recomendação que os astros lhe fazem. Não avance nem corra, pois todo esforço excessivo será prejudicial aos seus interesses. As coisas lhe virão pesadas e medidas.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — O momento será bonançoso para mudanças e para viagens, seja qual for o meio de transporte preferido. O ambiente astral lhe dará, igualmente, um bom concurso de circunstâncias na solução dos casos mais importantes.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A situação vai mudar, inteiramente, no caso do leitor. Poderosos e harmônicos influxos planetários atingirão em cheio, os setores de concurso do seu horóscopo, dando-lhe, assim, uma excelente oportunidade para agir.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Durante a semana em pauta, o leitor estará sempre em boa posição para solicitar, pedir ou requerer o que se fizer mister para o bom andamento dos seus negócios. Os melhores dias da semana serão os quatro primeiros.
- ★ ESCORPIÃO (23/4 — 20/5) — O setor melhor influenciado, no curso da semana, será o da profissão. O rendimento do seu trabalho será maior e melhores os proventos. A semana favorecerá, igualmente, as reconciliações e a vida sentimental.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Haverá incompatibilidades, fortes por vezes, entre o leitor e seus dependentes. Revista-se de um espírito de tolerância para evitar a perda de elementos que lhe são úteis.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana lhe dará fortes e boas intuições. Em tais condições não terá necessidade de aconselhar-se ou de pedir sugestões. Escute sua voz interior e atue de acordo com ela.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os três últimos dias da semana serão excepcionais para a solução dos casos pendentes. De um modo geral, o novo período será favorável aos seus negócios e lhe dará chance para a solução dos casos íntimos.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Um sentimento generoso e de espiritualidade o tomará durante a semana. Em tais disposições de espírito não se pode tomar pé no mundo dos negócios e das coisas terrenas. Aguarde, pois, melhor oportunidade para cuidar dos seus interesses materiais.

OS NOMES DA SEMANA

Abril, 28	— Paulo	— Justina.
" 29	— Elísio	— Elisa.
" 30	— Jordão	— Adaltina.
Maio, 1	— Gustavo	— Henriqueta.
" 2	— Adolfo	— Frida.
" 3	— Ambrósio	— Ambrosina.
" 4	— Walfrido	— Adalgisa.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Abril, 28	8º 9' 49"	(Signo do Touro)
" 29	9º 8' 5"	(" " ")
" 30	10º 9' 20"	(" " ")
Maio, 1	11º 4' 32"	(" " ")
" 2	12º 2' 44"	(" " ")
" 3	13º 0' 54"	(" " ")
" 4	13º 59' 2"	(" " ")

UMA GRANDE VIATURA COLONIAL

EDUARDO TOURINHO

É tão velho no mundo o carro-de-boi! Utilizaram-se dele os mais antigos povos. Encontrou-o César ao penetrar nas Gálias e — nas Gálias romanizadas — tornou-se o **Assedium**. Para os romanos era o **Plaustrum** e seu melancólico cantar rangente evocou Virgílio nas **GEÓRGICAS**.

No Brasil roda e canta desde o início da colonização. Dele falaram Gabriel Soares, Antonil, frei Manuel Calado. Dele se ocuparam muitos cronistas. Excelentes estudos dedicaram-lhe Bernardino de Souza, Câmara Cascudo e M. Rodrigues de Melo.

Foi o carro-de-boi principal meio de transporte nas primitivas Capitânicas e nas antigas Províncias depois transformadas em Estados. O tempo não os transformou. Ainda hoje são como os viu o autor do **TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL**. Quanto animou a vida de Engenhos e Fazendas! No carro-de-boi eram transportadas a ibirapitanga e as madeiras de lei do meio das selvas para as angras de embarque. Nas guerras do século XVII levou armas e munições para os pontos onde o invasor devia ser atacado. No século XVIII carregou o ouro das minas como carregava os produtos de comércio. Mais barato do que as tropas, onde o rio não deslizava rolava o carro-de-boi. Foi, depois da canoa, o emissário da Civilização à Barbárie. Transpondo serras e vales, caatingas e tabuleiros, brejos e ariscos, sulcou o interior do Brasil.

x x x

Roda, eixo e mesa compõem o carro. E as rodas — inteiriças ou de meia-lua — têm o meio, as peças, as tingas e os chachos. O eixo oitavado mede nove palmos de comprimento e três de grossura. A mesa mostra o cabeçalho de castanheira, mas os fueiros são de pau-branco e as varas são de carnaúba.

E que multiplicidade de utensílios! Cangas e cambões, canzis e broxas, tanoeiros e correias de chifre... É no chifre — pendente do envarado — que é guardado o óleo de carrapato ou o sebo destinado à lubrificação das empurgueiras. Que se não queime o eixo do carro e que não deixe o carro de cantar. Pois não é esse cântico que orgulha e alegra a alma saudosa do carreiro? Quando o carro é novo, forras de pinhão são introduzidas entre as empurgueiras e as almofadas. Disso se origina a cantadeira e por isso o carro canta, rangente, para que mesmo ao longe seja ouvido.

Para incitar os bois pacientes e vagarosos, de inestimável valia é o chicote: uma vara de

doze palmos, um relho de quatorze e um ferrão medindo três polegadas. E, **pinicadas**, logo se põem a caminho, as duas, quatro ou seis juntas de bois. O carro — com capacidade para transportar de mil e duzentos a mil e oitocentos quilos — custava, no começo do século, ao redor de um conto de réis.

Todo carreiro — ao entrar em serviço — levava a vara, o ferrão, a machadinha, a faca e o chifre de sebo. E era ele — como entendido — quem escolhia a madeira para o eixo da viatura. Largo tempo experimentava a sucupira



PRIMITIVO E PITORESCO. o carro-de-boi vem atravessando os séculos. Em certas regiões do Brasil, é o único meio de transportes utilizado.

sob golpes de macete. Era necessário que **tinisse fino** para que o cantar do carro desafiasse as cigarras.

x x x

E como se adestravam os bois? Assim: — depois de «furados e ajouçados, botava-se o canga e o cambão com a tiradeira e amarrava-se um pau na tiradeira para que os bois o arrastassem». No fim de poucos ensaios as juntas de bois tornam-se aptas para o serviço. Mas **bicho bom** só de pêlo, cauda e chifres finos; de pescoço grosso e curto. E' o melhor.

Pelas velhas estradas brasileiras, outrora, via-

java o carro-de-boi entre as duas e as oito horas. Depois, havia um largo descanso. E, então, recomeçava a rodar das quatorze as vinte horas. Conforme a necessidade, estacionava pelos caminhos. E, pelos caminhos, os que o conduziam improvisavam as refeições e armavam a rede para o sono reparador.

A hora da partida, gritava o carreiro para os animais: — **Vamos embora...** E logo: — «Eia! boi Melado, boi Fogaço»... E o carro começava a rodar. Para as paradas, um **Ouê-Ouê** aos bois era suficiente. E para transpor uma volta de estrada, o **Carrega boi Azulão** dava a certeza do êxito.

Animador dos sertões, em sua lembrança certos lugares tiveram o nome de Carro-Caído, Carro-Quebrado, Passagem-do-Carro...

O carreiro e o guieiro eram, nas estradas, os responsáveis pela viatura. Ao guieiro cabe a orientação dos bois nos atalhos e desvios, rios e lagoas, pântanos ou atoleiros. E o adolescente guieiro é considerado menino-homem a ganhar a vida nas duras labutas do sertão.

x x x

O heróico carro-de-boi é de todo o Brasil: carro ou carroça no norte; carreta no sul. E, carroça de aguadeiro em Manaus ou carro de volta em todo o Amazonas é, sempre, carro-de-boi.

Nêle, todo enfeitado, noutros tempos famílias patriarcais seguiam para as festas de Natal e Ano Bom. Era tanto do potentado rural como do fazendeiro aburguesado. Mas o motor de explosão deu lugar ao caminhão, que é mais rápido, mais resistente e mais possante. E foi o caminhão que marcou a decadência do carro-de-boi. Mas, ainda assim, mais de um milheiro ainda roda pelos caminhos do interior do Brasil.

E, tal Virgílio, outros poetas aqui uniram seus cânticos ao soturno rangente cantar do carro-de-boi. Num poema, Regis Velho proclama:

**O carro-de-boi ronceiro
foi o veículo primeiro
do nordeste do Brasil.**

Mas para Zé da Luz — saudoso das glórias do velho carro — só num holocausto pôde dizer:

**Agora o carro, patrão,
Para eu não vê desonrado
Por esses carros intiado
Da tá Civilização.
Olereci numa noite
— Uma noite brasileira —
Queimando numa fogueira
Em louvô de São João.**

A INFLAÇÃO FEZ BEM OU MAL À MENDICÂNCIA?

UM CRUZEIRO POR MINUTO

Foi quanto apurou, em média, o falso mendigo incumbido de fazer uma pesquisa junto à população carioca.



A Arte de Ser Mendigo recomenda que a esmola deve ser pedida, sentado na calçada ou na soleira de uma porta.

OS HOMENS DÃO MAIS ESMOLAS QUE AS MULHERES ★ E A GENTE «KAR» NÃO DÁ COISA ALGUMA... ★ É MENDIGO QUEM QUER! TRABALHO NÃO FALTA NESTA TERRA DE DEUS ★ COME-SE, BEBE-SE E FUMA-SE À CUSTA DO POVO PIEDOSO ★ A COLABORAÇÃO DO ATOR BADARÓ NESTA REPORTAGEM

Reportagem de JOSÉ MARIA RODRIGUES

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Tudo começou numa dessas noites que se passa limpando o suor, num dos bares perdidos na imensa avenida que margeia a praia. Ali encontrei Badaró e a conversa rumou a futilidades. Coisas que se dizem por dizer, se pensam por pensar, olhando a praia sem ver a praia. Junto de nós chegaram dois garotos andrajosos e nos serviram de pretexto para assunto de conversa. Pediam esmola. Pretendemos saber qual a sua receita normal, se eram dirigidos por algum chefe, se guardavam o dinheiro ou se o entregavam em casa, etc.

Um dos garotos (de alcunha o Cabeludo) mostrou-se disposto a esclarecer nossas dúvidas. De olhar vivo, rosto sebento e voz fina, ia falando sem parar.

— Já houve uma noite em que ganhei quatrocentos e cinquenta cruzeiros — informou.

— Não!...

— É verdade. Mas foi só uma noite. Agora costume tirar só duzentos.

— E o que fazes do dinheiro?

— Quando é pouco, dou-o todo à minha mãe. Quando é muito, guardo algum para mim.

Mais alguns minutos falamos com os garotos que ao darem conta do tempo resolveram por bem abandonar a nossa mesa, para se entregar ao trabalho. Ficamos não acreditando que um garoto esarrapado pudesse tirar 450 cruzeiros de esmolas numa noite. Meio duvidosos, meio crédulo, antevendo uma reportagem de interesse, resolvemos propor a Badaró que vivesse a vida de um mendigo durante algumas horas. Aqui estava um dos aspectos da inflação cuja análise havia sido totalmente negligenciada.



— Rapaz, pedir esmola na porta da igreja nem sempre dá bom resultado, salvo quando eles vem pedir auxílio a Deus...



E o velho procurava afastar o novo concorrente daquele «ponto» onde, de minuto em minuto, pingava 1 cruzeiro...



Compreendendo o receio natural do «colega», o novo pedinte aproveitou um cochilo do velho e mudou de ponto.



Gente humilde sente mais de perto o sofrimento alheio. Esse cidadão de olhar triste deixou no chapéu 2 cruzeiros.



Niqueis e pratas já passaram de moaa, agora a esmola é concedida em papel-moeda. Efeitos da grande inflação...



Essa senhora interrompeu o caminho para rebuscar, no fundo da bolsa, a cédula de 1 cruzeiro — e ia apressada!

Superiormente autorizados e com a aquiescência do ator, resolvemos meter ombros à empresa. Badaró não tinha nenhum traje de vagabundo. Foi no Follies, no dia imediato (por empréstimo do ator Daniel Filho), que conseguimos o terno de maltrapilho que havia sido usado num esqueleto de revista. Compramos barba, verniz, baton, gás, tinta, em suma: todos os ingredientes susceptíveis de oferecer uma caracterização perfeita. Foi na redação que Badaró se transformou em vagabundo. As roupas estavam demasiado limpas. Nas oficinas, com tinta das máquinas, conseguimos as marcas necessárias — no vestuário e no corpo do falso mendigo. Ficou de meter nojo. Antevimos até em seu ar repulsivo certo exagero que pudesse aniquilar a missão a que nos propunhamos. Tal não se verificou. Quanto mais sujo e mazelento, mais lucrativo, como depois verificamos.

Após ser dada uma ordem ao porteiro, fazendo uma apresentação em forma, explicando que aquilo que os seus olhos viam era pura fantasia e que aquele senhor asqueroso era pessoa de bem — isso para no seu regresso lhe ser facilitada a entrada — iniciamos a marcha pelas ruas da cidade. Badaró, na frente, eu e o fotógrafo a certa distância.

OS PRIMEIROS CRUZEIROS

As quatro horas dum dia de sol picante. Junto ao cinema Plaza. Gente que se acotovelava no vaivem das coisas que se fazem e não se fazem. Vendedores que lembram sua mercadoria. Meninas com a bolsa num braço e a mamã no outro entram para o cinema. Músicas estridentes saídas das casas de discos. Grupinhos formados na beira do passeio. Jornais que se vendem e compram. Algazarra. Ritmo febricitante e passos agigantados dos que se cansam por nada terem que fazer. Gente, muita gente, de todas as cores e formatos e cheiros.

No chão, perdido entre pontas de cigarros e pedaços de jornais que já foram de sensação, um mendigo, estarrapado, com uma perna entrapada, nojento. Um corpo. Os trapos substituíram a individualidade. Os que passam sem levar isso e por sentirem essa superioridade (de indumentária) traduzem com expressões, misto dó e repugnância, o que lhes vai na alma o bom que a vida foi para eles. A muita sorte que tiveram por não terem o vagabundo como companheiro. Isto é tudo o que suas faces denunciam no relampejar que é o olhar daquele corpo de mão esticada. Nessa mão que segura um chapéu são depositadas notas pelos ca-

minhantes apressados. Uma espécie de imposto a Deus por lhes ter oferecido a sorte de poderem pagar esse imposto.

Dez minutos ali estêve o nosso vagabundo. Dez minutos como anteriormente havíamos combinado. A um gesto nosso eis que Badaró se ergue e caminha, aos tropeços, coxeando duma perna ensanguentada que exhibe à caridade pública. Dirige-se para uma esquina onde tínhamos marcado o encontro.

Tira do bolso bem fundo, um pedaço de cigarro e pede-nos lume. Era o sinal combinado para estabelecermos o novo itinerário. Enquanto lhe acendemos o cigarro trocamos breves palavras.

— Quanto?

— Dez minutos, doze cruzeiros. Para onde vamos agora?

— Largo da Carioca. Segue em frente.

— Vou primeiro beber um café.

Na rua Evaristo da Veiga se deteve no Bar Canadá.

PRÊSO COMO FALSO MENDIGO

Foi precisamente no Bar Canadá, enquanto bebericava o seu café, que a polícia lhe foi dar as boas vindas na pessoa de um guarda bem apumado (com cerca de dois metros de altura e muitos quilos de músculos, para sermos mais precisos) que pôs imediatamente à prova sua voz bem sonante num fraseado que nada tinha de comum com cumprimento amistoso. Fazia-se esse senhor de fardamento claro, acompanhar por outro de terno escuro. Esse outro que à vista desarmada poderia ter sido tomado por comerciante em passeio ou D. Juan em conquista, nestas circunstâncias (à vista bem armada) tudo nos levava adivinhar pertencer à corporação da Polícia Militar ou qualquer outra congênere.

Gritou uma senhora na rua:

— Não deixem o pobrezinho ir preso.

Perderam-se as suas palavras entre a chineira dos ruídos da cidade. Perdemos-nos nós,

A RAZÃO DESTA REPORTAGEM

♦ ESTA REPORTAGEM não nasceu como protesto contra os falsos mendigos que infestam a cidade. A esse problema, não só aqui, como no estrangeiro, já foi dedicado muito papel. É assunto sobejamente explorado. Nosso intuito, a razão primordial destas linhas, reside nas mutações da estrutura e nas novas condições criadas na vida do mendigo. Pretendemos descobrir os efeitos da inflação vistos pelo ângulo da mendicidade. Quisemos saber se, com o aumento de custo de vida, a distribuição do óbulo ao vagabundo sofreu também um acréscimo. O aumento de população teve, como é óbvio, reflexo na mendicância. E, como é natural, aumentando o número de mendigos, falsos ou não, seria lógico que os ganhos tivessem diminuído, e a vida, para eles, se apresentasse atualmente impossível. Mas não. Aumentou, sim, o número de mendigos. Porém as esmolas também aumentaram, em quantidade e importância. É isso que pretendemos demonstrar com esta reportagem.

X X X

E ao apresentá-la, deixamos consignados nestas linhas os nossos agradecimentos ao conceituado ator Badaró que gentilmente se incumbiu de representar, ao vivo, a figura do nosso mendigo. Sem poupar sacrifícios e prejudicando outros afazeres, o estimado artista pôs-se à disposição do repórter, uma tarde e uma noite inteiras, com excelente compreensão e capacidade de assimilação integral. Devem os nossos leitores a Badaró, afinal, o êxito desse bonito esforço jornalístico.



O ator Badaró

MENDICÂNCIA

OS HOMENS SÃO MAIS BENÉVOLOS QUE AS MULHERES

Prosseguimos na caminhada. Largo da Carioca. Badaró olhando a população por ângulo nunca visto — estava agachado. Expressão pântica. Bem a vista do público: as ligaduras e a tintura. Chapéu na mão e mãos no chapéu. Depósitos de esperanças, nunca menos de um cruzeiro. Aquê chapéu transformou-se inopinadamente numa espécie de Caixa Econômica, baseados como estamos no velho aforismo de «quem dá aos pobres, empresta a Deus». Todas as esmolas ali reunidas são uma espécie de empréstimos a cobrar com juros. Como sempre, quem ganha é o banqueiro.

Passou pelo nosso vagabundo um ator, seu colega e nosso conhecido. Olhou o mendigo, parou e não acreditou em seus olhos. Prosseguiu na caminhada. Voltou a parar. Fixou novamente o pedinte. Será que as «más companhias» arruinam as pessoas assim? — deveria estar pensando. Fêz menção de se dirigir ao mendigo, confirmar suas suposições. Nossa intervenção pôs freio ao seu intuito.

— É de fato Badaró — informamos. Mas todo o estado aparente é simples miragem. Está em serviço da «Revista»...

O rapaz riu, e mais tranqüilo, continuou seu caminho. Também nós continuamos o nosso. Antes de chegarmos à Praça Tiradentes, a próxima etapa, outro incidente se registrou. Em sentido contrário ao nosso, caminhavam duas garotas bonitas, ambas vestidas de amarelo. Duas canárias curvilíneas que podem ser aplaudidas todas as noites por oitenta cruzeiros no João Caetano. Até aqui, nada de extraordinário, nem as belezas nem o preço dos bilhetes. Simplesmente, uma dessas «girls» em desfile havia sido contratada de Badaró neste início de temporada no Dulcina e Serrador. Se ela o descobrisse naquele estado, o incêndio de Roma junto da sua gritaria teria sido fogo morto.

Essa foi a razão que nos levou a correr para o «mendigo» que imediatamente caminhou em sentido contrário cobrindo bem a cara.

Chegamos finalmente à Praça Tiradentes. O peditório feito durante a caminhada havia resultado infrutífero o que nos faz deduzir que o mendigo acorçado (em plano inferior) leva muito mais vantagem. Foi justamente de cócoras, de corpo em contato com as pedras da

rua que êle reiniciou o trabalho, junto ao teatro João Caetano. A chuva de notas prosseguiu. Percentagem muito maior de beneméritos masculinos, alguns dos quais tão rotos como o nosso vagabundo. Senhoras acompanhadas por crianças davam aos garotos notas para oferecerem ao «pobrezinho» no intuito, supomos, de incutir no espírito da criança o dever de auxiliar o próximo. O garoto talvez preferisse comprar balas mas obedecia às ordens. A mãe parece pensar: «Que Deus nos livre sempre destes males».

Soma total conseguida até êsse momento:

Dez minutos junto ao Plaza....	Cr\$ 12,00
Dez minutos no L. Carioca	Cr\$ 9,00
No trajeto	Cr\$ 3,00
Quinze minutos no J. Caetano...	Cr\$ 14,00

Média aproximada de um cruzeiro por minuto. Se levamos em conta as oito horas de trabalho obrigatórias, o mendigo poderá tirar diariamente quatrocentos e oitenta cruzeiros o que representa a linda soma de quatorze mil e quatrocentos cruzeiros mensais.

Isto... um vagabundo sem prática, que nem precisa falar.

OUTRO COLEGA

A porta de uma igreja era outro dos pontos que não queríamos deixar de bater por todas as razões e mais uma. Essa uma, tomou corpo na figura exótica do vagabundo que permanecia sentado num dos degraus do adro. Seus olhos tinham de pedir licença à floresta imensa de cabelos que lhe cobriam a cara para poderem espreitar o mundo. As calças e a camisa de côr terrosa, de líquidos só haviam conhecido o álcool. Um buraco negro se abria entre a barba emitindo ruidos que já nasciam abafados — era a boca. Olhava para tudo e todos, como se nada visse — nem o «colega» que tinha a seu lado, nem o fotógrafo.

Seus pensamentos foram quebrados pela voz de Badaró.

— O colega tem fogo? — perguntou.

O homem olhou-o fixamente talvez desaprovando o termo «colega» dito por um desconhecido possivelmente inexperiente. O velho levou a mão ao bolso e passou uma caixa de fósforos.

— Fuma?

— Fumo mas agora não quero.

Essa foi a maior criação do ator Badaró, nesses últimos tempos. De cômico, revelou-se um sincero ator dramático.

propositadamente, entre a multidão para que o «pobrezinho» fôsse na realidade prêso. Teve o nosso falso mendigo a subida honra de ser recolhido ao Quartel General da Polícia Militar. Aí foi atendido sem mais delongas pelo oficial de serviço a quem o agente à paisana explicou as razões da visita.

Apontando a perna coxa, perguntou o oficial:

— O que é isso?

— Pano — respondeu o ator-mendigo.

— Eu sei. Em baixo do pano?

— Carne...

— E... na carne? — continuou o oficial com ar que denunciava ausência total de sorrisos.

— Cabelos...

— Pode explicar o que é isso, afinal?

— Uma perna... Perdão, eu explico direitinho... não se exalte. Eu explico. Não sou mendigo. Sou ator. Estou a serviço da «Revista da Semana» bancando o mendigo. É uma reportagem, sabe? Os repórteres da revista que me acompanham estão na rua, podem testemunhar minhas palavras.

Dizendo isso, exibiu sua carteira profissional e uma carta que lhe havíamos previamente fornecido, na qual se solicitava todo o auxílio das autoridades no desempenho da missão. Fomos convidados a entrar no Quartel onde Badaró, com a fuga, do rosado das faces nos recebeu com sorriso de outra côr. Confirmamos suas palavras. Soubemos que o oficial se chamava Renato e que a razão da captura residia no fato de o agente à paisana nos ter visto falar com o mendigo e ter desconfiado de qualquer burla com base na falsa mendicância. Rimos um bocado com a ocorrência e saímos.

Isto atesta bem a cooperação da Polícia Militar na guerra contra os impostores que pedem esmola.



Foi um momento de apreensão, aquê em que o polícia convidou Badaró a acompanhá-lo ao Quartel de Evaristo da Veiga.



Meia hora mais tarde, explicada a situação às autoridades, o mendigo era devolvido à via pública, para continuar a fêria.



Cansado da ronda noturna de resultados negativos, pois gente «Kar» tem absoluto desprezo pelo mendigo «Shangai», este resolveu tomar um café-zinho e chorar as misérrimas ao dono do boteco, que lhe ofereceu um emprêgo e nem cobrou a pequena despesa.

O ator sacou um cigarro que acendeu.

— Você fuma sempre cigarros inteiros? — perguntou o homem, enquanto guardava os lábios.

— Eu... sim...

— Nunca faça isso: Parta-os pelo meio. Além de ser mais rendoso, causa melhor impressão.

— Obrigado pela informação. Não sabia.

— Você não é daqui? — perguntou.

— Não, sou do Recife. Cheguei há três dias. O colega é carioca? — perguntou Badaró.

— Aqui vivi a minha vida.

Vem depois um rosário de confidências. Voz cavernosa, lenta, por vèzes imperceptível.

— Fui pedreiro. Trabalhei nas obras do edifício da Mesbla. Cai de um andaime e fraturei uma perna. Depois chegou a mendicância. No princípio sim, ganhava bem. Tinha a minha «armôndega»...

— «Armôndega»?

— Sim... a minha sanfona...

— Sei. Harmônica.

— E... Tinha a minha «armôndega» e tocava. Tocava bem. Ia aos cafés e restaurantes. Sempre adorei tocar «armôndega». A vida com música era diferente. Agora não tenho mais companhia. Foi numa festa que a perdi. Uma festa num navio. Estava lá a Alzira Vargas. Eu toquei e gostaram. Aí um dos presentes quando aplaudiu, deu um sôco na «armôndega» que caiu na água. Pronto. Fiquei sozinho.

Seu olhar brilhava ao recordar o tempo de tocador. Sua cabeça pendeu ao lembrar o sonho desfeito.

Badaró ouvia embevecido a história do homem da sanfona.

— Vai ficar pelo Rio? — perguntou êle.

— Não sei. Cheguei há três dias e isto não me parece ruim de todo.

— Está cada vez pior. Eu faço ponto na igreja de S. Francisco depois dos seis mas aproveito sempre a hora do terço na igreja da Lapa. Ganha-se pouco hoje em dia. Já lá vai o tempo em que olhavam para nós.

— Não é tanto assim. Eu, em meia hora ganhei mais de trinta cruzeiros.

— Sei. Mas a fé está rareando e sem ela as pessoas não dão esmolas.

Notava-se que o velho temia a concorrência esquivando-se a contar a verdade. Mas certo também é que a falta de crença das multidões cada vez é menor e sem ela a vida do mendigo tornar-se-á catastrófica. A falta de fé do povo é para eles perigo superior à falta de dinheiro.

Eram quase cinco e meia. Badaró despediu-se do colega da sanfona que foi direto à Lapa aproveitando a hora do terço.

Tempos depois pegamos um táxi (foi difícil convencer o motorista a deixar entrar o nosso mendigo) e rumamos à igreja indicada. Lá lá estava o vagabundo das barbas. Badaró ficou na outra porta.

O primeiro benemérito foi um invidúo de colarinho duro e ar senhoril, dos que parecem desconhecer o que se passa na terra. Na porta da igreja suas reações são, porém, diferentes. Olhou o velho, sacou a carteira e ofereceu cinco cruzeiros. Só ao entrar na Casa de Deus olhou Badaró. Voltou e ofereceu mais dois cruzeiros. A avaliar pela prontidão das esmolas, o pedido a fazer devia ser de grande importância.

A NOITE EM COPACABANA

Na igreja da Lapa terminamos nossa etapa do dia. Regressamos à redação onde o «men-

digo» trocou de roupas e combinamos encontro para a noite em Copacabana. Em frente ao Lico, junto ao pôsto dois.

A Avenida Atlântica mosqueada de luzes, a aragem fresca vinda do mar, os parzinhos que

(Cont. na página 46)

A única esmola recebida à porta da «boite», foi dada por um componente da orquestra. Ninguém mais deu...



★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

ARTES

JOSÉ ROBERTO

Notinhas

1 **CRESCE** O esqueleto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, plantado à beira mar, no mesmo local em que se realizou, há quase um ano, o Congresso Eucarístico.

2 O **GRUPO** de Estudos Mário de Andrade patrocinou uma breve Exposição (2 horas) de desenhos de Portinari para o livro "A Selva", de Ferreira de Castro.

3 **AINDA PORTINARI**: a convite de Israel, partirá para aquele país dentro em pouco, ali permanecendo cerca de um mês, expondo em Tel-Aviv. Dizem que depois irá aos Estados Unidos.

4 **E MAIS Portinari**: prepara Simeão Leal o ensaio de Antônio Callado sobre nosso principal pintor. Dizem, os que já o leram em provas, que é trabalho sério e equilibrado.

5 **AUGUSTO RODRIGUES** expôs, na Galeria Oca, de Copacabana, algumas de suas últimas produções, efetuadas durante os dois anos que passou na Europa, de onde há pouco voltou.

6 **NO MUSEU** de Arte Moderna vem obtendo grande êxito a Exposição de Arte Contemporânea Alemã, organizada pela sra. Hanna Bekker Von Rath. Entre outras, vêem-se ali obras de Klee e Marc.

7 **SAIU** O sexto número da revista "Forma". Contém matéria interessante e variada. É pena, porém, que os tipos em que é composta sejam tão feios e antiquados.

8 **OSWALDO GOELDI** foi convidado, pelo Liceu de Artes e Ofícios, para nele ministrar um curso sobre Xilogravura. A iniciativa é excelente. O Liceu está para completar seu centenário, aliás.

9 **A ESPANHA** está distribuindo bolsas de estudo para jovens que desejarem estudar pintura naquele país irmão. A ocasião é ótima, e as condições, tentadoras, vêm atraindo inúmeros interessados.

10 O **GRUPO Frente** continua sua Exposição em Itatiaia. As telas concretistas dos jovens discípulos de Mário Pedrosa vêm despertando a curiosidade dos frequentadores do agradável recinto.

11 **FRAQUINHA, FRAQUINHA**, nos pareceu a tese de Vladimir Alves de Souza sobre Van Gogh. Vladimir tinha e tem obrigação de fazer coisa melhor. Sua tese é um amontoado de coisas já sabidas de há muito.

12 **EM PLENO** funcionamento o Curso de Pintura do rumeno Samson Flexor, no M.A.M. Flexor, devem todos estar lembrados, expôs há tempos no Museu, com êxito mais do que duvidoso.

13 **AQUELES QUE** apreciam a arte, recomendamos a leitura imediata de "Dialogue avec le Visible", o livro que é a coroação da carreira do grande René Huyghe. Magnífico ensaio.

14 **HÁ POUCO** lemos, numa revista semanal de grande tiragem, um lamentável artigo sobre o escultor "Brancozi". Seu autor é figura conhecida no jornalismo brasileiro.

15 **BLAISE CENDRARS**, poeta surrealista, numa de suas viagens pelo Brasil, diz ter visto, numa igreja de Minas, o ORIGINAL da Gioconda de Da Vinci. A obra do Louvre, para ele, é mais uma cópia...



Irã a Israel



Expôs na Oca



Curso no Liceu



Estará em Minas?

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

CASAMENTO EM ASSIS

HÉLIO ABREU

◆ Os senhores Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros estão de bandeira branca. Foi na cidade paulista de Assis, por ocasião do Congresso Rural, que os dois ilustres homens públicos acertaram os relógios. Testemunharam o enlace cerca de trinta mil pessoas, entre elas militares, políticos e eclesiásticos. O governador, habilidoso e cativante, foi uma noiva desejável. O presidente, noivo sorridente e amoroso, encheu de inveja aos rapazes do PSD paulista, também pretendentes a tirar suas casquinhas junto à noiva honesta. Ficaram na mão, pois Juscelino casou sozinho, dispensando mesmo a presença de padrinhos. À margem dos acontecimentos políticos, reuniram-se em Assis delegados da FARESP de todo o Brasil. Os discursos foram poucos e os cochichos muitos. O sr. Clóvis Sales fez o que lhe foi possível fazer e o dono da festa foi mesmo o sr. Benedito Queiroz, cidadão modesto e fazendeiro forte.

Discutiu-se a extinção da COFAP e de outros órgãos, inclusive o preço do financiamento do algodão. O sr. Jânio Quadros passou a «pelota» ao presidente e este prometeu receber, no Rio, uma comissão, etc.

Entre as pessoas que compareceram a Assis destacamos os generais Falconieri da Cunha, comandante da Zona Militar do Centro; Stenio e Segadas Viana, Brigadeiro Neto dos Reys, chefe da Zona Aérea; ministro Parsifal Barroso, governadores Jânio Quadros e Moisés Lupion. O deputado mineiro Guilhermino Oliveira representou o sr. Bias Fortes. Não vimos a sombra do sr. Horácio Lafer, o que significa estar ele em pauta para ingressar no governo. Os deputados Mário Eugênio e Vitor Isler, Narciso Pieroni, Rui de Almeida Barbosa, presidente da Assembleia paulista, assinaram ponto em Assis. Também a figura simpática do ministro Tan-

credo Neves, ali esteve. Idem, o sr. Porfírio da Paz. O que emprestou um aspecto pitoresco à reunião foi a presença de um considerável número de adesistas. Juscelino não chegava para os abraços, em meio de empurrões mais ou menos violentos. Gente que votou em branco, gente que não votou porque analfabeto não vota, gritava «presidente, presidente, eu sou o Tonico, de «Camanducaia» (M.G.) toma esta carta e faça algo por mim». Também alguns políticos de São Paulo e Paraná, do tipo Cr\$ compareceram a Assis.

De qualquer maneira Juscelino marcou um tento. Verificou ter crescido (em muito) sua popularidade em São Paulo e teve oportunidade de ver reunidos naquela cidade os seus velhos amigos de campanha eleitoral. E' impossível não tenha o presidente os distinguido em meio a turba de puxa-sacos.



Tancredo Neves



J. M. Alkmim



J. Kubitschek

SAI ALKMIM. Tem-se como certa a saída do sr. José Maria Alkmim do Ministério da Fazenda. O seu substituto será o sr. Sebastião Pais de Almeida, atual presidente do Banco do Brasil. Para ocupar a presidência do nosso principal estabelecimento de crédito irá o ministro Tancredo Neves.

CIUMADA. Circulos ligados ao governador Jânio Quadros discutem a posição de alguns deputados pessedistas (estaduais) que pretendem, à viva força, ingressar no governo. Consta já ser conhecimento do governador que um dos postos disputados pela «meninada», é a Secretaria de Saúde, onde, segundo dizem, existe um processo que compromete altamente um dos citados deputados.

POR OCASIÃO do Congresso Rural de Assis o sr. Antônio Deviate foi visto de braço dado com o presidente Kubitschek. Dizem que o assunto foi salário mínimo (fórmula João Goulart) contra o qual se colocou a FIESP.

SEGUNDO o deputado Luciano Nogueira, indicaria o sr. Jânio Quadros dois ministros ao governo federal, respectivamente os da Agricultura e Viação. No plano estadual, iria ele, Luciano, ocupar importante cargo no gabinete do governador, como marco inicial da «vasta» colaboração entre pessedistas e governo estadual.

BICICLETAS. O Brasil dentro de seis meses não mais importará bicicletas, é o que nos informa elemento da alta direção da FIESP. Com efeito já possuímos fábricas nacionais capazes de competir com as estrangeiras. Esse é um assunto que muito interessa aos brasileiros.

É POUCO. Os paulistas não se mostram contentes com o que vêm recebendo do Governo Kubitschek. Dizem que até agora São Paulo quase nada recebeu e que o único posto de destaque dado ao Estado, a presidência da Câmara Federal, é cargo «apenas» repleto de honrarias e que, apesar de muito valorizado pelos novembradas, não representa de útil para São Paulo no sentido direto.

NOVO LÍDER. O sr. Pascoal Ranieri Mazzili é o novo líder da bancada federal do PSD paulista. Sua indicação nasceu de um movimento de deputados da referida seção, seduzidos de dinamizar a bancada.

LIVRO. Encontra-se esgotada a edição do livro da sra. Amália Corrêa Giffoni, sobre danças do nosso folclore. Trata-se de um trabalho excelente, onde a autora, de maneira definitiva, situa-se entre os melhores autores de 1956. Título do livro: «Danças Folclóricas Brasileiras».

FIRME. Contrariando prognósticos de amigos e inimigos, permaneceu o sr. Newton Santos à frente do PTB paulista. Aliás, sua permanência dá aos observadores políticos a certeza de que em São Paulo o partido de Vargas tomará jeito. Newton Santos não é homem capaz de trair ou permitir traições, dizem.

ASSINADO pelo sr. Dário de Oliveira e Silva, diretor da FARESP e da Associação Rural de Ribeirão Preto, foi fartamente distribuído em Assis um boletim vasado nos seguintes termos:

A MESMA CONCLUSÃO EM TRÊS VERSÕES SÔBRE O CONFISCO CAMBIAL

◆ Na fase adiantada das discussões sobre o confisco cambial, falar sobre o assunto correspondente a requebrar questão já muito debatida. — Portanto, quando vamos novamente nos referir a ele, nada mais podemos fazer senão repetir, ou mesmo plagiar, o que inúmeras vezes já foi dito.

Não obstante, vamos colocar, numa ordem, três versões sobre o confisco cambial, que sucessivamente vamos chamar de «Versão Técnica», «Versão Prática» e «Versão Lógica». — Dizer a mesma coisa em versões inteiramente diferentes é uma «tática» que nos proporciona construir um conhecimento para destruir os psicológicos negativos e as insinuações.

Portanto, em que consiste o confisco cambial?

VERSÃO TÉCNICA — «Medindo-se o valor das conversões internacionais pelo intercâmbio das mercadorias exportadas e importadas, representa um confisco no interesse do produtor de artigos de exportação, toda a diferença que exista entre o valor que ele paga a mais, entre o preço do que exporta e o que compra. — Reside o confisco nessa diferença, tanto seja ela expressa em forma de tarifas alfandegárias, sobretaxas ou diferenças de taxas cambiais. — Assim, pois, desde que exista ônus sobre as mercadorias importadas, que, em última análise, resultam o espelho para igual acréscimo para os artigos de nossa produção fabril, que os produtores das exportáveis necessitam, existe o confisco.»

COMENTARIO: Mais ou menos nesses termos é a versão com que os elementos autorizados da lavoura se têm apresentado perante as autoridades responsáveis. — Conquanto essa versão seja clara e completa para os que querem enxergar, não o é, entretanto, para os que não querem e para os desonestos, cabendo, pois, interpretações outras, que todavia, nem remotamente, têm nenhuma afinidade com o justo e necessário equilíbrio procurado por nós. — Aliás, ficaria muito dissonante às boas noções dizer-se, numa versão inteiramente técnica, que «o confisco é um roubo» e as «diferenças» são uma escamoteação. — O próprio governo é que deveria concluir pelos subentendidos. Nós não iríamos chamá-lo de ladrão na cara.

E, por assim dizer, pelo fato de nossa cortesia, volta-se com a viola metida no saco, pois, o governo tentou, ou mesmo nos teria convencido, de que da extinção do confisco cambial resultará a inflação, a alta do custo de vida, afetará a economia geral e os outros setores da produção nacional, etc. Pesa-nos dizer que até muitos de nós continuamos a acreditar nessas tão absurdas hipóteses. Portanto, sobre o confisco cambial, perante tais autoridades, devemos nos manifestar através de uma versão em que não tenham cabimento interpretações outras, a qual deverá dizer tudo por si só.

VERSÃO PRÁTICA — «No Brasil o lavrador é obrigado a dispor do dinheiro proveniente da venda de 100, 200, 300, 400, 500, sacas de café para poder adquirir a mesma mercadoria, a mesma quantidade de adubos, o mesmo trator, o mesmo caminhão, o mesmo automóvel, etc., que chegam ao país em troca de 40 sacas de café.»

VERSÃO LÓGICA — «No Brasil, se um agricultor tiver um cavalo ou mercadorias para vender ou trocar na exportação, cujo valor é equivalente a um boi importado, depois de realizado o ajuste da troca o governo intervém e apodera-se da maior parcela do boi e ao referido agricultor entrega-lhe quase que apenas os mocotós.»

IT'S CRAZY!!
IT'S UNBELIEVABLE! **BUT IT'S TRUE!**
TOMORROW AND SATURDAY ONLY!

TERLECKY'S
ARE GIVING A
FREE CAR

WITH EVERY PURCHASE OF A New Modern Gas Range,
Combination Washer and Automatic Gas Dryer, Television Set, Freezer, or Refrigerator

APPLIANCE, INC.
at the McKinley Hts.
Shopping Plaza

OPEN 10 A.M.
TO 9 P.M.



Do You Have
Any of These Problems???

1—Does the bus have to go to town while
you are at work?
2—Is your car getting rusty and dirty
while you're at work?
3—Does your car get the good car bump
and scratch on your taking it to work?

HERE'S YOUR CHANCE TO SOLVE
THIS PROBLEM
FIRST COME
FIRST SERVE

Choose From Over 50 Good Used Cars!

Here are just a few of the many:

1950 FORD Tudors
1948 STUDEBAKERS
1948 DODGES
1948 BUICKS
1948 CHEVROLETS

1948 PONTIACS
1947 PLYMOUTHs
1947 CHEVROLETS
1947 NASHs
and many others

Come Out Tonight - Buy An Appliance
and Choose Your FREE CAR

★ No Payments until April

★ Convenient Terms To
Sell Your!

★ Up to 2 Full Years
To Pay!

★ Many Models to
Choose From!

If you do it
with heat

you can do it
better
with

gas

All Nationally Advertised Merchandise
ALL BRAND-NEW MODELS
Large Quantities to Choose From

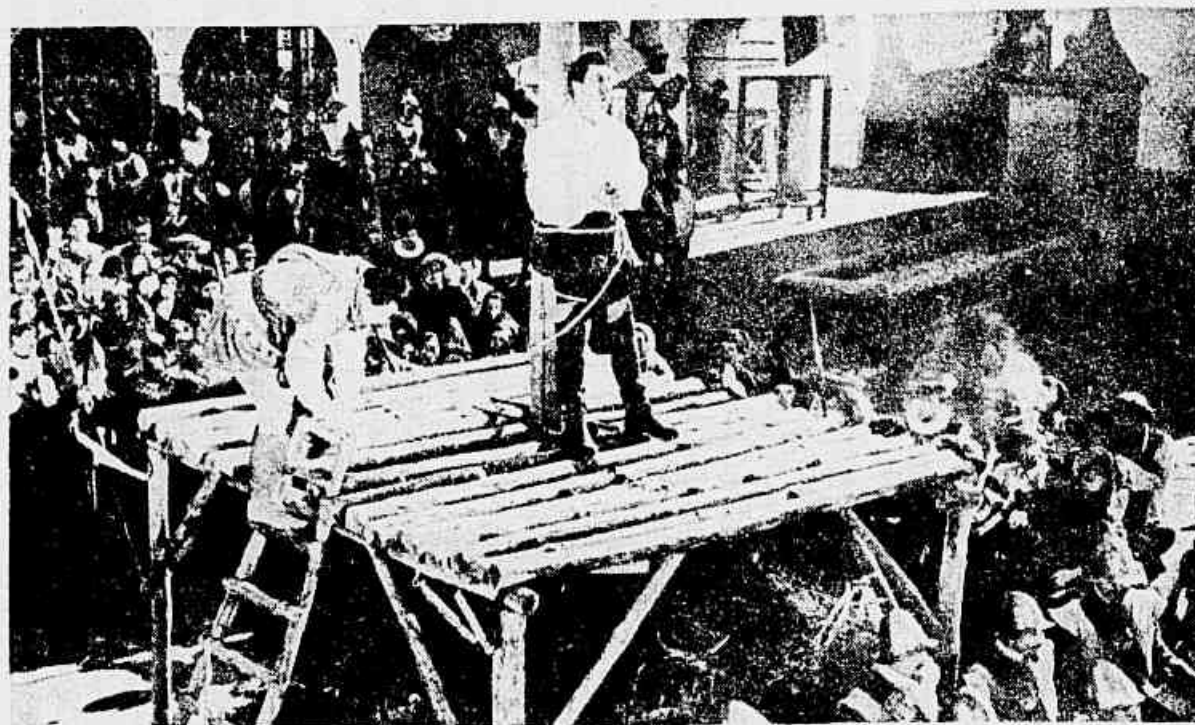
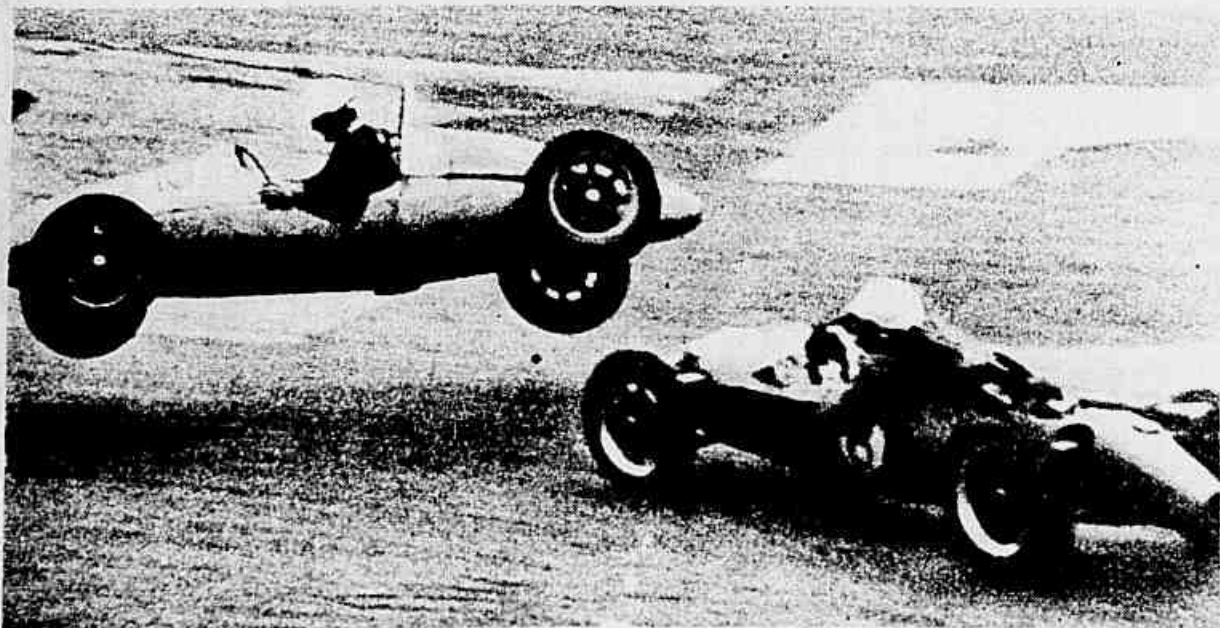
CAR-LOAD APPLIANCES: Terlecky's Appliance, Inc., at the
McKinley Heights Shopping Plaza, west of Youngstown, is offer-
ing "over 50 good used cars" as bonuses for appliance purchases.
The two-day offer features autos of low and medium price
range that are six to 10 years old. Results were described as
good.

INCRIVEL, MAS VERDEIRO: êsse anúncio apareceu há alguns tem-
pos, num jornal americano. Uma firma, batendo todos os re-
cortes, resolveu oferecer a quem comprar uma geladeira, um
aparelho de televisão e coisas semelhantes, nada mais, nada
menos do que... um automóvel! Automóvel usado, é verdade.
E note-se que o pagamento da mercadoria ainda é facilitado...



ELEONORA Rossi Drago,
junto ao marido, a quem
não via há nove anos.
Estão tentando desquite
amigável. Ele é gran-
de industrial no Uruguai.

A PERÍCIA e o sangue frio
dêsse piloto, o sueco
Strandberg, salvaram seu
colega Bell, americano,
de morte certa e horrível.
Seu carro voou por ci-
ma do outro, há pouco,
na cidade de Copenhague



DON GIOVANNI terá como criado, no
filme que está sendo rodado atualmen-
te na Itália, a Fernandel. Eis aqui o
impagável Sganarello, quando, na fo-
gueira, vai pagar pelos seus pecados.

**POR ÊSSE MUNDO
DE DEUS**

A CONDESSA Emannuela Castelbarco,
aqui vista em sua residência, ao lado
de um retrato do imortal Verdi, é ne-
ta do grande maestro Arturo Toscani-
ni, casar-se-á brevemente, ao que se
propala, com o duque Acquarone.

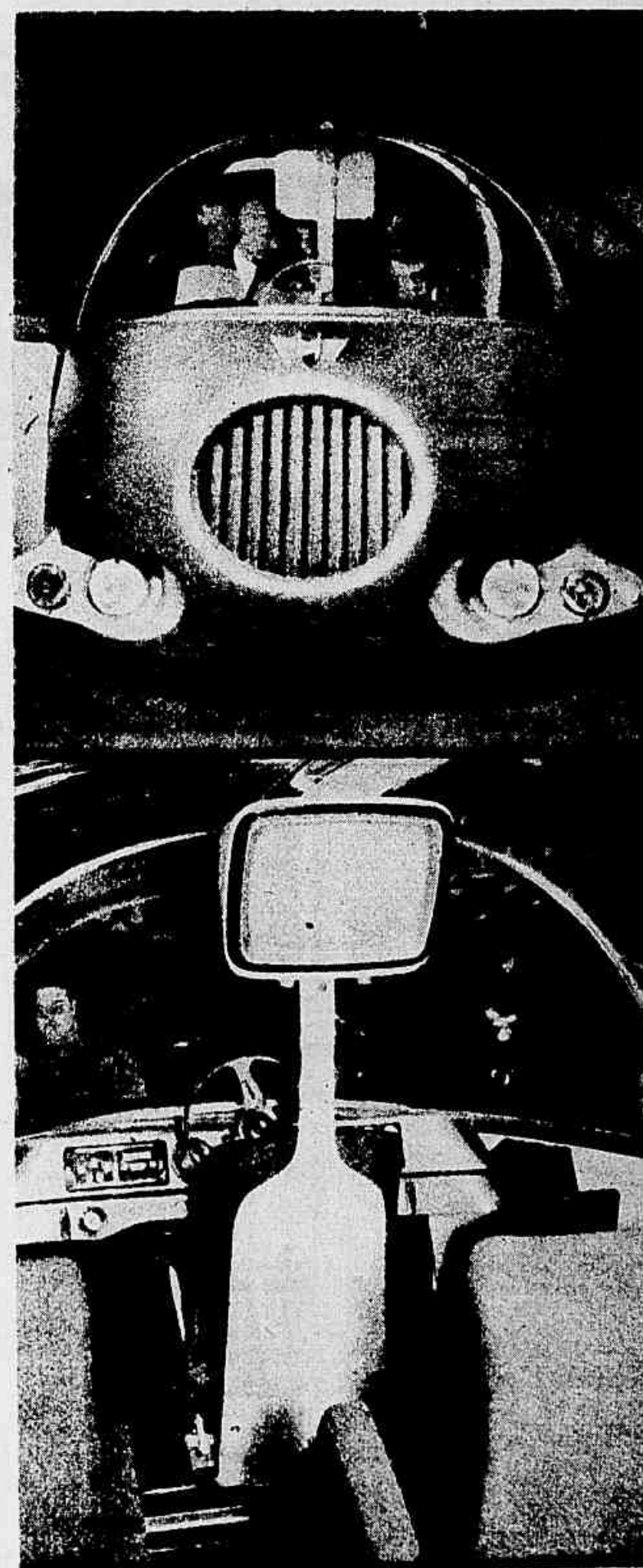




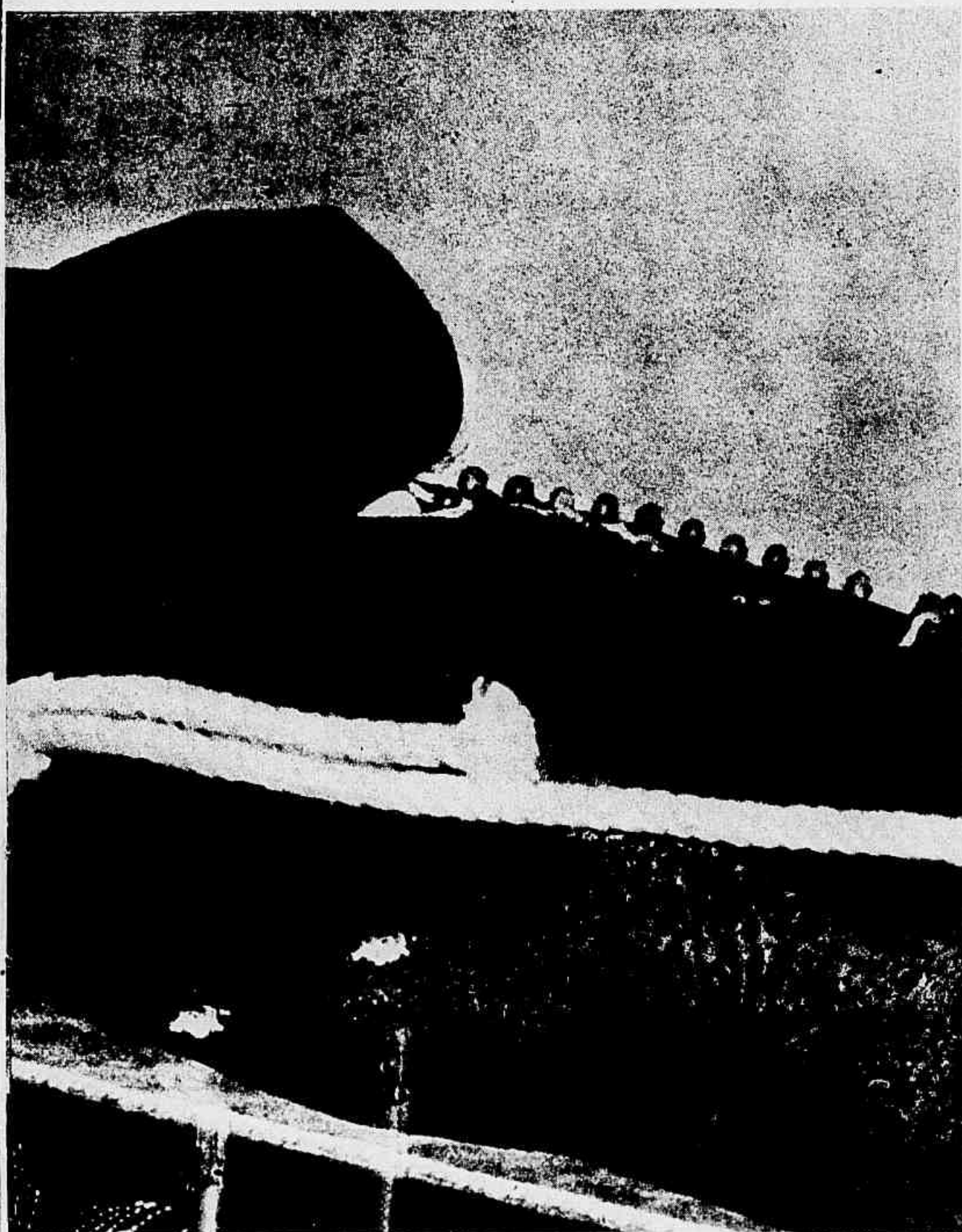
ESSA - LOURINHA
míope, mas bonita,
é nem mais nem
menos que Grace
Kelly, cara meta-
de do gordinho
príncipe Rainier III.
A foto é bem rara.



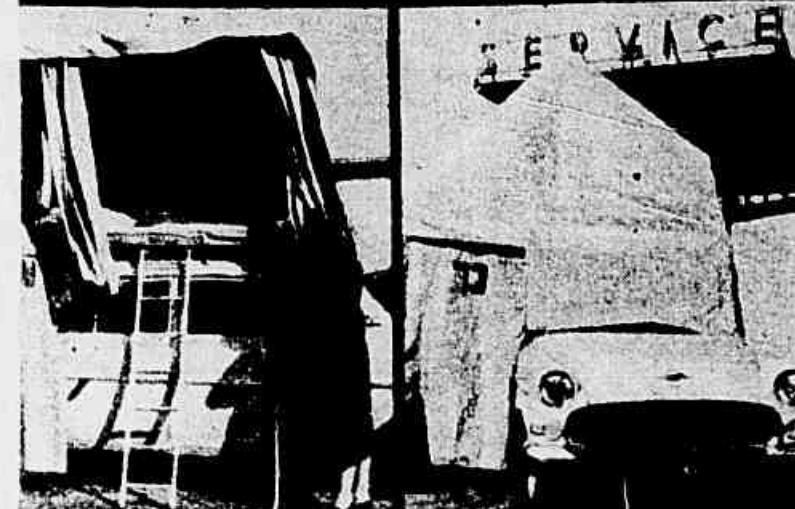
O ÚLTIMO «Salon des Automobiles» efetuado em Gênova viu esse maravilhoso carro italiano, construído pelo famoso Viberti. É um Pulmann revolucionário, que entre outras coisas, oferece aos seus passageiros uma tela de televisão. Naturalmente o número de desastres vai subir um pouco, com o novel passatempo. Mas que o carrinho é bastante bonito, lá isso é mesmo.



PARECE NÃO ter mais fim a lua de mel de Mel (sem trocadilho) Ferrer e Audrey Hepburn. Ei-los, já de volta a Roma, brincando com a neve que cis-mou de tombar nos últimos dias sobre a capital da linda Itália.



FREI FRANCISCO da Camparoso morreu em 1866, e hoje, noventa anos passados, continuam seus despojos bem conservados, livres da putrefação como se apenas estivesse adormecido. Dizem que o frade, em vida, realizou milagres.

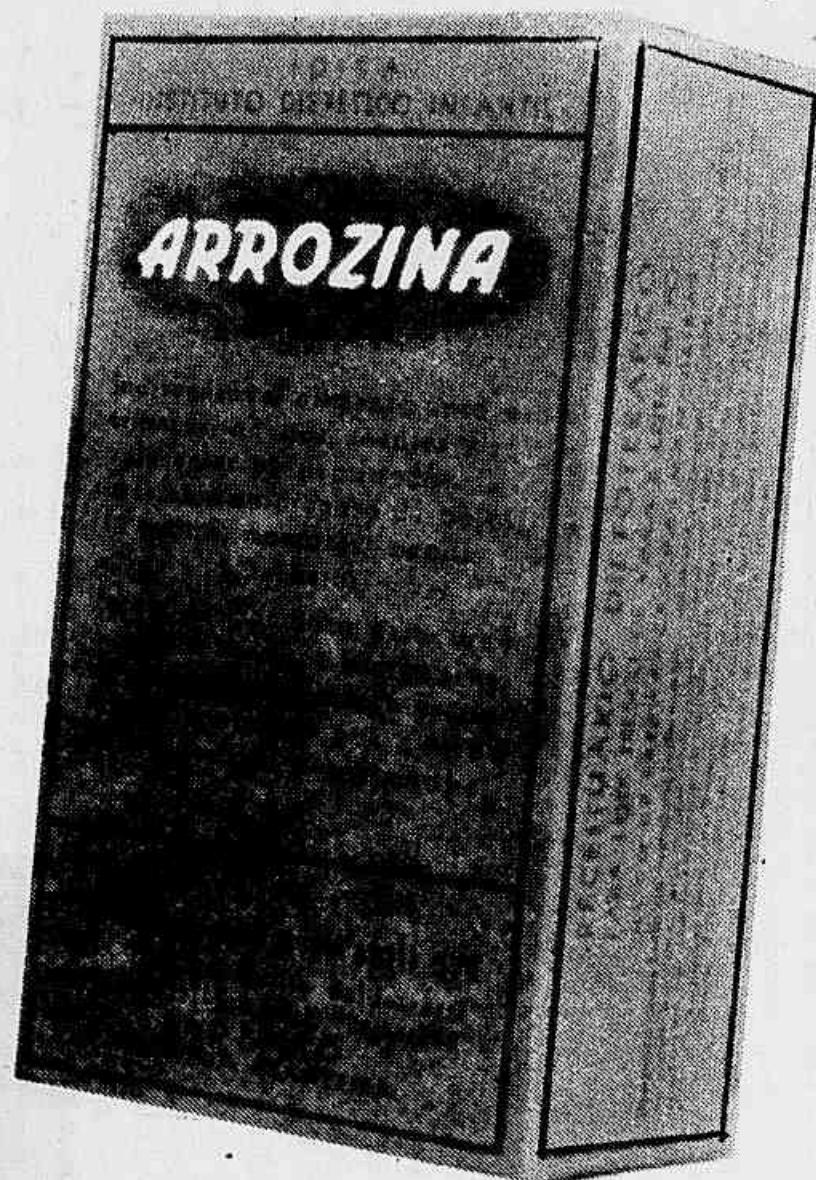


É hora do "RANCHO"



seu filho
cresce com

O alimento
que levanta
o peso
do bebê



A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias

*Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, recheios e bolos*

UM PRODUTO



**Instituto Dietético
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

Alicia Markova

♦ Ante uma visão tão esplendorosa torna-se de todo impossível uma dissecação material, uma análise visível, um desfile de razões técnicas. Tudo não passaria de pragmatismo artístico talhado e dirigido às conveniências de um mundo esgotado. Pobre platéia! Seu esgotamento não permitiu que descobrisse a poesia de Alicia Markova — a mais pura das Pavlovas, a mais etérea das Taglionis, a que enche os espaços de movimentos inconsúteis, a que se exaure a cada lance, como que perpetuamente tolhida por uma fatalidade coreográfica. Mas o público (coitado!), não percebeu nada disso. Aplaudiu tudo o que considerou «difícil», rápido, espetaculoso, surpreendente. Dir-se-ia estar assistindo a uma competição esportiva, cuja heroína ou herói deveria ser a que fizesse maior número de rodopios ou aquela que realizasse os mais amplos saltos. Em suma, aplaudiu tudo, menos a poesia que não sentiu. E nem poderia ser de outra maneira.

Entretanto, o espectro de «Giselle» tendia constantemente para a desintegração — tal era sua leveza, relocada por uma morbidez encantadora, sem ultrapassar em um só instante sequer os limites do círculo dramático que se impunha como uma necessidade efetiva. Tinha-se a impressão de que Markova estava tentando coincidir com seus próprios movimentos — coisa, aliás, muito difícil de ser explicada em linguagem mais clara e objetiva. Sobre um fundo auroral, circundada por aquelas que morreram às vésperas do matrimônio, «Giselle», esfusante e intocável, banhada pelo azul mortal da virgindade ou pela brancura intocável da eterna ressurreição, explorou o espaço com a suavidade de uma libélula aprisionada, que, em vão, busca a liberdade para o amor.

Algo mais poderia ser acrescentado? Onde encontrar palavras que não degradem a beleza espargida naqueles momentos? Alicia Markova? Somente os poetas podem falar sobre ela. E como muito bem diz um célebre bardo europeu, referindo-se à famosa Taglioni, Markova «pára como um espírito no meio de transparentes nuvens de branca musselina... e lembra um anjo alegre, que, imperceptivelmente, roça pétalas de flores celestiais com as pontas dos seus pés alados...»



Discos

CONCERTO EM RÉ MAIOR PARA VIOLINO E ORQUESTRA, DE BEETHOVEN — Gravação com a Orquestra da Rádio Nacional da URSS, dirigida por Alexander Gauk, tendo como solista o mundialmente famoso David Oistrakh. Esta é certamente uma das melhores interpretações do brilhante concerto do gênio de Bonn. Realística, profunda e emotiva, salienta-se ainda mais pela excelente qualidade do disco. Nascido em Odessa, Rússia, no ano de 1908, David Oistrakh é um dos maiores violinistas do século. Entretanto, só começou a angariar fama no mundo ocidental depois de ganhar o primeiro prêmio no Concurso Internacional Eugene Ysaye, de Bruxelas, realizado em 1937. Desde então, enfiou para o rol dos «três grandes», ao lado de Yehude Menuhim e Jascha Heifetz. E não obstante ser, atualmente, professor catedrático do Conservatório do Estado, em Moscou, Oistrakh realiza, de vez em quando, prolongadas «tournées» pela Europa, onde desfruta de imenso prestígio. Esta gravação do «Concerto em Ré Maior», recentemente lançada no Brasil pela Copacabana é de grande interesse para aqueles que se empenham em completar suas discotecas. CLP-12003 — «Copacabana».

SCHEHERAZADE, OPUS 35, DE NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOFF — Temos agora uma nova versão da famosa suíte sinfônica inspirada nas «Mil e Uma Noites». Esta interpretação da obra de Korsakoff, que está a cargo da Orquestra Filarmônica da Holanda, dirigida por Walter Goehr, recomenda-se por uma notável visibilidade da participação instrumental, quando em solo individual. Pureza e cristalinidade — eis as qualidades essenciais desta gravação. Saliente-se a beleza da capa, — um ektachrome de Van Erven. CLP-12001 — «Copacabana».

O FUTURO DO BRASIL DEPENDE DESTAS TÔRRES



...tôres e linhas são os caminhos que, por vales e montanhas, levam a energia elétrica das usinas geradoras às cidades.

A transmissão de energia e a sua distribuição envolvem problemas de alta técnica e vultosos investimentos.

O Plano Nacional de Eletrificação prevê o aumento de capacidade geradora do país de 3 para 5 milhões de kW em 1960...

...mas a energia não deve ficar na barra dos geradores — ela precisa chegar até ao consumidor.

Transmitir e distribuir eletricidade aos centros consumidores requer capitais maiores do que os necessários à construção das usinas.

Sem tarifas ajustadas aos novos níveis do valor da moeda, não será possível expandir nem as usinas geradoras nem os sistemas de distribuição para as necessidades das populações que crescem.

Somente com uma remuneração razoável a indústria elétrica poderá atrair novos capitais para construir usinas, linhas de transmissão e redes distribuidoras para prover de força as máquinas que continuarão a impulsionar o progresso do Brasil.

O BRASIL MARCHA COM A ELETRICIDADE

O FATO LITERÁRIO

LIVRO VERSUS IMAGEM

J. R. TEIXEIRA LEITE

● HA POUCO tempo, liamos o grande livro de René Huyghe, "Dialogue avec le Visible", talvez a maior obra de quantas escreveu o célebre conservador em chefe da seção de Pintura do Museu do Louvre. Nêle se defende uma tese verdadeiramente estupefata, e com argumentos impressionantes: assim como, até há poucos séculos, esteve o mundo (e mormente a Europa) entregue à "Civilização do Livro", o século que corre talvez fique conhecido, pelos historiadores futuros, como o "século da imagem". Para provar tal assertiva, Huyghe lança-se a uma minuciosa reconstituição do passado, examinando a parcela cada vez menor dedicada à palavra escrita, em nossa civilização.

● A partir de meados do século passado, com efeito, começou a imagem a adquirir tal importância, que as palavras tiveram de, gradativamente, ir cedendo seu até então indisputado lugar. Hoje em dia, já existem pintores (Picasso que o diga) cuja fama iguala ou ultrapassa a dos maiores escritores, ao contrário do que no passado acontecia, quando os artistas desejavam, acima de tudo, ser escritores. O grande historiador e pintor Vasari, por exemplo, dedica seus três grossos volumes da "Vite delle più eccellenti pittori, scultori ed architetti". (Florença, 1550) ao estudo dos artistas que o antecederam, sem, nem uma vez, se utilizar da imagem para exemplificar a produção dos mesmos. A frase lhe bastava, e nela se apotava, com exclusividade, o artista-escritor.

É no campo da publicidade, principalmente, que se nota essa vitória atual da imagem sobre a palavra escrita: a partir de Toulouse-Lautrec e de Bonnard, começa a adquirir proeminência um tipo especial de publicidade, que se baseia não mais no texto, como até então, mas apenas na imagem. Esse tipo de publicidade conheceu sua vitória incontestável nos dias que correm, como não é segredo para ninguém.

● A própria vida privada é testemunha dessa vitória da imagem sobre a palavra escrita. E exemplo flagrante disto é que as duas palavras tradicionais — "quente" e "frio" — que até há pouco existiam sobre as torneiras dos lavatórios, já foram agora substituídas, e por cores: vermelho (lembrando o fogo), para o quente, e azul (côr do oceano, do gelo), para o frio. Também na literatura esse estado de coisas se refletiu, e o que hoje vemos é a vitória de um certo estilo que críticos mais irreverentes batizaram de "telegráfico". E a ilustração exerce poderosa atração sobre os próprios escritores, que não se furtam ao prazer de encher seus volumes com dezenas delas.

Se, na Europa, a "Civilização do Livro" deixou marcas abundantes, marcas que de quando em quando renascem aqui e ali, na América, tendo sido bem menor o seu legado, essas marcas são menos profundas, e é dali, segundo Huyghe, que se tem espalhado para os demais continentes essa recente "civilização da imagem". Será acaso tempo de os escritores mudarem de profissão?...

Notas



Schmidt



Bandeira



Shaw

A 18 e 19 de abril, dois poetas brasileiros — dos maiores que já tivemos —, aniversariaram: Augusto Frederico Schmidt (50 anos) e Manuel Bandeira (70). Se o aniversário de Schmidt foi talvez comemorado com retumbância maior, devido à alta posição atual do autor da "Estrêla Solitária", o de Manuel Bandeira teve o dom de enternecer aqueles que amam a Poesia, tal a singeleza e a simplicidade de que se revestiu.

"SEMANÁRIO", o novo órgão que se publica no Rio e em São Paulo, simultaneamente, tem variada colaboração literária e artística. A

parte dedicada à Literatura está entregue a Adonias Filho, que já assina a coluna de crítica do "Jornal de Letras".

JÁ ESSE ANO comemora-se o primeiro centenário de nascimento de George Bernard Shaw; que, como todos sabem, nasceu em Dublin, em 1856, tendo falecido há poucos anos. Diz-se que o prestígio do famoso autor de "Major Bárbara" tem decaído sobremaneira, tanto na Grã-Bretanha como fora dela, a ponto de o Museu que lhe consagraram, em sua antiga residência, ter sido obrigado a fechar as portas, por falta de visitantes.

LIVROS

MODERNO tratado de versificação é o de Murilo Araújo, agora em segunda edição: "A Arte do Poeta". O livrinho trata, de maneira atraente e com conhecimento do assunto, de tudo quanto se refira à Poesia, da formação do verso ao ritmo poético, examinando, outrossim, o verso livre moderno (Livraria São José, Rio, 1956 — 102 páginas).



JOSUÉ MONTELLO, ao publicar "Artur de Azevedo e a Arte do Conto", resgatou uma velha dívida que os Acadêmicos que sucederam, no decorrer de tantos anos, ao homem de letras maranhense na Academia Brasileira de Letras, tinham contraído, seja por não terem chegado a empossar-se, como Vicente de Carvalho, seja porque o sucessor desse, o há pouco falecido Cláudio de Souza, preferiu fazer o elogio do paulista. Josué Montello estuda o coestaduaño com amor e competência, e seu livrinho é, já agora, indispensável aos que desejarem conhecer a personalidade do autor de "O Plebiscito" (Livraria São José, Rio, 1956 — 69 págs.).

"O SOCIO-TEISMO", de J. Duarte, é, segundo suas próprias palavras, um "apêndice à Filosofia (iniciação literária)". O autor busca reagir contra o exclusivismo das igrejinhas filosóficas nacionais, as quais são "círculos fechados a qualquer idéia não prestigiada por uma cátedra... alemã". O socio-teismo, como lemos à página 19 do livrinho, é uma concepção social da divindade, e serve para designar os sistemas de Feuerbach e Durkheim, e mesmo os de Comte e Marx. Ao socio-teismo corresponde, no plano ético, o soci-ismo, que é a "moral da simpatia e da solidariedade, da comunhão e do amor". Na ordem econômico-política, soci-ismo quer dizer: Socialismo, democracia social. (Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio, 1956 — 23 páginas).

"INGLATERRA", de Castilhos Goycochea, é um interessante estudo sobre a mentalidade inglesa, constituído de inúmeras notas, muitas realmente interessantes, e de considerações por vezes agudas, sobre os mais diversos aspectos da vida inglesa, desde o "humor" e do "tea" até ao "Commonwealth" (Livraria São José, Rio, 1955 — 90 páginas).

POESIA

Hora Solene

Quem nesta hora chora algures no mundo,
sem motivo chora no mundo,
chora por mim.

Quem nesta hora ri algures na noite,
sem motivo ri-se na noite,
ri de mim.

Quem nesta hora anda algures no mundo,
sem motivo anda no mundo,
vem a mim.

Quem nesta hora morre algures no mundo,
sem motivo morre no mundo,
olha para mim.

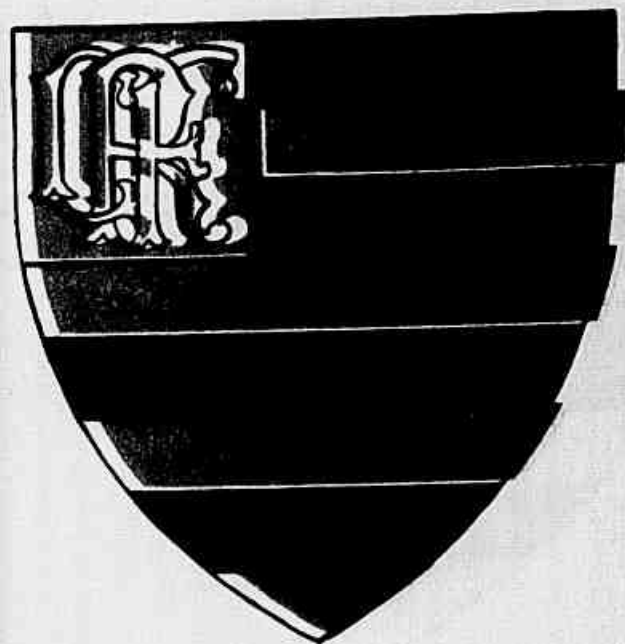
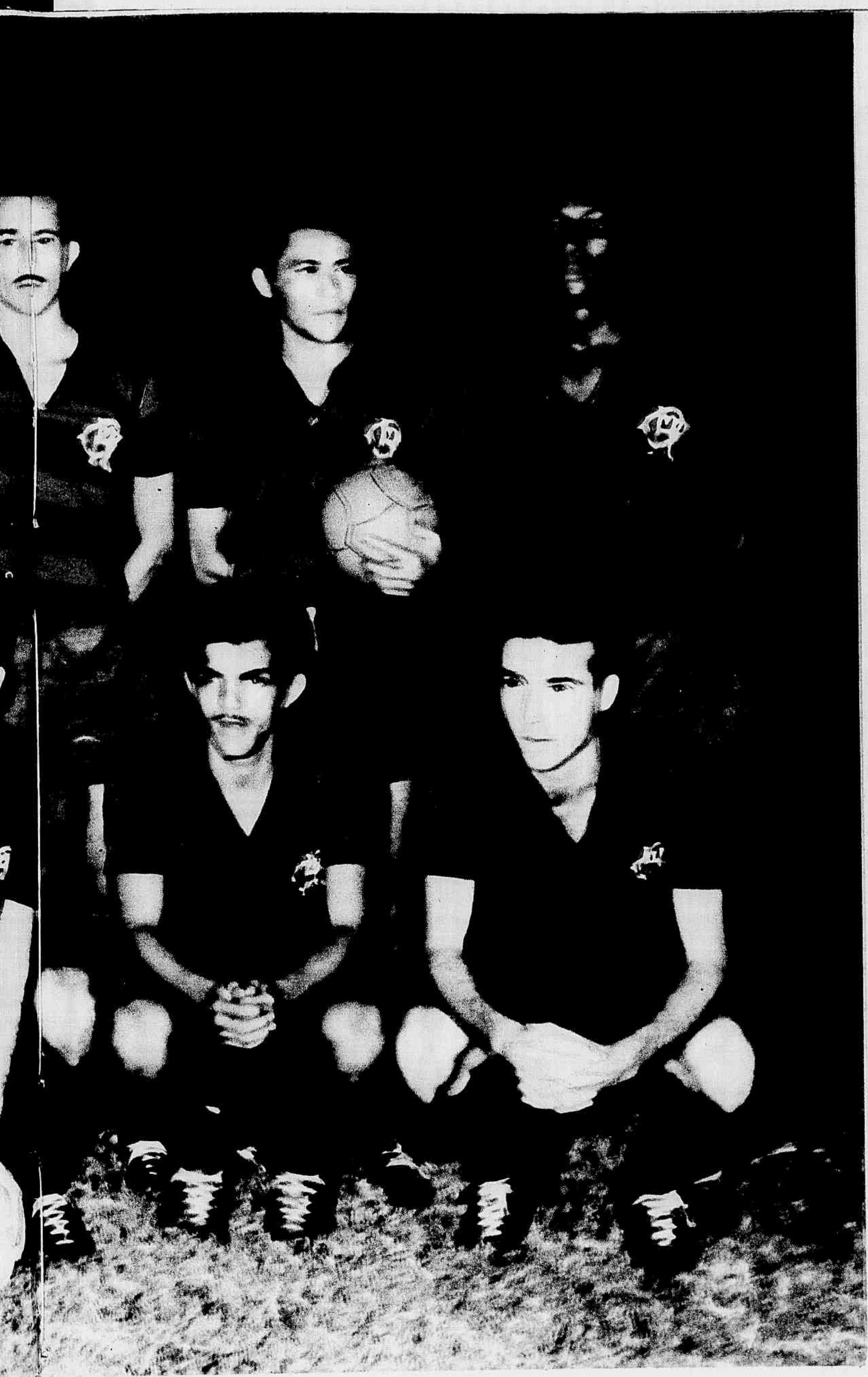
RAINER MARIA RILKE
(tradução de Geir Campos)



FALTOU ALGUÉM no vestiário do Flamengo, após a grande vitória que permitiu a posse do tricampeonato. Foi Gilberto Cardoso. O presidente rubronegro, que morreu de emoção justamente pelo seu clube, foi lembrado com saudade por jogadores e pela torcida, dando uma nota de melancolia à gloriosa conquista do Flamengo.



FLAMENGO:



• **FLAMENGO, TRICAMPEÃO** — 1953-1954-1955 —
Eis o time do mais popular clube do Brasil, pouco antes de conquistar a espetacular vitória sobre o América, na melhor de três, e o consequente tricampeonato: Chamorro, Servílio, Pavão, Tomires, Dequinha, Jordan, Joel, Duca, Evaristo, Dida, Zagalo. Um esquadrão dificilmente superável. (Foto A. Ferreira).

TRICAMPEÃO!



DIDA, HERÓI da noite feliz em que o Flamengo derrotou o América por 4 x 1, conquistando o Tricampeonato pela segunda vez. Sua atuação foi soberba, desorientando totalmente a defesa adversária. Basta dizer que, dos quatro tentos conquistados, nada menos de três foram de sua autoria, e o quarto teve sua colaboração





ANGELITA, a rainha das atrizes faz televisão.



BRUNO, um «maître» de fato. Ficará no «Beguín»?



HAROLDO, o melhor «disc jôquei» de 1955 e Lili.



CARMEM DÉA, voz mais bonita dentro das noites.

◆ ROTEIRINHO

No «Meia-Noite» está Edith Piaf — No «Bacará» canta Carmem Déa — No «Ma Griffe» a música de Waldir Calmon e o piano magnífico de Steven Bernard — Carminha Mascarenhas dentro das noites do «Sacha's» e o próprio Sacha com seus bons músicos — O «La Ronde» vai para as mãos de Djalma Ferreira e Faíá Lemos — Helena de Lima no «Jirau» — Leônidas Autuori a caminho de Paris — Quem quer comprar o «Jirau»? — Chuca-Chuca no «Arpege» — Também nos jantares do Mesbla a música de Steven Bernard — Luís Bandeira e Mariza no palco do Copa — E é grande a expectativa em torno do «Beguín» em novas mãos — O «Cangaceiro» precisa tomar tenência — Porque o «Scotch» está sempre vazio? — Dois «sandwiches», dois uísques: 800 cruzeiros (Sacha's) — Ainda se come bom e barato no «Studio» — E a COFAP vai olhar essa coisa de preço e de uísque falsificado?

◆ OS COSINHEIROS

Houve um sussurro de campeonato de cozinheiro amador. Depois veio um silêncio por vários motivos. Agora surge outra vez a idéia, que aos poucos vai tomando forma. Uma apresentação de grandes pratos feitos por mãos masculinas e amadoras. E na lista: Wladimir Alves de Souza, Bentinho Soares Sampaio, Sílvia Caldas, Raimundo Nogueira, Norberto Lôbo, Jarbas Melo e outros. Foi excluído o nome de Chico Wright por ser considerado «profissional», até o presente momento.

◆ SILVIO VALE UM MILHÃO E MEIO!

Pelo menos é o que alardeia Carlos Machado dentro das noites: que teria contratado por esta quantia o mais querido e mais notável cantor brasileiro. Ele será a figura principal do próximo «show» do «Night-And-Day» que terá o nome de «O Grande Seresteiro» — Machado gosta muito da palavra «grande» — cujo roteiro já estaria sendo feito por Acioly Neto, braço direito do grande empresário, cujo nome, quase não aparece.

◆ DON CICILLO

Depois da temporada de Edith Piaf na sua «boite», «Lord» — a que tem tido gente ultimamente em São Paulo — Don Cicillo pretende montar um «show» em boas bases para fazer mais gente e bom dinheiro. Já está certa a escolha

◆ BRUNO

Um dos «maîtres» mais gentis e de maior eficiência dentro dessas noites. É do «Beguín» desde a sua inauguração. Agora que os donos são outros há quem diga que para lá irá Ramon. E Bruno?

◆ O REBATE FALSO

A princípio circulou a notícia de que o sr. Oscar do Copa iria trazer um «show» já montado e pago a base do dólar, diretamente dos Estados Unidos. Agora o que se conta é justamente o contrário: o que o sr. Oscar vai fazer é levar

nas e amadoras. E na lista: Wladimir Alves de Souza, Bentinho Soares Sampaio, Sílvia Caldas, Raimundo Nogueira, Norberto Lôbo, Jarbas Melo e outros. Foi excluído o nome de Chico Wright por ser considerado «profissional», até o presente momento.

de Paulo Soledade para dirigir e montar aquele espetáculo, que terá Edu como astro principal. Aelson — o mesmo que desenhava os modelos de Carlos Machado — será o figurinista — e a apresentação contará também com a «vedette» Carmem Verônica.

«shows» daqui para os olhos dos americanos. Quem vem de lá é mesmo Ed Sullivan o que faz «Ed Sullivan Show» (ex-«Toast of the Town») e Margareth Truman e seu marido para um «honeymoon». A convite de Oscar. Nós não vamos ver nada de novo!

...VIVE LE ROI!...

Fernando LÔBO

E por uma dessas reviravoltas o moço jornalista aconteceu cronista de «boite». A noite estava lá fora e dentro dela uma infinidade de assuntos. Havia mesmo uma forte dose de interesse dos donos das variadas casas para que coisas belas fossem ditas de seus espetáculos, das suas bebidas e de seus bifes. Um sorriso, um agrado, sempre na presença do dono, diante do cronista. Um cuidado de babá para que nada escapasse ao moço, presente, um cuidado maior para que os erros não fossem vistos para que não fossem anotados. E a noite seguia e noites outras sempre vinham e o caminhar era o mesmo entre esse amparo do negociante e nunca uma ausência de agrado. Casas e casas de letreiros variados, pequenas e grandes casas em luta pelo níquel, níquel gordo tomado com jeito do caminhador noturno. Quando a noite vinha para o boêmio o menu para as suas andanças, estaria presente numa variedade enorme, num chamado sedutor a sua vontade, aos seus olhos, a sua sede. E era variado. Pelo moço jornalista todos se orientavam. Se ele dizia que valia a pena ver o «show», escutar a atração nacional ou estrangeira ou numa reticência avisava o perigo do uísque distribuído em certa parte, um corre-corre acontecia, um jeito de sorrir renascia novo na face comercial do dono, do comerciante pálido e noturno. Depois esse mundo redondo dando essas voltas, tem feito coisas marginais. O Rio de agora é esse que se vê: um Rio morto e de dormir cedo. Insistem boêmios sindicalizados em manter a noite, e a crônica se amolda a um jeito pálido por falta do que dizer por não encontrar motivo para frases. E o dono sossegou. Afastou de suas mãos os gestos largos, expulsou do seu rosto o sorriso forçado, incômodo. Moço cronista das noites sem nada, caminha em forma de ziguezague. Poderá apontar o que há? A noite é uma só, vendida e pertencente a um só homem e se dêle falem, se quiserem.

ONTEM a porta do «Vogue» era um enxame de adeptos do Barão Von Stuckart. Havia uma luta entre ele e mais os outros. Machado era seu maior rival. Hoje o que era do Barão virou cinzas. Até a sua cabeça está queimada de idéias. Não soube mais fazer, nem acertar o passo firme de tempos outros quando a idade parecia ser fator preponderante. Os amigos trocaram de calçada e foram endeusar os inimigos do caído, louvar com as mesmas frases os que muitas vezes estiveram na amargura de críticas severas. Questão de bife de melhor paladar.

QUANDO um grupo resolveu fazer greve ao preço absurdo do que há dentro da noite, um outro grupo resolveu ficar surdo. E que os seus uísques e seus pratos obedecem a um «menu» de preço especial. E a greve ficou dividida, mas muita gente achou que muito havia de razão dentro dela. É essa coisa comum das horas passando. Os mais endeusados no momento pelos especialistas noturnos são sem dúvida Oscar do Copacabana e Carlos Machado. Também eles são os únicos. Se um dia porém, um deles pegar o vento do Barão, sobrar apenas uma torre no joguinho de xadrez noturno, e esta vai ganhar o que há de bom em elogio, o que há de fino em palavreado endeusador, porque afinal de contas não há o que dizer e para não dizer nada é sempre melhor dizer bem que é mais agradável, não custa dinheiro nem dá despesa. A greve que tome um sentido mais forte quando ela estourar pela segunda vez.

EUSEI TUDO

DE ABRIL

- LEITOR, VOCÊ É UM MILAGRE!
- A TERRA CHAMANDO MARTE...
- O SAL, ESSA MARAVILHA!
- O ASSASSINO QUE TINHA CONSCIÊNCIA
- OS MISTÉRIOS DA ÁGUA
- COMO A PALESTINA SE TORNOU A
"TERRA SANTA"
- COMÉDIA E DRAMA NO REINO ANIMAL
- A CONSTITUIÇÃO CARBÔNICA

REDAÇÃO

RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

PREÇO

Cr\$ 10,00 EM TODO O BRASIL

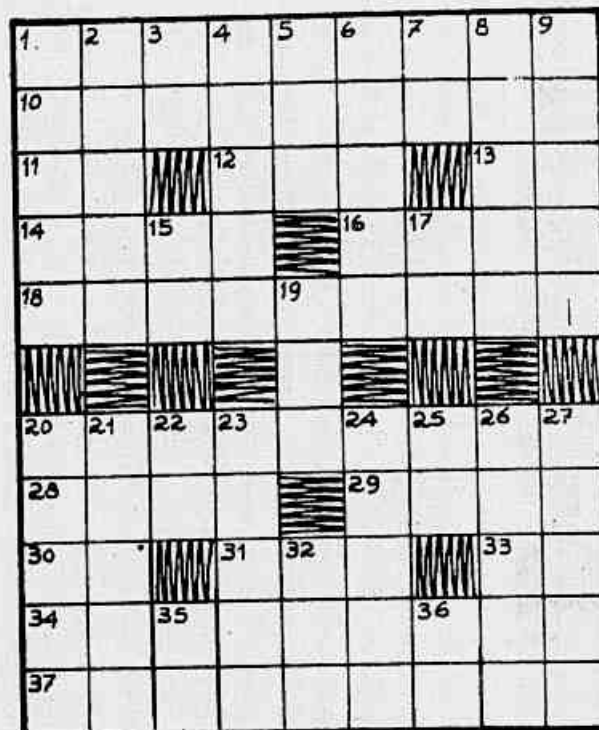
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 117

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Esqueleto — 10. Desacreditais — 11. Prefixo designativo de falta — 12. Amuleto — 13. Nome da 12ª letra do alfabeto turco — 14. Consagrará — 16. Gritar — 18. Estado patológico caracterizado pela localização das sensações no lado do corpo oposto ao que recebeu a impressão e em ponto simétrico — 20. Que desculpa — 18. Perfume — 29. Gênero de mamíferos carnívoros, da espécie dos Canídeos — 30. Nota Musical — 31. Ave da família dos Cuculídeos — 33. Símbolo do metal de peso atômico 58,94 — 34. Enfeitar — 37. Terreno plantado de arroz.

VERTICAIS: — 1. Lugar onde se reza — 2. Diz-se do diamante bruto e muito pequeno — 3. Símbolo do antimônio — 4. Canoa que tem as extremidades achatadas (pl.) — 5. Milésimo segundo — 6. Análise — 7. Loureiro do Japão — 8. Imprimi — 9. Guarneceira de asas — 15. Nota musical — 17. Corruptela do prefixo ex — 19. Nome dado às terras negras do Marrocos Ocidental, no litoral atlântico — 20. Oponha-se — 21. Nome de homem — 22. Instrumento de música chinês, semelhante ao tambor — 23. Deusa da poesia lírica — 24. Variedade de anta — 25. Símbolo do metal de peso atômico 58,69 — 26. Comover — 27. Abertura por onde os mastros do navio vão assentar na carlinga — 32. Cabeça — 35. Senhor — 36. Segundo.

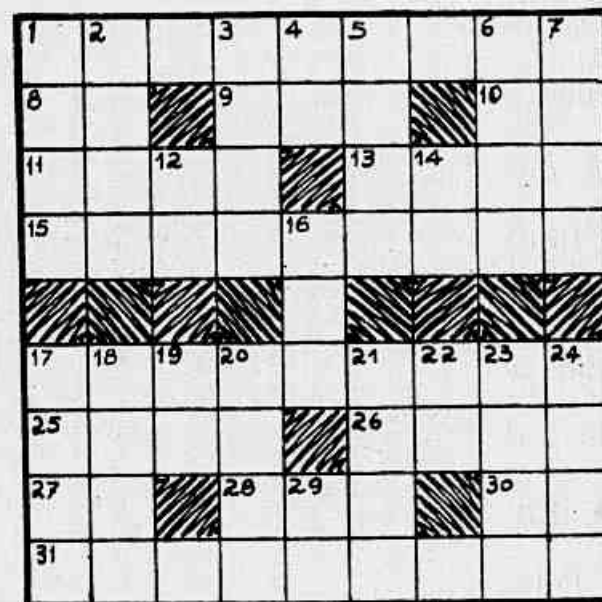


Ofaner - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Instrumento para medir a pressão atmosférica — 8. Brisa — 9. Cabeça de gado — 10. Atmosfera — 11. Indígena da tribo do rio Cassiquiare — 13. Tive medo — 15. Amamentaria — 17. Carolice — 25. Querer bem — 26. O mesmo que ligar — 27. 17ª letra do alfabeto grego — 28. Unidade das medidas agrárias — 30. Símbolo do radônio — 31. Dor nas articulações.

VERTICAIS: — 1. Ama-sêca — 2. Terra arroteada e própria para cultura — 3. Rezei — 4. A mim — 5. Feminino de este — 6. Planta têxtil, da família das Urticáceas — 7. Língua falada em Orixá — 12. Criminosa — 14. Símbolo do érbio — 16. Sinal gráfico — 17. Rosto — 18. Afeição profunda — 19. Símbolo do rádio — 20. Pregar — 21. Nome de homem — 22. Última nota musical — 23. Planta leguminosa e medicinal — 24. Enfeito — 29. Batráquio.



Ofaner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 116

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: arar — Cton — medusário — aforara — la — ótimas — ra — atar — are — ovi — pára — Aa — cacete — ma — arataudá — ritornelo — asir — irar.

VERTICAIS: — amel — :é — Ada — rufo — caritó — tramava — oirariam — noas — sola — araparis — aracati — eretor — atar — cara — Euni — amor — aer — la.

PARA NOVATOS

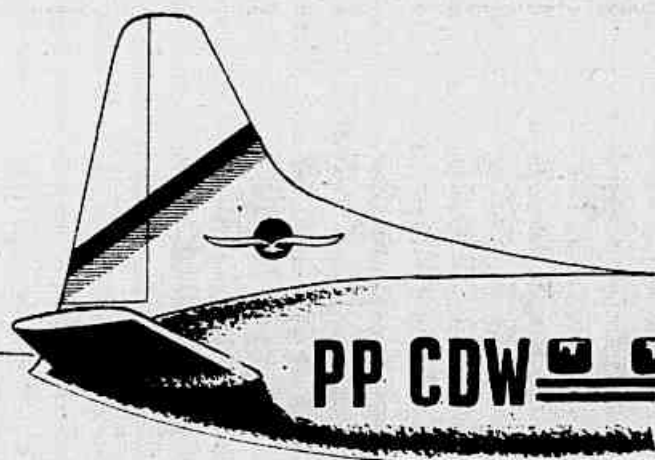
HORIZONTAIS: Caim — maca — rarezas — Ra — batera — Ari — medir — mamário — cator — asa — adágio — Om — sograra — arão — aram.

VERTICAIS: cara — ir — Mab — meter — azedia — carioso — asar — ramaria — armodor — iatagã — magro — casa — amém — ora — ar.

O conforto encurta distâncias...

O avião, como meio transporte do homem moderno, existe em função do aproveitamento do tempo que realiza.

Por essa razão os Convair 340 são mais rápidos de que os aviões comuns e lhe proporcionam muito mais conforto e pontualidade nos seus negócios e férias ou passeios maiores.



NO MESMO DIA em poucas horas **RECIFE a BUENOS AIRES** e também de Fortaleza e de Salvador a Buenos Aires pelos rapidísimos **CONVAIR 340** da **CRUZEIRO DO SUL**

A "experiência" da maior rede aérea doméstica do mundo está agora enriquecida pela preferência dos que precisam, como você, chegar mais rapidamente ao seu destino.

O poderoso e confortável Convair "340" da Cruzeiro do Sul, leva você, às seguintes cidades: **Buenos Aires, Porto Alegre, São Paulo, Rio, Salvador, Recife, Fortaleza** e Vice-versa no mesmo dia e em poucas horas confortavelmente.



CONVAIR 340

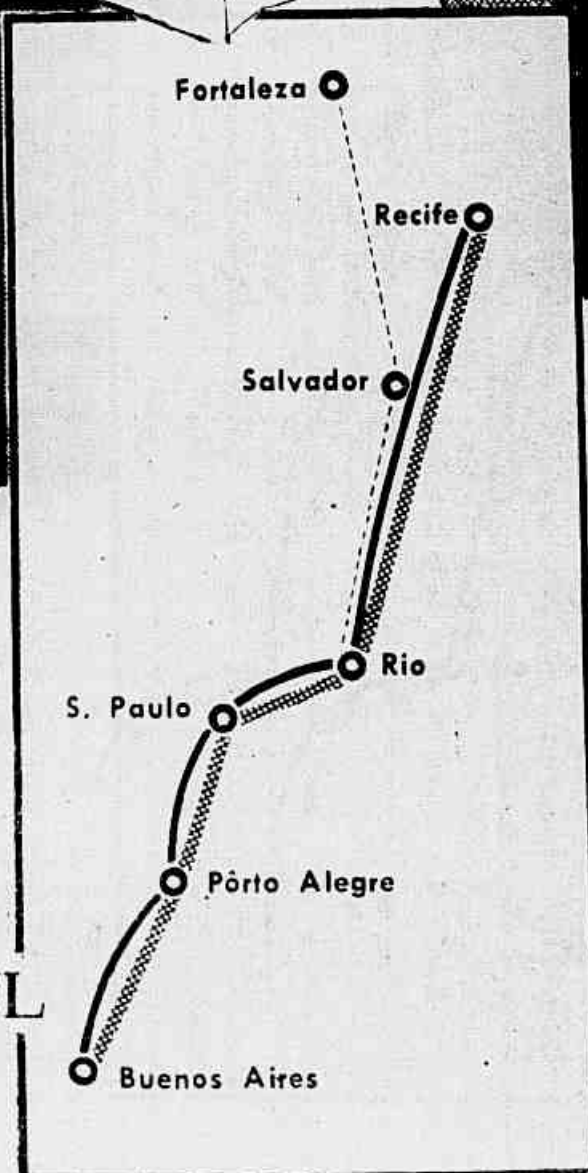
44 passageiros — 450 quilômetros horários (vôo de cruzeiro) Piloto automático.

Conheça o Brasil, viajando pela **CRUZEIRO DO SUL**



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL

Rio de Janeiro: Av. R. Branco, 128 - Tel.: 42-6060
R. Nilo Peçanha, 26-A - Tel. 32-7000 e 42-6060 R. 206



Columbia



Horas de desespero

OS «PRISIONEIRO» discutem os detalhes de seu plano. Ainda ferido, Dan Hilliard é tratado pela esposa, que lhe recomenda tãda a precaução daqui por diante, no trato com os perigosos e desalmados bandidos.

O COMISSÁRIO Jesse Bard conversa qualquer coisa com seus auxiliares, mas no íntimo sentia-se preocupado, pois estava quase na hora em que Helen Miller deveria chegar a Indianópolis. Jesse fumava e caminhava, nervosamente, de um a outro extremo de sua sala, quando Carson penetrou no aposento, dizendo:

— Pode ficar descansado. Helen Miller não virá mais. Patrulheiros a encontraram, nas proximidades de Columbus, e a interceptaram. A moça deve estar escondida na cidade, pois conseguiu fugir.

Ódio e decepção se estamparam no rosto de Jesse.

— Aquêles imbecis! Mas eu lhes dera ordens de não deter a moça!

Carson tentou acalmar Jesse, sem conseguir. O homem, irritado, dirigiu-se para o aparelho de intercomunicações, e falou nervosamente:

— Dutch, dê-me uma linha, por favor. Quero escutar tôdas as chamadas de longa distância entre Columbus e Indianópolis, das oito horas da noite em diante, por tôda a noite.

Eram talvez duas da madrugada, na casa dos Hilliard. Estavam todos reunidos no quarto de dormir do casal. Ralphie, adormecido em uma cadeira, e Cindy, deitada na cama, vestido como chegara da rua. Dan, estendido na outra cama, era socorrido por Eleanor, que lhe

aplicava uma compressa na ferida da cabeça, causada pelo revólver do bandido. A dor era muito forte, porém, Dan teve de se esquecer dela, para ver as horas. Como tentasse levantar-se, Eleanor delicadamente procurou conservá-lo deitado. Não devia mexer-se. A mulher disse-lhe as horas, e o desapontamento se estampou na face de Dan. Já era mais de meia-noite, e Helen não chegara!

Eleanor o acalmou:

— Escute, Dan, feche os olhos e escute o que lhe vou dizer.

Dan deveria fazer-lhe uma promessa. Ele bem podia ter sido morto. Nunca mais deveria tentar outra façanha igual àquela. Ninguém sabia o que se estava desenrolando naquele casarão isolado, eles estavam sôzinhos naquela tarefa, e Eleanor queria que promettesse que nunca mais tentaria, como tentara, resistir à força dos três brutos.

O marido olhou para ela. Vagarosamente, com os dedos tocando a face da esposa, perguntou-lhe:

— Ellie, há quanto tempo eu te disse, pela primeira vez, que te amava?

Aquilo a comoveu, e, soluçando, Eleanor, descansou sua fronte no peito de Dan.

Naquele mesmo momento, o telefone começou a tocar.

Dan e Eleanor alcançaram a porta no exato instante em que Hal atendia, na extensão do

segundo andar. Lá em baixo, Glenn escutava, cautelosamente. Glenn ordenou a Eleanor que atendesse o chamado, e quando soube que desejavam falar com «Mr. James», falou apressadamente pelo outro aparelho. Primeiro, porém, mandou que Hal levasse de volta aos seus aposentos Eleanor e Dan, e que fechasse a porta. E' claro que os dois não poderiam ouvir sua conversa com Helen.

A namorada lhe explicava que houvera uma encrenca no caminho para lá. Assim, ela se dirigira a Louisville.

Glenn ministrou-lhe novas instruções, em vista disso:

— Bem, então escute. Aquela encomenda que você trazia, ponha-a num envelope, e despache-a para o endereço que lhe vou dar.

Depois de desligar, Glenn confidencialmente comentou os acontecimentos com o irmão. Aquêles policiais imbecis! Eles jamais encontrariam um rastro da moça, numa cidade como Louisville. Hal, porém, não estava tão certo. Acrescentou que a polícia acha o que quer que seja, e onde se encontre. O melhor que podiam fazer, pela sua opinião, era darem o fora o quanto antes dali, mesmo sem dinheiro.

Glenn ponderou que, sem dinheiro, não poderiam ir longe. E com a quantia que Helen lhe mandaria, não haveria policial, no mundo, capaz de lhe pôr as mãos em cima.

Desceu novamente o silêncio na casa dos Hilliard, e, enquanto todos iam deitar-se, Glenn ficou pensando soturnamente, a um canto da sala...

O café matutino, no dia seguinte, foi um

(THE DESPERATE HOURS)

CAPÍTULO V

Glenn Griffin HUMPHREY BOGART
Hal Griffin DEWEY MARTIN
Sam Kobish ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard FREDRIC MARCH
Eleanor MARTHA SCOTT
Cindy MARY MURPHY
Ralphie RICHARD EYER
Cuck Wilson GIG YOUNG
Jesse Bard ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Novelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

caso sério para os Hilliard. Glenn sentou-se à cabeceira da mesa, como se fôsse o dono da casa, e Cindy e Eleanor serviram. Hal ficou de pé, à porta da cozinha, com uma xícara na mão. Dan, com o rosto fechado, levava um esparadrapo na cabeça. Irônicamente, Glenn lhe comunicou que infelizmente, ainda teriam de permanecer naquela casa por algum tempo, até que um certo envelope chegasse pelos Correios. Entremetidos, desejava que as coisas se desenrolassem normalmente. Dan lhe disse então que Cindy iria trabalhar, normalmente, porém, Ralphie, não iria ao colégio, mas ficaria em casa com eles. Sãdicamente, Glenn continuou ministrando instruções, até que Eleanor, não mais agüentando aquilo, levantou-se aos soluços e esbofetou-o em pleno rosto.

Com incrível estupidez, o bandido lhe torceu as mãos, que detivera após a primeira pancada. Ralphie, contudo, vendo a mãe debater-se às mãos do desqualificado, correu em seu auxílio. Foi porém a voz de Dan que restabeleceu a calma, fazendo com que a esposa voltasse aos seus sentidos.

Furioso, Glenn, após se pentear, exclamou: — Quer dizer que a família inteira está procurando barulho, não? Está certo, terão o que desejam... E você, Dan, trate de ir andando, pois está na hora de ir trabalhar...

Dan rebelou-se:

— Não deixarei essa casa, hoje, de modo algum.

Glenn continuou, calmamente:

— Nós não nos retiraremos de sua casa, enquanto não chegar às minhas mãos um certo envelope. E esse envelope será enviado, por esses dias, para o seu escritório, e em seu nome. Entendeu?

Eleanor prometeu a Dan que passariam o dia inteiro trancados no quarto, ela e Ralphie. Antes de sair, Dan recomendou ainda ao filho que prestasse atenção em tudo o que se desenrolasse em casa, obedecendo fielmente às determinações da mãe. Depois, beijou Eleanor, sob os risos de Glenn. Hal, porém, interrompeu a gargalhada cínica do irmão:

— O que é tão engraçado, na cena? Nada vejo que me leve a rir do modo como estás rindo.

Com um brilho de raiva no olhar, Glenn virou-se para o irmão, e lhe disse:

— Rio quando quero, e da maneira como quero. E ninguém, nem mesmo você, tem nada que ver com isso, entendeu?

— Está bem, está bem.

Cindy foi a primeira a transpor a soleira da porta. Dan deixou que ela se afastasse mais um pouco, e, chegando-se para Glenn, disse-lhe ameaçador:

— Nunca, antes disso tudo, eu pudera com-

O DIA começou penosamente, para os Hilliard. À mesa, Glenn Griffin fez uma série de observações a Eleanor, que terminou por não se conter, e revidar, com uma bofetada, as cínicas reprimendas do vilão.

preender como age o cérebro de um bandido, como tu. Agora já sei, porque eu também senti vontades de matar... De matá-lo, melhor!

A resposta cínica de Glenn não se fez esperar:

— E, mas isso fica para depois. Você vai chegar tarde ao escritório, papai.

A caminho do trabalho, Cindy perguntou ao pai se não estariam cometendo um engano, não se dirigindo logo à polícia, e relatando o fato. Dan não sabia. Talvez estivessem. Mas não podiam, de forma alguma, jogar com a vida de Eleanor e com a de Ralphie, que tinham ficado em casa à mercê de três bandidos sanguinários.

Por volta das onze horas, Kobish voltou a si. Glenn lia os telegramas, no matutino, e Hal, sentado em uma poltrona, escutava o rádio. De repente, pancadas características soaram à porta dos fundos, logo repetidas, após um breve intervalo. Levantaram-se todos, em sobressalto. E, tão rapidamente quanto podia, Hal foi até ao segundo andar, buscar Eleanor. Com a chegada dessa, a situação se acalmou. Glenn fez com que, pela viseira da porta, a dona de casa visse quem batia. Era Patterson, o velho encarregado de trazer o leite, que vinha buscar seu pagamento. Quando Eleanor abriu a porta, já Glenn lhe havia dito sobre como deveria agir, e, escondido por trás de um reposteiro, a tudo observava, sem ser observado. Eleanor, quando abriu a porta, já levava a nota de dinheiro na mão. Patterson agradeceu a Eleanor, mas essa, pretextando uma forte dor de cabeça, não ficou a conversar com o velho, como fazia sempre.

Ao contrário do esperado, porém, Patterson não se foi embora logo: passou primeiro pela garagem, a fim de apanhar, ao que disse, alguns vidros vazios que ali tinha deixado havia alguns dias. Quando penetrou na mesma, deu de frente com o sedan cinzento, que o intrigou sobremaneira. Da porta entreaberta, a respiração suspensa, os bandidos observavam seus gestos. O velho observou com interesse a chapa do carro, enquanto Kobish, afoitamente, tentava pegar a arma que Glenn conservava em seu bolso. Como este não lhe passasse o revólver, Kobish falou:

— Dê-me o revólver, Glenn. Será que você vai deixar esse sujeito ir embora, assim sem mais nem menos?

Glenn passou-lhe o revólver. Mas avisou-o de que, se acaso o que ele, Kobish, tencionava fazer fôsse algo errado, não se responsabilizaria pelo que pudesse acontecer. Como um gato, Kobish avançou resolutamente pela porta afóra, agachando-se primeiro por detrás de uma sebe, e a seguir esgueirando-se ao longo de um muro, até chegar justamente por detrás do velho Patterson. Então, Kobish surgiu inopinadamente à sua frente, deixando-o petrificado de terror:

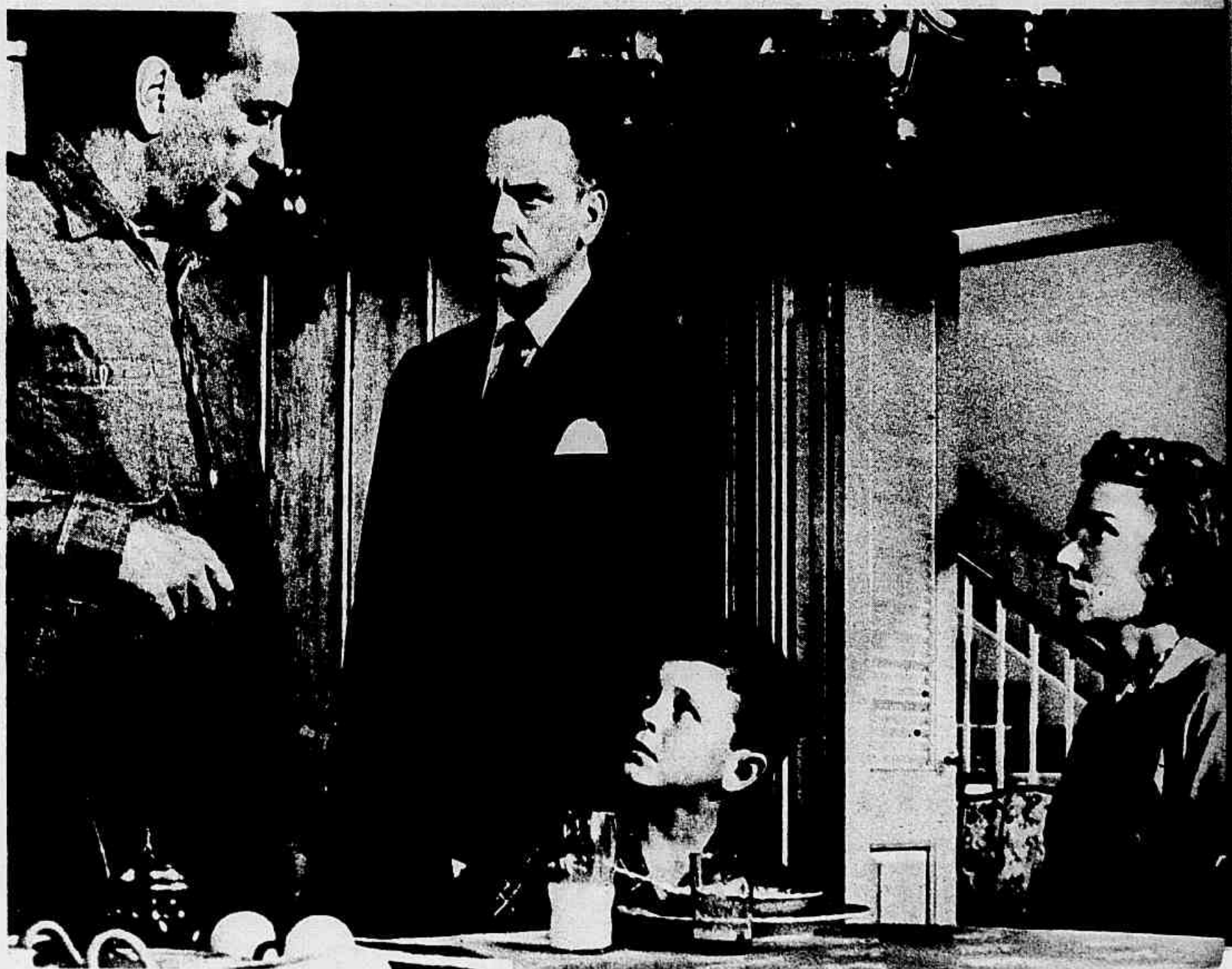
— Entre no carro, e vamos dar uma voltinha... Quero ver essa região, que não conheço bem. Para o campo, vamos!

No escritório, Dan Hilliard evitou falar com os companheiros e foi direto à sua mesa. Procurava pela correspondência, mas a carta ainda não tinha chegado. Então, tomou uma folha e começou a escrever. Depois, saiu do prédio, apressado, e ao «boy», incumbiu de entregar o bilhete na primeira estação policial que encontrasse. E desapareceu, sem olhar para trás. Por esse tempo, o carro dirigido por Patterson, levando Kobish, tinha alcançado o subúrbio mais afastado, e corria por uma estrada deserta. Kobish arrancou a caneta que o velho levava a um canto do bolso, dizendo-lhe que não mais precisaria de canetas. Os lábios de Patterson tremeram, porém, em desespero, o velho resolveu agir. Abrindo subitamente a porta do carro, projetou-se ao solo, justamente numa curva, obrigando Kobish a prosseguir correndo ainda por mais alguns metros. O bandido, porém, logo refeito da surpresa, freou o carro e saiu em perseguição de Patterson, que corria tanto quanto o reumatismo lhe permitia. Como Kobish, pesado e grandalhão, visse que não lhe seria possível alcançar o velho, sacou de sua arma, e, fazendo mira, atirou por duas vezes. A primeira bala passou raspando pelo ombro de Patterson, mas a segunda o atingiu nas costas, prostrando-o ao chão. Espantado pelo ruído de um automóvel que se aproximava, Kobish se escondeu entre uns arbustos, e pôde observar que de um carro, três homens que tinham saído, haviam encontrado o corpo inanimado do velho, distendido por terra...

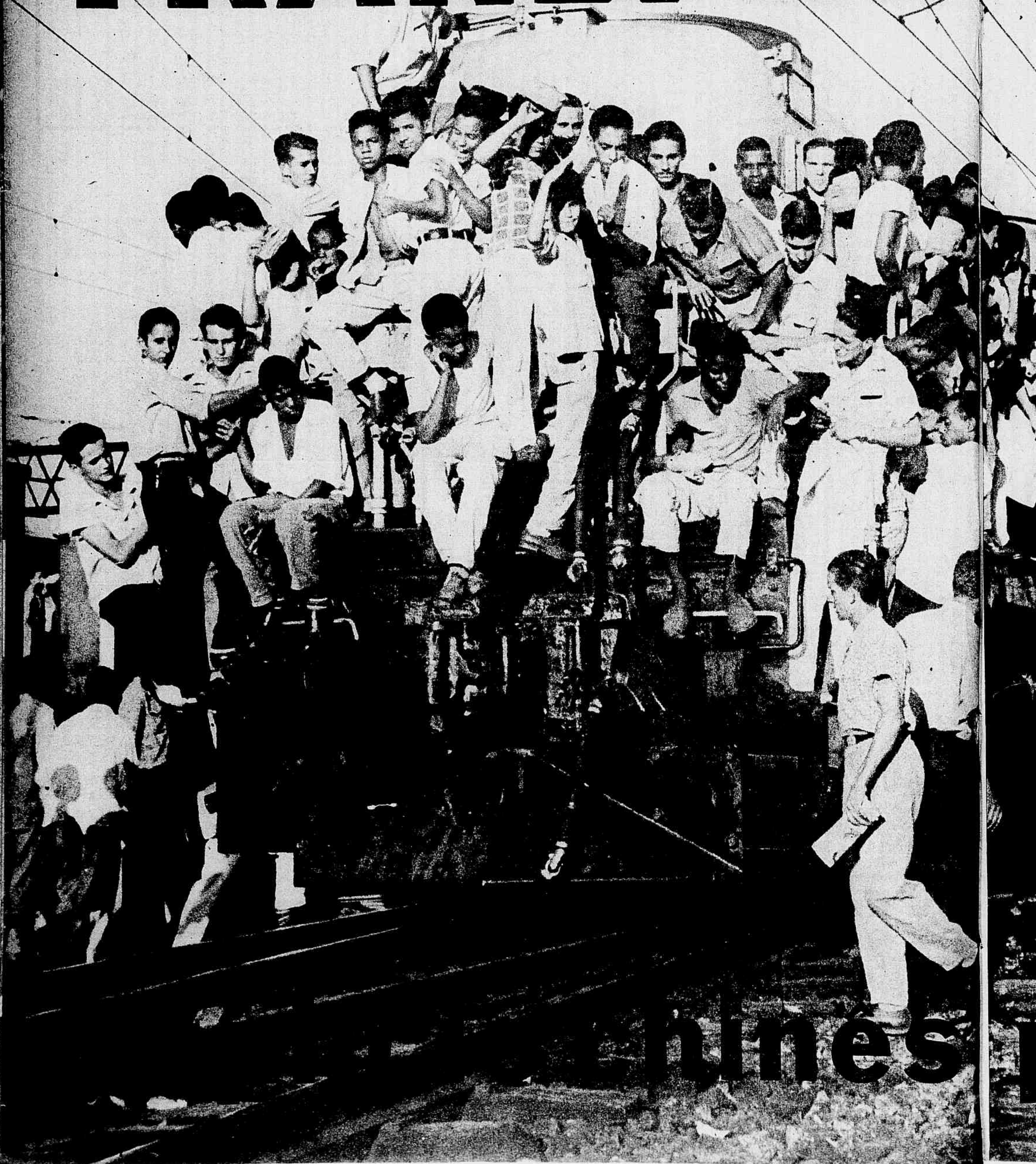
(Cont. no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Os Hilliard estão sendo conservados prisioneiros por um grupo de três facínoras, fugidos da Penitenciária do Estado. Esperam certa soma em dinheiro, que lhes será trazida pela namorada de Glenn Griffin, chefe do grupo. Cindy Hilliard encontrou-se com seu namorado, Chuck Wilson, que presente que algo está acontecendo em casa dos Hilliard... Uma tentativa de Dan, para recuperar a chefia de seu próprio lar, derrotando os bandidos, falha lamentavelmente, pois Glenn Griffi utiliza o filho de Dan, Ralphie, como refém. Não há nada a fazer senão esperar.



TRANSPORT



machines

TE

O SONHO DO METRÔ — 2.600.000 PESSOAS SE FAZEM TRANSPORTAR DIARIAMENTE, EM VEÍCULOS EM PÉSSIMO ESTADO, NO DISTRITO FEDERAL — 30 FISCALIS PARA 15.000 MOTORISTAS E TROCADORES DE ÔNIBUS E LOTAÇÕES — PORQUE NÃO TEMOS ÔNIBUS ELÉTRICOS — OS CONTRATOS DAS COMPANHIAS DE BONDES — A «BANDALHA» E O EXCESSO DE VELOCIDADE NOS LOTAÇÕES E AS SUAS CAUSAS FINANCEIRAS — O «HÁBITO DE VIAJAR» AUMENTA NUMA POPULAÇÃO SEM TRANSPORTES — UMA BAIXA POR DIA NO TRAFEGO CARIOCA.

Reportagem de ALDERABAN CAVALCANTI

♦ ESTAMOS no segundo trimestre de 1956. E a situação dos transportes coletivos continua a agravar-se no Rio de Janeiro. Desde o cair da tarde até altas horas da noite, nos pontos principais da cidade, como praça Mauá, praça 15 de Novembro, largo da Carioca e de São Francisco e praça Tiradentes, vemos o carioca firme, paciente, de pé e sem esperanças, aguardando, horas a fio, a condução que não vem... E quem é o responsável por isso? Ninguém sabe. Entra governo e sai governo, os prefeitos se revezam no cargo... e o problema continua. Entre as causas apontadas, situa-se o crescimento do Distrito Federal, cuja população aumentou em mais de 35%, nos últimos dez anos. E enquanto a população sobe em número, os bondes caem em quantidade, e em qualidade. Um exemplo disso é o caso das empresas Jardim Botânico e Carioca, que somente em 1953 transportaram, as duas, 550 milhões de passageiros.

NESSE drama cotidiano, verifica-se que 2.600.000 pessoas se fazem transportar, diariamente, numa cidade em que o hábito de viajar (número médio de viagens por indivíduo e por ano) vem aumentando, atingindo, hoje, a casa das 394 viagens.

Levando em conta que a frota considerada suficiente para as grandes cidades é de um ônibus para cada 1.000 habitantes, vemos que, com uma população de 2.500.000 almas, o Distrito Federal apresenta um «deficit» de cerca de 800 ônibus, pois, mesmo admitindo-se a equivalência entre um ônibus e 3 lotações, possuímos uma frota teórica de apenas 1.700 ônibus.

Para resolver esse problema, as várias administrações se voltaram para a instalação do METRÔ (tráfego subterrâneo de trens entre os vários pontos da cidade), mas o sistema do Metropolitano, dada as suas dificuldades de instalação, levaria muito mais de um quinquênio para se tornar realidade.

O LOTAÇÃO NA VIDA DOS CARIOCAS

Sem providências reais para o problema do transporte coletivo, com a deficiência cada vez maior dos trens da Leopoldina e da Central do Brasil, os ônibus, cada vez mais solicitados à sobrecarga, foram-se tornando imprestáveis, sem que a substituição dos antigos por novos veículos se tornasse possível, graças à situação

cambial que não permitia novos gastos de divisas. De 1950 até hoje, e em consequência disso, o que vimos foi o aumento do número de lotações (veículos de capacidade para 24 e 29 pessoas sentadas, fabricados no Brasil, com chassis importados), já que empresas de ônibus que tinham 96 veículos viram-se reduzidas a pouco mais de 50 carros para o tráfego, em virtude da dificuldade de aquisição de novas unidades e de peças para mantê-los.

O lotação, porém, a despeito de ter contribuído para garantia do transporte, trouxe-nos alguns inconvenientes. Geralmente pertencendo a um proprietário individual e não a uma empresa, é adquirido à prestação por preço exorbitante (mais de um milhão de cruzeiros por unidade) e o motorista é o seu próprio dono, arcando com tão grande responsabilidade financeira, mata-se, em cima do volante, começando às primeiras horas do dia e deixando às últimas horas da noite o seu trabalho. A ansia de pagar os títulos, o faz desenvolver grande velocidade nas vias públicas, dando motivo aos inúmeros desastres que se registram, diariamente, na Capital Federal. O fato de estar o lotação assegurado contra danos e avarias, livra o seu proprietário dos prejuízos financeiros, mas os riscos de morte por acidente permanece como a grande ameaça sobre a sua cabeça... e as dos pedestres...

para

o carioca

TRANSPORTE

A resposta não é «difícil». Já se tentou fazer isso. Inicialmente, os «trolley-bus» seriam instalados nas linhas de Madureira, Irajá e Penha, mas a Companhia de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro tem um contrato que lhe garante a exploração do serviço de bondes naquelas linhas até o ano de 1970, assim como a Cia. Ferro-Carril do Jardim Botânico tem até 1960, e a Ferro Carril Carioca tem o seu contrato que somente expirará em 1965.

Não há dúvida de que o ônibus elétrico, além de não consumir combustível estrangeiro, tem a vantagem de não fazer fumaça, não provocar ruído, garantir a flexibilidade do trânsito e apresentar potência de transporte equivalente à do auto-ônibus. O Departamento de Concessões já chegou mesmo a cogitar da instalação desse serviço na Ilha do Governador, utilizando a verba que tal empreendimento solicita, desde que o custo de operação com o «trolley-bus» é baixo.

Para o Distrito Federal, no entanto, a solução é difícil... e os cariocas têm que, até lá, ir utilizando os 900 ônibus, 2.500 lotações, 520 carros motores e 471 carros-rebóques (bondes) de que dispõem.

A «BANDALHA» E O EXCESSO DE LOTAÇÃO

Mas, não é somente a insuficiência numérica de transportes que atrapalha o carioca. Certas medidas do Departamento de Concessões também concorrem para isso, tal como seja a da proibição de os passageiros viajarem de pé, nos auto-lotações. Se permitido fôsse que cada lotação levasse mais 8 pessoas de pé, num carro de 20 passageiros, as filas tornar-se-iam menos longas e seria evitado o processo da «bandalha» tão em voga no Distrito Federal por parte dos

proprietários de auto-lotações individuais que, na ganância de maior rendimento por viagem, regressem com o veículo, antes do ponto final, e vão angariando passageiros já conhecidos e colocados em pontos estratégicos lhes pagam mais do que a quantia estipulada em viagem normal, indo essas «gratificações» até mais de 10 cruzeiros em linhas, tais como Lucas-Candelária, Lucas-Tiradentes e Cordovil-Praça 15.

Além do mais, o «engarratamento» do tráfego nas horas do «rush» faz com que os veículos demorem a chegar no ponto final, dando motivo para que os proprietários de táxi, principalmente os da linha Leopoldina, cobrem 20 e 25 cruzeiros «per capita» por uma viagem que não vai sequer até à Penha.

DIFÍCIL A CONSERVAÇÃO DE VEÍCULOS

Segundo os técnicos, os veículos do Distrito Federal transformam-se, rapidamente, em calhambeques, por causa das ruas esburacadas que, provocando maior trepidação do veículo, quebram as molas, desgastam mais rapidamente as ponteiros e mangas de eixo, determinando desregulagem da direção o que impossibilita aos motoristas manobras mais rápidas e eficientes, nos casos de colisões iminentes. Um dos trechos em que muito isso ocorre, também por causa da mão dupla, é o da Av. Nossa Senhora de Copacabana onde os bondes agravam a situação, prejudicando maior mobilidade dos ônibus e auto-lotações, agindo como «rôlha» para o trânsito. As ruas Cardoso de Morais e Leopoldina Régio (de Bonsucesso a Penha) graças ao mau estado de seu calçamento têm servido para aumentar consideravelmente o número de baixas no tráfego carioca.



APORTAR AO RIO é penetrar num ritmo diferente, e esses moradores de Niterói procuram chegar o quanto antes à condução escassa e problemática. Com risco da própria vida.

OS CEMITÉRIOS DE ÔNIBUS E LOTAÇÕES

O mais curioso disso tudo é que para fiscalizar os 15.000 motoristas e trocadores de ônibus e lotações, somente 30 fiscais são mantidos nesse serviço, por parte da Prefeitura, no Departamento de Concessões. E da falta de fiscalização para o desastre, vai apenas um passo! A consequência disso é a baixa de um veículo por dia. Os «cemitérios» de ônibus têm mais de 300 veículos (difícil de recuperar), fora do trânsito desta capital.

OS TUBARÕES DO TRÁFEGO

A despeito de tentador, é, sem dúvida arriscado, o negócio dos transportes no Rio de Janeiro. De inversão de capital difícil, porque sujeito a uma série de contra-tempos, esse setor de atividade só tem um aspecto vantajoso: o da revendagem das peças. Realmente, os revendedores de peças de automóveis têm sido os grandes beneficiados pela retração cambial, pois as peças compradas com o dólar a mais de 200 cruzeiros, oferecem-lhes grandes vantagens na especulação do mercado.

Eles são, portanto, considerados pelos proprietários dos veículos os verdadeiros «tubarões» do tráfego.

Para neutralizá-los, os proprietários já pensaram até na importação de peças por intermédio do IAPETC, mas a idéia não foi para a frente, porque a sua aplicação traria inúmeras dificuldades à administração do Instituto.

O DIFÍCIL CASO DOS ÔNIBUS

É em face desses problemas que o carioca, vítima da falta de soluções imediatas e seguras, indaga: «E por que não instalam no Distrito Federal um serviço de ônibus elétricos, como já existe em São Paulo, Niterói e Belo Horizonte?»



OS BONDDES sempre foram o meio de condução por excelência do Rio de Janeiro. O preço das passagens relativamente baixo, permitia que as classes menos favorecidas os utilizassem frequentemente. Mas o número de carros escasseia, e as passagens aumentaram. Nas horas de «rush», torna-se dramática a situação para os que voltam aos lares.

VEÍCULOS EXISTENTES NO DISTRITO FEDERAL

1952	98.298
1953	99.726
1954	97.672
1955	97.000

● BONDES

	Motores	Reboques	Total
1952	650	606	1236
1953	646	573	1221
1954	636	566	1202
1955	600	500	1100

● AUTOS DE PASSAGEIROS (1955)

Frete	12.968
Particular	58.320
Aprendizagem	91
Oficiais	1.228

● AUTOS DE CARGA (1955)

Frete	4.809
Particular	15.730
Oficial	925
Ônibus	925
Funerário	65
Motociclo	1.544
Motociclo oficial	33
Reboque	537
Reboque oficial	40
Experiência	296
Experiência oficial	0
Experiência motociclo	74

ACIDENTES E MULTAS ATÉ SETEMBRO DE 1955

Acidentes em geral	8.033
Atropelamentos fatais	106
Choques fatais	36
Atropelamentos com feridos	1.428
Choques com feridos	1.478
Número de multas	245.862
Importância das multas em cruzeiros	13.253.110



AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

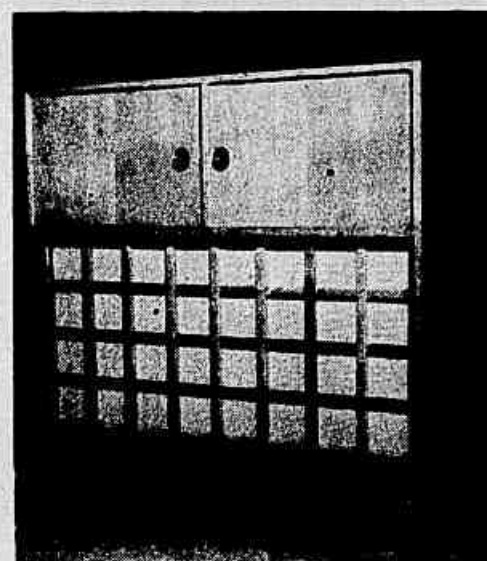
FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos

CHIPENDALE

RÚSTICO

COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequid Marfim
ou Imbúia, nos gêneros
FRANCÊS, RETANGULAR, etc.



QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

(HI — FI) ALTA FIDELIDADE

A venda nas melhores casas do ramo

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SAO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



'Mil' lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOCRETES
CATRACAS ESTRIAS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



CONCURSOS

SPECTATOR

♦ A criação de concursos para os programas de televisão é das idéias mais interessantes para que as apresentações consigam êxito junto ao público. A prova disso está em que concorrentes e espectadores aguardam com ansiedade a focalização da «Grande Pergunta», «Bôlo Esportivo» e outras atrações que, de semana em semana, aumentam os seus prêmios em dinheiro. O sucesso desses concursos depende em muito da boa apresentação dos mesmos, para que não percam a confiança junto ao público. Dias atrás, aconteceu desagradável ocorrência durante a disputa das «Grandes Perguntas» quando, ao único casal que conseguiu chegar ao fim do questionário preliminar, foi apresentada uma lista de compositores musicais célebres, para que fossem designadas as cidades em que nasceram. A pergunta era bastante difícil, embora não fosse impossível de ser respondida, mas, em compensação, o prêmio já ia na casa dos Cr\$ 60.000,00.

Aloísio Chaves, passados os minutos concedidos para a entrega das respostas, esclareceu os candidatos sobre as mesmas; no entanto foi mencionada como cidade de nascimento de Bethoven, Colônia, em lugar de Bonn. Embora no momento não houvesse nenhuma reação por parte dos candidatos, pode-se bem imaginar a grita que isso causou entre os cronistas especializados em TV e entre os espectadores em geral. Na semana seguinte, os patrocinadores do programa e Aloísio Chaves, o mestre de cerimônias, em um gesto muito simpático, desculparam-se perante o público, explicando as razões do ocorrido e concederam ao casal uma nova oportunidade de concorrer ao prêmio.

♦ Infelizmente, pela segunda vez ainda não conseguiram os jovens levar para casa a vultosa quantia. O programa encerrou-se em um ambiente de grande cordialidade, mas, é necessário que de futuro tal erro não se repita. Ao lado dos programas televisionados que concedem grandes bonificações, despertam igual ou ainda maior interesse as apresentações que, por intermédio de seleções prévias, oferecem oportunidades para que os candidatos que apresentem pendores artísticos, possam vir a alcançar sucesso. Ainda agora, Jacinto de Thormes, através do Canal 6, escolheu, com o auxílio de uma comissão e depois de rigorosa seleção, a Miss TV, que terá oportunidade de realizar uma viagem à Europa, além de receber uma quantia em dinheiro, para as suas despesas e um contrato para trabalhar na TV-Tupi. O concurso que reuniu candidatas que apresentavam dotes físicos e artísticos de destaque, alcançou grande sucesso. A boa organização dos concursos, bem como dos debates, entrevistas e quaisquer outras atrações televisionadas, constitui fator preponderante para o seu sucesso. Seguindo um roteiro prévio, organizando as perguntas com honestidade e cumprindo rigorosamente todas as condições e prêmios estabelecidos, continuarão os concursos satisfazendo plenamente a curiosidade e interesse do público.



ILZA LÔBO, juntamente com Aloísio Chaves, incentiva os candidatos à «Grande Pergunta», através do Canal 6.



NELLY MARTINS continua participando dos «shows» musicados da TV-Tupi com grande destaque e eficiência.

Vamos melhorar?

As deficiências técnicas prejudicam em muito o interesse do público pelos programas televisionados. Por vezes, devido a um pequeno senão, a estação permanece fora do ar por vários minutos, e isso causa o atraso de toda a sequência de programas. É preciso notar também que, esses defeitos, ocorrem duas ou três vezes na mesma noite...

O encerramento do concurso de Miss TV, que tanto interesse vinha despertando, marcado para iniciar-se às 10,30h, só ocorreu de fato às onze e tanto e, muitos dos espectadores vencidos pelo sono, deixaram de assistir às provas finais por que passaram as candidatas.

Naturalmente tais senões só ocorrem por me-

livo de força maior, mas, é necessário que cada vez aconteçam com menos frequência.

x x x

A boa imagem tem concorrido em muito para a aceitação da programação da TV-Rio, que tem melhorado muito. No entanto, o som, em geral muito estridente, não permite que os tevendo sintonizem por muito tempo o canal 13. Muitas Vêzes as apresentações agradam, a idéia do programa é boa, mas é prejudicada pela deficiência de som que faz com que o público se desinteresse delas.

Vamos melhorar?

Grau Dez:

...Para o extraordinário Sivuca, que em audições semanais no Canal 6, continua dando aos espectadores momentos de prazer com suas ótimas interpretações.

* * *

...Para Ari Barroso. «Encontro com o Ari» continua servindo para que o público mantenha alguns momentos de agradável palestra com o compositor, ouvindo histórias sobre como apareceram os seus mais célebres sambas e ao mesmo tempo conhecendo suas novas composições, através da execução do próprio autor.

* * *

...Para Madaleine Rosay e o palhaquinho Perereca, que no «Teatrinho Peteleco» distraem e encantam a criançada. É bastante grande o número de fantoches que aparecem nesse teatrinho, cantando e dançando números por vezes bastante movimentados.

Adultos e crianças distraem-se muito com essas apresentações, concorrendo para isso a perfeição de movimento dos bonecos.

* * *

...Para a TV-Tupi, que através da sua nova apresentação, «Camera 1», leva aos espectadores mais algumas boas apresentações teatrais.

«Camera 1» propõe-se a encenar todos os gêneros teatrais. Na noite de estréia os telespectadores tiveram oportunidade de ver Lourdes Mayer em magnífica interpretação na peça «Um beijo no escuro».

Foi perfeito o jogo de luz e sombra durante o programa, bem como as tomadas de câmaras. Deve-se apenas comentar que, como aliás acontece freqüentemente nos programas da TV-Tupi, deixaram de ser mencionados, ao encerrar-se o programa, os artistas que nele tomaram parte.

* * *

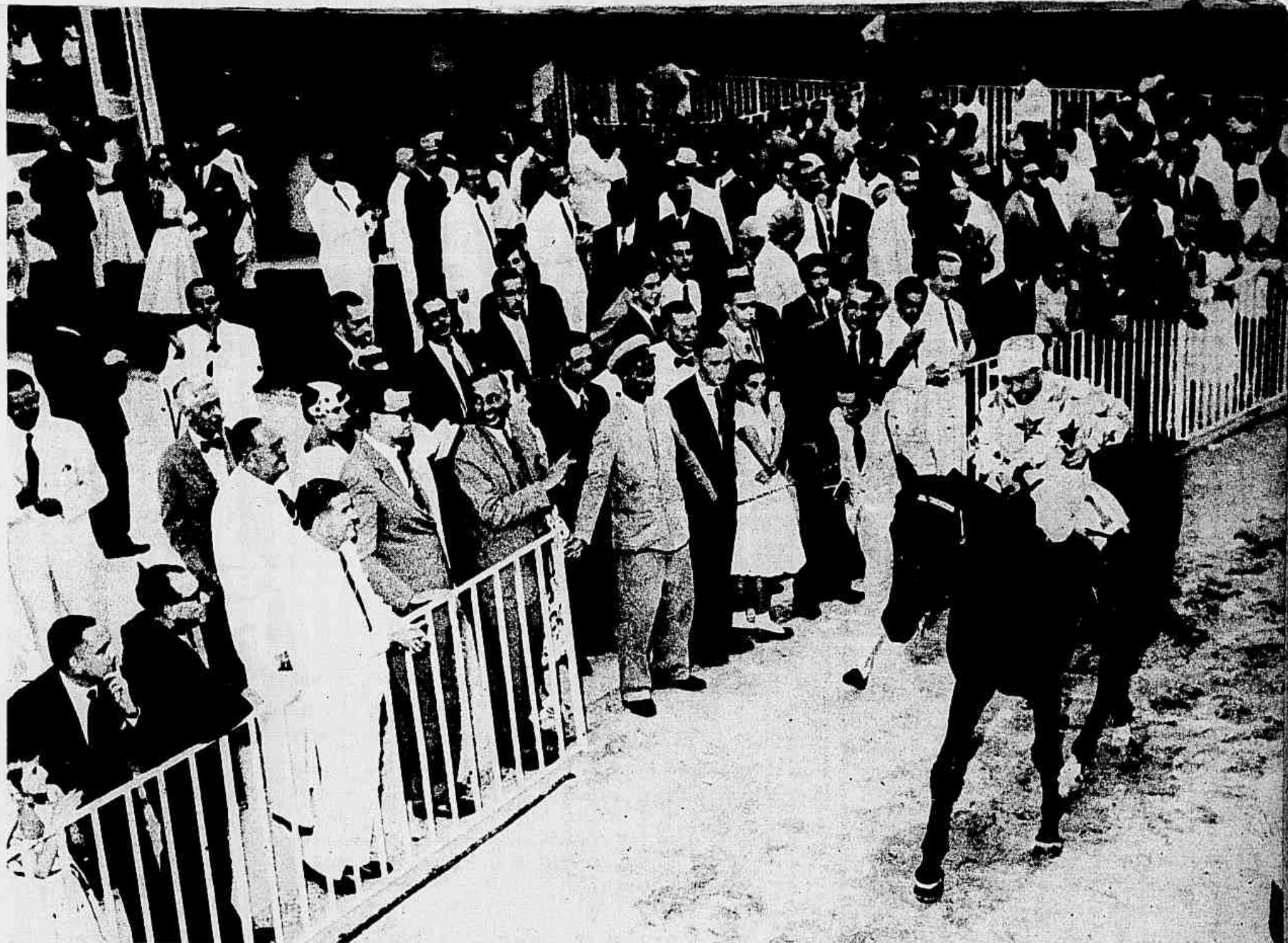
...Para Iara Sales que, além de joguista do «Trem da Alegria», onde aparece animando as viagens, apresenta-se também fazendo pequenas entrevistas e levando ao conhecimento do público os artistas que se exibem em vários dos «shows» da TV-Rio e o faz sempre de maneira muito simples e agradável.

* * *

...Para «Lojinha musical». Paulo Soledade, que a princípio parecia um pouco acanhado quando se apresentava ante as câmaras, agora está mais natural e entrevista autores e intérpretes das músicas que toca no seu programa, colocando, desse modo, os discófilos em contato com os mais recentes sucessos.

Grande Prêmio Outono

Foi um momento de intensa emoção! Timão, o valeroso campeão, acabava de vencer o Grande Prêmio Outono e voltava à balança para a pesagem.



♦ Na linda e inesquecível tarde de 8 do corrente, o Jockey Club Brasileiro fez realizar a corrida do Grande Prêmio Outono, festa turfística de cunho eminentemente social que conseguiu atrair à Tribuna de Honra e às Sociais da prestigiosa agremiação numerosos elementos da nossa alta sociedade, vibrando todos com o desenrolar da 1ª prova da Tríplice Coroa e do 1º SWEEPSTAKE de 1956. As fotografias que ilustram esta página dão uma nítida idéia da bela reunião de 8 de abril no majestoso Hipódromo da Gávea.

O interesse pelas corridas estava estampado na fisionomia da numerosa assistência: Uns pareciam felizes com o desenrolar das provas; outros sofriam terrivelmente... vejam este aspecto parcial das tribunas sociais.



O Grande Prêmio Outono ofereceu às nossas gentis patricias magnífica oportunidade para desfilarem na «pelouse» exibindo seus vestidos maravilhosos e sua beleza fascinante. Como vêem, a mulher brasileira é realmente encantadora!

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local, e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me, por Rembolsão Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME Nº
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88.00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

REVISTA DA SEMANA

7 Cruzeiros

Em todo o Brasil

Cabelo, branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

Creoso — Espumoso
de fácil aplicação

**ÓLEO DE
VIOLETAS**

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

UM CRUZEIRO POR MINUTO

ali dão expansão aos pensamentos do dia os papais e mães que bebericam a sua água mineral com o abuso de comidas da noite. Um mundo de côr dentro do negro da noite. Gente, muita gente, aparentemente em repouso.

Badaró já está em nossa companhia. Resolvemos iniciar o peditório junto das «boites». Escolhemos em primeiro lugar o «Drink». Sentado na beira do passeio o nosso homem aguardava a chegada dos super-rabos de peixe. Uns após outros paravam para despejarem senhoras e homens risonhos. As donas mostravam: alegria, ombros, cabelos curtos e indiferença total pelo vagabundo. Os homens mostravam-se a elas. Nem uma só esmola foi conseguida entre os frequentadores das casas escuras de música suave — vulgo «boite». Só um jovem, elegantemente vestido reparou no nosso pedinte. Deu dois cruzeiros. Esse entrou para a «boite» mas não era seu frequentador. Era Billy Daves, o cantor. E' curioso como a gente de trabalho dá mais atenção aos que esmolam. Billy não reconheceu Badaró.

Outros lugares de frequência «grã-fina» foram por nós visitados e nos quais obtivemos como resposta a mesma ausência de dinheiro. No «Lido» conseguimos em vinte minutos dezoito cruzeiros. Aí a benemerência partiu da amalgama de gente do povo que ali permanece comprando seu recreio espiritual pelo preço de uma cerveja.

COMIDA E CAFÉ DE GRAÇA

Outra coisa pretendemos demonstrar: se o vagabundo tem possibilidades de comer e beber de graça. Combinamos com o artista a técnica a usar. Entramos primeiro num bar que leva por nome «Cima da Vila», eu e o fotógrafo. Pedimos café. Fomos imediatamente atendidos. Chegou Badaró. Ensaçou a sua expressão mais triste, encostou-se no balcão e esperou que o empregado a ele se dirigisse. Não demorou.

— Que é que há? — interrogou o homem, um português da gema, em atitudes duras.

O QUE É UM JUDEU ?

O Judaísmo reformado difere essencialmente em matéria de Revelação, do ortodoxo. Um judeu reformado aceita como boas unicamente aquelas regras morais que existem na Bíblia, e que servem para «dignificar e soerguer o homem». Não segue os velhos costumes, que acha «totalmente inadaptáveis aos modernos hábitos de nossa civilização». Judeus que são reformados acham que a fé deve ser racional, e capaz de suportar a inquirição da razão e da ciência.

Também o Judaísmo reformado, é claro, parte das formas tradicionais. Existe uma igualdade completa entre ambos os sexos, no templo. A oração é utilizada em outros idiomas, também. Há maior flexibilidade na escolha das orações. No templo é permitida a música instrumental. O véu de orações (tallith) não é usado pelos crentes do sexo masculino.

Os conservadores seguem a tradicional cultura judaica, apenas encarando a religião como algo que evolui naturalmente. São reformados, com umas atenuantes. Observam o Sabbath, as festas tradicionais e os feriados segundo a maneira antiga. Adotaram, porém, várias das práticas dos judeus reformados, entre elas o uso do idioma do país, e não mais o he-

(Continuação da página 23)

— Eu queria que o senhor me desse um café... não tenho dinheiro...

Badaró falava em tom de súplica, submisso, dócil, respeitoso. O homem nem pestanejou. Atendeu imediatamente ao pedido do vagabundo. Enquanto ele ingeria o líquido negro, olhava-o com ar contristado, perdendo o jeito autoritário de momentos antes.

— Você é daqui?

— Não. Cheguei ontem do norte. Tenho um irmão no Rio.

— Quer comer?

— Obrigado, comi agora. Deram-me uma sopa.

— Tem trabalho?

— Não.

— Talvez se consiga qualquer coisa.

— Muito obrigado, amanhã passarei por aqui.

Estava provado o que pretendíamos. O mendigo tem facilidade em comer, beber e até conseguir trabalho desde o momento que a isso se proponha.

A hora era tardia. Demos por linda a missão que nos levava a calcorrear as ruas da cidade ao lado de um falso mendigo.

ONDE O MENDIGO SE TRANSFORMA

Acompanhamos Badaró a sua casa, e ali o falso mendigo deixou de viver para dar lugar ao moço nosso conhecido de cara limpa e sorriso contagioso. Combinamos terminar essa noite num bar. Escolhemos o «Jirau». Para lá nos dirigimos, ele já sem o peso dos farrapos.

Ingerindo um «drink» bem gelado, olho, neste ambiente de penumbra, o rapaz que está de posse do microfone. Em cada um dos números que executa os aplausos chovem. Conquista toda a imensidade de gente que enche a sala. Passa a ser pessoa mais querida. Esse moço, de camisa esporte que a todos contenta, era há poucos momentos o vagabundo que aqueles mesmos senhores nem notaram na sua passagem. Se o tivesse notado teria sido com certa repulsa.

Como uma camisa lavada ajuda a conquistar o mundo!

(Cont. da página 49)

braico, nas orações. Também não usam mais os serviços religiosos da tarde de sexta-feira. Se não são judeus reformados é porque acham que a Reforma é uma quebra muito sensível com o passado.

LEIAM

**ESPORTE
ILUSTRADO**



**TUDO SOBRE
ESPORTES**

PREÇO CR\$ 5.00

(Domingo, 29 de abril de 1906)

Pelo exterior

Infelizmente, na ultima semana, o facto mais importante occorrido no estrangeiro foi uma grande hecatombe, o horroroso terremoto de S. Francisco da California. Tão medonho acontecimento comoveu todo o Universo, despertando na humanidade civilizada geral sentimento de caridade e compaixão. As ultimas noticias já fallam da reconstrucção da grande cidade quasi destruida; empregar-se-hão nesse colossal trabalho, como principal elemento, o aço para dar maior solidez ás construções, em previsão de futuros raccudimentos terrestres.

O genio norte-americano, esse espirito creador, que realiza prodigios em todas as ordens da actividade e do progresso humano, tem mais uma occasião para manifestar-se em toda sua grandeza. A reconstrucção rapida de S. Francisco, que, segundo já se annuncia começou por iniciativa particular, será mais um titulo de gloria para o verdadeiramente laborioso povo «yankee». Breve os soberbos palacios e edificios colossaes de S. Francisco reerguer-se-hão altivos e magestosos, provocando a admiração dos visitantes da hoje arruinada cidade do Pacifico.

Uma noticia incompativel com a tradicção do povo moscovita pelo que informa ter promettido o chefe do gabinete de S. Petersburgo, abolir a pena de morte, logo que a insurreição na Russia haja terminado completamente. Não acreditamos que os autocratas do Imperio acceitem essa humanitaria medida, que representaria o desaparecimento de um dos recursos que mais contribuíram para impor a auctoridade dos Tzares, em todas as epochas da História, d'esse povo digno de melhor sorte. A promessa do sr. Witte apenas tem por objectivo illudir a credulidade dos populares e fazel-o desistir de seus propositos de reivindicacção. — Blowitz.

Cartas de um tabaréo

● Querido Compadre. — Nada somos neste mundo, meu amigo. Fechando a ultima carta inseri a nota do cataclysmo de que foi victima a California. No momento não conhecia ainda a extensão da desgraça, e é por isso que só agora posso dizer-te: nada somos neste mundo! Effectivamente, meu bom compadre, de que valeram aos californios todo o esforço accumulado, toda a intelligencia despendida na creação da cidade que se podia considerar se não uma maravilha do mundo, ao menos uma prova incontestavel da força humana? Em um momento tudo buqueou, tudo voltou ao primitivo estado, terra simples, pó e mais nada. Que valem os, pois? Nada. Não será o facto uma licção que todos devemos aproveitar? Que valem o saber, a riqueza, o orgulho, a vaidade? Que representa tudo isto? Nada.

Uma especie de maremoto veio pintar o bode, a 24, no littoral da nossa cidade. Parece que zangado o mar com o cerceamento

que ha soffrido nos seus dominios, perdeu a tramontana e quiz mostrar que, apesar de velho, ainda é capaz de fazer diabruras de rapaz e pintar a manta, o sete, a saracura e que quando se dispõe ainda é muito homem de fazer dar agua pela barba ao mais pintado.

Felizmente, a cousa durou pouco; e do muito que promettia fazer com os seus roncões de valentia, apenas deslocou algumas poucas pedras do cais que lhe serve de prisão e carregou um bocado de aterro. Francamente, seu compadre, foi mais o barulho do que a obra.

Querem ver que o mar virou o besouro da cantiga dos nossos cantadores ao desafio?

Não tenho medo do homem
Nem do ronco que elle tem;
O besouro também ronca
Vai-se ver, não é ninguém.

Teu, Bermudes.

Chronica elegante

Hoje, todos os tecidos de lã e de seda, mesmo os «taffetas» de fantasias, que virão occupar um logar saliente, teem de largura um metro e trinta e ordinariamente mesmo um metro e quarenta, o que simplifica singularmente a tarefa das costureiras. As saias, devendo ser muito abainhadas no alto, serão listradas em redor por pequenas pregas estreitas, com um finissimo cordão, dispostas em grupos; partindo debaixo dos quadris, pouco mais ou menos, depois, a amplidão se tornando livre, fornecerá pregas, vaporosas e ondeantes, conservando, entretanto, um certo apoio graças ás pregas «religieusas» que circularão em baixo da saia, ou as largas bainhas, debruadas de velludo ou de setim, que guarnecerão e favorecerão ao mesmo tempo a sua amplidão.

Acrisio.

TURF — JOCKEY-CLUB

De frio, vento cortante, incommodativo, programma fraco. Todos esses inconvenientes, porém, não impediram a concurrencia ao Jockey Club, por occasião da ultima corrida. O divertimento esteve bom e mais agradável seria se não fôra a retirada, á ultima hora, de alguns parceiros dos pareos em que se achavam inscriptos e a indisciplina de diversos jockeys que pretenderam sair escapados antes de ser dado pelo «starter» o signal da partida.

ESTÃO LOUCOS?

A 3 do proximo mez de maio deve realizar-se um desafio de trez arroçados moços afficionados da tal aeronautica. Dizem-nos que querem vêr quem vae mais alto e quem se conserva mais tempo lá pelas regiões onde até bem pouco tempo só se viam os Joões (ou Joãos) Grandes e outros bichos de pennas.

«Match» de arrojo, de coragem, eis em que consiste a prova a que se vão submeter os trez desbravadores do ar. Que sejam felizes todos trez, são os nossos sinceros votos. Mas não estarão doidos os gajos?

ANECDOTA

Perguntaram a uma menina de quem gostava mais: de seu gato ou de sua boneca? A menina hesitou na resposta, mas, como teimassem, disse ao ouvido do perguntador:

— Eu gosto mais do gatinho, mas não diga nada à minha boneca...

Annuncios

◆ ESTOMAGO — O Elixir Estomachico de Camomilla e Genciana é o remedio mais poderoso para combater todos os soffrimentos do estomago. Vende-se na pharmacia Bragantina. Preço, 1\$500.

◆ LOTERIA ESPERANÇA — Extracções em Nictheroy, pelo systema de urnas e espheras. — Em 3 de maio, 100:000\$000 por 4\$200. — Em sextos de 700 réis.

◆ SCENOGRAPHIAS — Alguns aspectos do theatro carioca, por Mucio da Paixão. — Biographias de Vasques, do Martinho, do Martins, Mauro de Bellido, Ribeiro, Esther de Carvalho, etc. — As lutas theatrais entre os partidarios de Esther de Carvalho e da Pepa, nos antigos tempos do Principe Imperial. — Preço, com illustrações de Bombino — 3\$000.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VII — N. 311

DOMINGO, 29 DE ABRIL

Numero 1 de 1906



RESACA E "RESACA" —
Kaiak resaca, comitente.
Fazem pouco mais bem.
Se o mar também não amarela.
Tem seus arrastões também.

O que sabemos das grandes religiões (I)



BARBAS brancas e espessas, olhos que se aguçaram no contacto com o Talmud, esse ancião assiste a uma cerimônia, em sua Sinagoga.

◆ **ESSE É O PRIMEIRO** de uma longa série de artigos sobre as principais religiões do mundo, escritos por verdadeiras autoridades cada qual em sua especialidade. Para inaugurar a série, escolhemos os artigos do Rabino Morris N. Kertzer, figura de destaque nos centros judaicos norte-americanos, e especializado, de há muito, na matéria. Cada religião merecerá dois artigos, o que significa que para a semana continuaremos a focalizar o Judaísmo. A seguir apresentaremos o Catolicismo.



O Judaísmo sustenta que a melhor maneira de o homem chegar a Deus é imitar-Lhe as qualidades: como Deus é misericordioso, nós devemos sê-lo também; como Deus é justo, também nós devemos agir com justiça para com nossos vizinhos; e como Deus é avesso à cólera, também nós devemos ser tolerantes.

Há cerca de mil e oitocentos anos, um de nossos sábios escreveu: «Aquêle que é amado pelos seus concidadãos o é também por Deus». Amar a Deus é amar aquilo que nos chega de Suas mãos.

O Livro Sagrado dos judeus trata especialmente de três princípios básicos de fé:

1. O amor ao estudo. Já no primeiro século de sua história, os judeus possuíam um sistema de educação compulsória. A comunidade se encarregava de educar os pobres e os órfãos, como se pertencessem às famílias abastadas. E os antigos rabinos pareciam ter conhecimento sobre a psicologia do ensino. No primeiro dia de aula, por exemplo, os jovens estudantes recebiam bolos de mel, cada um representando uma letra do alfabeto. Assim, para sempre se lhes gravava no espírito que o estudo é alguma coisa de bom, e de doce.

Os judeus acreditam na imortalidade da alma, imortalidade essa cuja natureza apenas é conhecida pelo próprio Deus. Não aceitam, porém, a idéia tradicional de céu e inferno.

Houve tempo em que as concepções de Céu e Inferno fizeram parte da teologia judaica. Mas somente como entidades físicas. Uma alma atormentada pelo remorso, por exemplo, se encontrava «no inferno». Outra que se deliciava nos prazeres de uma vida santa, estava «no céu».

O filósofo Maimonides, do século XII, após à idéia de uma recompensa ou de uma punição, na outra vida, o simples comportamento: a recompensa por uma vida santa, dizia ele, é a própria vida santa levada.

Acreditam os judeus que o Judaísmo seja a única religião verdadeira?

Não presumem os judeus que possam julgar a veracidade de uma única fé, em detrimento das demais. Diz nosso livro de orações:

— «Os justos de todas as nações merecem a imortalidade». Nós, os judeus, sabemos que existem muitas altas montanhas; e todos os seus cumes apontam para os astros...

Concordam acaso o Judaísmo e o Cristianismo em algo? E no que diferem eles?

Tanto cristãos como judeus aproveitaram a

O QUE É UM JUDEU?

Pelo Rabino **MORRIS N. KERTZER**

(Diretor do Interreligious Services for the American Jewish Committee) Especial para a REVISTA DA SEMANA. Copyright United Press

◆ **QUE É UM JUDEU?** É difícil dar uma definição simplês. Judeu é aquêle que segue a fé do Judaísmo. Eis uma definição religiosa.

Judeu é aquêle que, sem filiações religiosas formais, observa as leis fundamentais do Judaísmo, isto é: sua ética, sua literatura, suas tradições, etc., como se fôssem suas. E essa é uma definição cultural do Judeu.

Judeu é aquêle que se considera judeu, e que é assim encarado pelo resto da comunidade. Já aqui aparece uma definição «prática» do Judaísmo.

O professor Mordecai Kaplan denomina o Judaísmo de «Civilização». Os judeus cultuam uma história comum, possuem orações comuns, uma vasta literatura, e, acima de tudo, uma moral e uma finalidade espiritual comuns. O Judaísmo, na realidade, é um modo de vida.

Quais são os princípios fundamentais do Judaísmo?

2. O temor a Deus. Desde sua mais tenra infância, é ensinado ao judeu que deve temer a Deus, não por medo, mas por amor.

3. Boas ações, ações brotadas do fundo do coração. Não existe, em hebraico, nenhuma palavra para designar «Caridade», por que o conceito «Caridade» não existiu jamais entre os judeus. De acordo com os velhos rabinos: «Somos inclinados a alimentar os pobres e os desafortunados como se fôssem nossos próprios irmãos». Ninguém, na Comunidade, está dispensado de auxiliar os demais judeus. Diz mesmo o Talmud que «mesmo aquêle sustentado pela Comunidade deve contribuir para o alimento de alguém pobre». É interessante observar que, de acordo com a tradição judaica, a mais pura forma de bondade é a bondade para com os animais, porque é a que menos esperança de reconhecimento ou recompensa desperta.

Acreditam os judeus no céu e no inferno?

rica herança do Velho Testamento, com suas verdades que não são de uma época determinada, porém de todos os tempos, e com seus valores imortais. Aproveitaram a idéia da Paternidade de Deus, e de um só Deus: todo poderoso, onisciente e misericordioso, Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Também aproveitaram ambos os Dez Mandamentos, a sabedoria dos profetas e a fraternidade de todos os homens.

Comum à ambas as religiões é a firme crença na alma humana; o amor à paz, e o ódio à guerra; a democracia como guia político e social dos homens; e, acima de tudo, a natureza imperecível da alma humana. Tais são os pontos que coincidem, espécie de lugar de encontro entre Judaísmo e Cristianismo, que forma a herança judaico-cristã.

Os principais pontos de divergência entre as duas religiões são: os judeus não aceitam a divindade de Jesus como «Filho Primogênito» de

Deus. Aham os judeus que cristo é filho de Deus, porquanto todos os homens o são. Os rabinos antigos afirmavam que o grande bem que nos foi proporcionado é o conhecimento, que temos, de termos sido feitos à imagem de Deus.

Também não aceitam os judeus o princípio da Encarnação — Deus que se tornou humano. É um tópico essencial em nossa fé: Deus é uma entidade puramente espiritual. Não pode possuir nenhum atributo humano.

Também não aceitam os judeus o princípio da salvação através de Cristo. Faz parte de nossa fé que cada homem é o único responsável pela sua salvação. Acreditamos que ninguém possa servir de intermediário entre um ente humano e Deus, mesmo em sentido simbólico. Nós nos aproximamos de Deus — cada um segundo sua própria maneira — sem mediadores.

Também o pecado original não é consagrado pela religião judaica. Não interpretamos a história de Adão e Eva como a queda do Homem. E também não consideramos o corpo humano, com seus apetites naturais, como fonte de pecados. Consideramos as funções naturais, pelo próprio Deus criadas.

Buscam os judeus converter os não-judeus?

De modo algum. O Judaísmo moderno não é uma religião que busque angariar prosélitos. Porém, os judeus sempre receberam de braços abertos aqueles que, com convicção abraçam a sua fé.

E diga-se que a conversão de não-judeus ao Judaísmo não é muito rara, hoje em dia. Eu mesmo participei de cerimônias de conversão de elevado número de Protestantes e de Católicos à fé judaica.

Opõe-se o Judaísmo ao casamento de um judeu com pessoa de outra religião?

Praticamente, todas as religiões se opõem a que seus filiados contraiam casamento com membros de outros credos. Por muitas razões, os judeus são contra esses casamentos. Quando marido e mulher já discordam em um ponto de tanta importância como esse da religião, é claro que as perspectivas para uma vida conjugal feliz e harmoniosa são já muito diminutas.

Estão os judeus proibidos de ler o Novo Testamento?

Não. Aos judeus não é proibida qualquer leitura. Nunca houve, em verdade, proibição de lerem, os judeus, o Novo Testamento, ou livros de qualquer religião.

Eu próprio já travei conhecimento com velhos e piedosos judeus que se entregavam, devotamente, à leitura da literatura missionária; e muitos doutores conhecem os Evangelhos tão intimamente como o próprio Velho Testamento, que é a base do nosso credo.

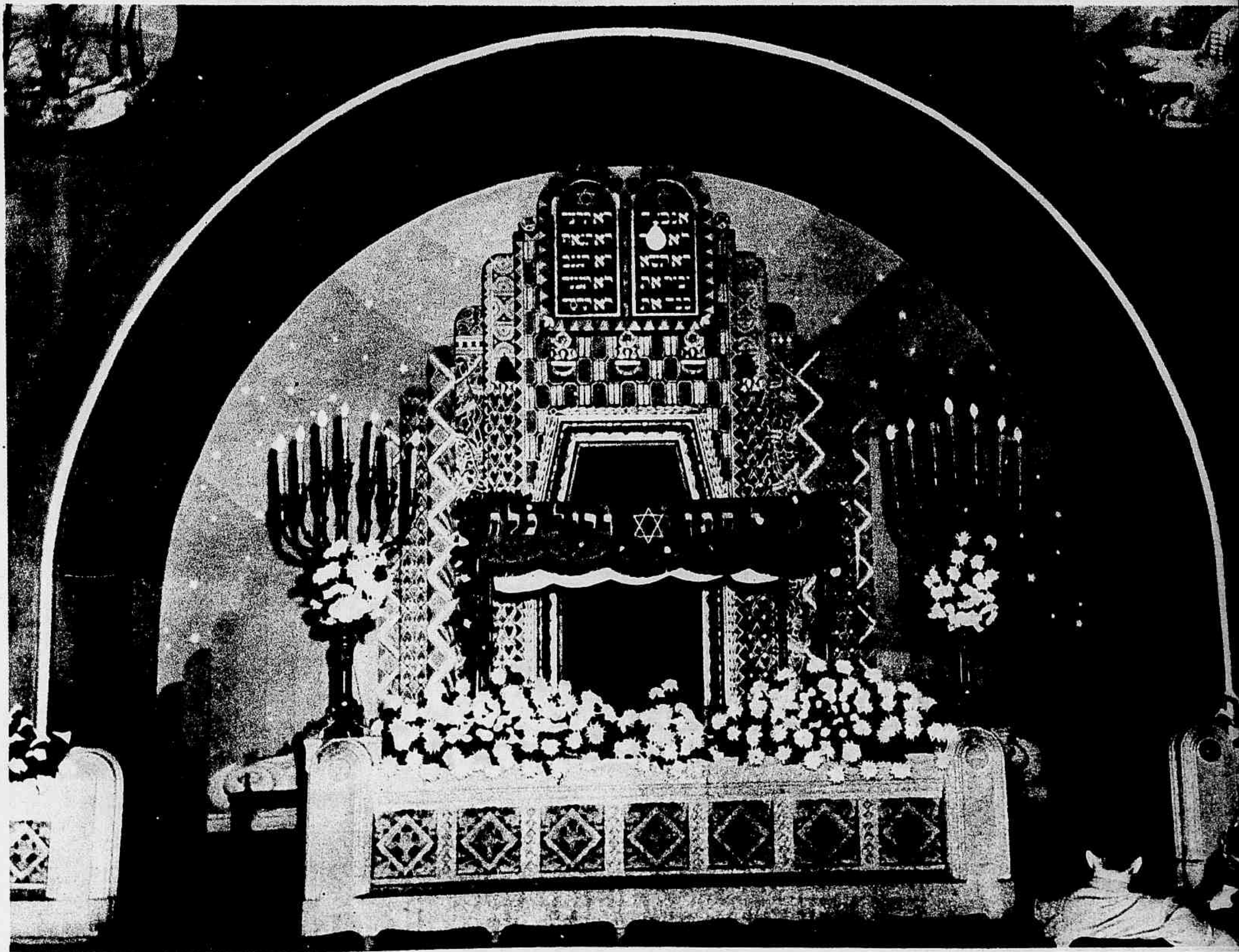
Existem várias seitas e ritos, no Judaísmo?

O Judaísmo americano contém três grupos religiosos: o Ortodoxo, o Conservador e a Reforma, às vezes também chamado de Judaísmo Liberal.

O judeu ortodoxo encara a sua fé como a continuação de um fluxo religioso que se mantém há três mil anos inalterado. Aceita a Bíblia como a revelação do Desejo Divino. Não muda jamais com cada idéia nova; e afirma que seu modo de vida está bastante longe do conforto e da prática.

O judeu ortodoxo obedece ao Sabbath estritamente, isto é, aos sábados não trabalha, não viaja, não escreve, não faz negócios, não toca em dinheiro. Observam nos mínimos detalhes as leis do jejum. Mantêm nas sinagogas lugares separados, para as mulheres. E nas orações e nos serviços religiosos, utilizam somente o hebraico.

(Cont. na página 46)



EIS O ALTAR principal do Templo Israelita situado à rua Tenente Possolo, no Rio de Janeiro. Note-se, bem ao centro do altar, o pavilhão sobre o qual aparece a Estrela de Seis Pontas, e os candelabros de sete velas, nas extremidades. Ao alto, as tábuas da Lei.

A Alma Também Morre

Conto de

LYSA CASTRO

Desenho

de J. RIBEIRO

Q

QUEM disse que a alma é imortal? Nunca! Ali estava a prova. Lívio sentia a própria alma abandoná-lo para sempre. Sentia dentro dele, os seus últimos gemidos depois de profundos sofrimentos.

Seus olhos vãos enviavam um olhar perdido para o teto, e era como se não existisse nada sobre sua cabeça. Tudo enfumaçado e sombrio. Imortalidade da alma! Cortina de fumaça com que os poetas procuram disfarçar a própria fraqueza! Se a alma existe, de certo não será imortal. E não o era, pois ele próprio não a estava sentindo morrer dentro dele? Pronto. Já não mais a sentia.

Lívio ergueu-se da poltrona onde estivera recostado. Parou diante de um belo quadro, onde diariamente se detinha para um minuto, pelo menos, de admiração. Sempre se emocionava diante da obra do gênio que o pintara. Agora, que via ele? Apenas uma criança cega a procurar a bengala que caíra, enquanto um cão muito preto e de olhos vivíssimos, impregnados de piedade, segurava o bastão procurando entregá-lo de volta à menina. Que havia de mais? Nada. No entanto, ele sempre admirara aquele detalhe: a piedade no olhar do cão, que tão bem o autor soubera captar.

Veio da cozinha o seu gato angorá, roçando-se preguiçosamente nas suas pernas. Aquela era uma carícia que até então lhe fôra irresistível. Costumava tomar o gatinho nos braços e afagá-lo. Mas agora, um gesto impaciente respondeu à meiguice do bichano, que fugiu atemorizado.

Lívio convenceu-se de que realmente sua alma havia morrido. Era ela a sua pilha emocional. Só por sua causa tanto sofrera e tanto se iludira. Assim era bem melhor.

Automaticamente deixou a casa, dirigindo-se para a rua, ensolarada onde morava Marília. Um pensamento mórbido levava-o a submeter-se a todos os testes. Marília fôra o seu caríssimo amor. Não conseguia fitá-la sem estremecer. Um toque de campainha a trouxe à porta.

— Lívio...

— Marília... Como vai? — A voz ausente, o olhar vazio, o gesto vago, assustaram a jovem que o fitou com aquele olhar cintilante nos olhos líquidos.

— Que tem você, Lívio? Está doente?

— Não. Apenas quis vê-la. Estou chegando de um entêrro.

— Entêrro — perguntou assustada. — De quem?

— Da minha alma. — Disse com voz soturna.

— Oh! — Marília levou a mão à boca, como para sufocar um sorriso de alívio.

— Você também pensa que a alma é imortal, não é? Pois fique sabendo que a minha já morreu. Não a sinto vibrar dentro de mim.

— Entre Lívio. Conte-me tudo. Quero saber porque sua alma deixou de existir.

O rapaz entrou. A sala era a mesma de um ano atrás. Um ano, precisamente, fazia que ele, o homem que durante cinco anos amara aquela mulher, amara-a com loucura, apaixonadamente, deixara de vê-la. Seitou na «sua» cadeira, aquela onde se deixava cair todas as tardes, enquanto esperava o jantar.

— Conte-me tudo, Lívio. Faz um ano que você deixou esta casa, que não mais veio me ver. Não o procurei porque sabia o motivo. Fizemos um contrato de cinco anos... para que eu lhe desse um filho nesse período... e então casáramos. Não cumpri a minha parte... quando devia... por isso deixei que se fôsse.

— Foi um ano de meditação... este último. Conheci as mais belas mulheres... procurei esquecê-la com mil e uma loucuras.

— Não o conseguiu? — perguntou trepidante.

— Só hoje o consegui... porque deixei que minha alma se fôsse... para sempre.

Seu olhar percorreu Marília. Desde os pés pequenos que ele não cansava de elogiar, as pernas bem torneadas que ele conhecia em cada detalhe, as ancas bem proporcionadas, a cinturinha fina, agora um pouco mais grossa, o busto... o busto... que haveria com ele? Sabia que não eram tão desenvolvidos os seus seios como os via agora. De certo estava mais gorda, concluiu. Seu olhar subiu ao pescoço, liso, com aquela curvatura que tanto o agradava. Seu rosto também estava mais rosado, mas os olhos se apresentavam assim... cansados, lânguidos. Havia diferença nessa nova Marília, disse ele estava certo. O colo, os braços, estavam um tanto mais roliços... e fazia apenas um ano que ele não a via.

— Fale, Lívio. Conte-me tudo que lhe aconteceu durante esse longo ano.

— Nós fizemos um trato. Você me daria um filho em cinco anos e nos casáramos.

— Não cumpri minha parte do contrato e você...

— Sim. Fiquei na obrigação de anular o contrato... embora a amasse muito.

— Você sempre foi muito exigente em matéria de promessas.

— Pois bem. Conheci muitas moças... várias quiseram prender-me. Houve quem se prontificasse a fazer um novo contrato comigo... igual a esse que fizemos.

— Você não quis?

— Não suportaria outra decepção.

— Esse negócio de sua alma...

— Não fale de algo tão sério. Hoje consultei minha consciência. Refleti demoradamente sobre as coisas que acontecem conosco. As





emoções que nos empolgam, boas e más. Conclui que só essa decantada alma imortal é culpada das nossas fraquezas e resolvi matá-la. Sofri muitíssimo durante este ano de separação, simplesmente... por causa da alma. Consegui matá-la. Já não há coisa alguma neste mundo que me emocione. Você foi minha maior experiência. Você a quem tanto amei, a quem tinha medo de rever... e só por isso não a procurei a mais tempo. Sabia que não teria coragem de deixá-la uma segunda vez. Mas agora...

— Agora?

— Não tenho alma para sentir. Posso ir-me sem qualquer preocupação.

— Lívio... — começou Marília com sua voz cariciante. — Você sabe que sempre o amei... que jamais poderia amar a mais alguém. Você sabe o quanto me esforcei para fazer a sua vontade e desposá-lo. Sabia que você não seria feliz comigo, somente com o meu amor... por isso deixei-o ir-se... sem dizer-lhe o quanto eu sofria... o quanto sofro ainda... o quanto o amo!

Lívio a fitava com o mesmo olhar ausente. Tudo era inútil. Ele nada sentia. A vida perdera totalmente a sua significação. Não havia nada mais que o fizesse reviver. Sua alma já não existia. Marília continuou:

— A alma é realmente imortal, Lívio. Você apenas está exercendo um domínio absoluto sobre os seus sentimentos, mas isso não poderá durar muito, e então, quando essa tensão chegar ao fim, você sofrerá muito mais do que antes.

— Não é verdade. Eu matei minha alma, eu já não vivo, já não sinto emoções. Acho que é melhor assim. Viver como um autômato, não sofrer.

Lívio ergueu-se. Vou deixá-la, Marília, e isso é uma grande prova de que já não possuo alma. Antes, eu jamais conseguiria falar assim... com você.

Nesse momento exato veio lá de dentro um fóro de criança. Marília assustou-se, enquanto Lívio procurava seus olhos sem conter uma conta de ansiedade.

— Acordou. — Disse a moça com um sorriso.

— Quem? — Lívio já não estava tão ausente.

— Meu filhinho.

— Traidora! Assim jamais deixou de me amar. Bastou que eu virasse as costas para fazer uma coisa dessas...

— Lívio! — Exclamou exultante. — Você está com ciúmes!

— Ciúmes?!

— Sim. Você está com ciúmes de mim. Você ainda me ama... sua alma ressuscitou!

— Não! Protestou debilmente. Não sinto nada.

— Espere. Vou buscá-lo para que o veja.

Quase correndo Marília desapareceu no quarto, voltando pouco depois com uma linda criança que lhe sorria comendo as mãozinhas. Não contava mais de quatro meses. O rapaz fixou o rostinho gordo e rosado que lhe pareceu estranhamente familiar. Aquêles olhinhos redondos, o furinho no queixo, as sobranceiras arqueadas... ele conhecia aquela criança, mas não lembrava de onde.

— E o pai, Marília? Quem é o pai?

A moça abriu uma gaveta de onde retirou uma fotografia entregando-a a Lívio. Em seguida sentou-se, e desembaraçadamente desabotoou a blusa, deixando que a criança se agarrasse de «unhas e gengivas» no seio entumescido de leite.

Lívio ergueu os olhos do retrato, fitando-a. O vazio fóra substituído por uma chama ardentíssima. Todo o seu rosto sorria triunfante.

— Por que não me disse antes?

— Só o soube depois que você se foi. Já havia vencido o prazo sem que eu o soubesse, por isso não o procurei. Desejava que você voltasse por mim, não por ele.

— Como se chama?

— Lívio... como você.

— Oh! Marília. Se a alma pode morrer, também pode ressuscitar. Você ressuscitou a minha alma.

Emocionado, o rapaz abraçou mãe e filho, enquanto seu olhar voltava à fotografia que deixara sobre a cadeira, mostrando um garoto rechonchudo, de olhos redondos e covinha no queixo, em tudo parecido com aquêles, mas era uma foto antiga, que ele vira tantas vezes, e que continha essa frase: Lívio, aos quatro meses.

FORTUNA (tirando os óculos rosa) APRESENTA

PASSEMOS AOS FATOS

Segundo recente decreto JK, os cargos burocráticos, autárquicos ou eletivos deverão ter também sua designação feminina, a fim de concordar em gênero, quando fôr o caso.



— Você não vai acreditar, mas aquela é uma funcionária barnaboa.



— Como é, patrãozinho? Sempre fui "Secretário", será que agora vou perder a letra "O"?

Anunciam sua despedida do Rio "As Aguas Dançantes", espetáculo hidráulico americano, em exibição no Teatro Republica.



A FILA DO ÚLTIMO DIA.

Protegidos por dispositivo da Constituição Federal, estão entrando livremente no Brasil grandes quantidades de artigos de luxo com o rótulo de "Bens de Imigrantes".



— Pode deixar entrar: são "Benz" de imigrantes.

A Prefeitura de Mariana devolveu ao IBGE o novo mapa do Brasil, no qual não figura o nome daquela conhecida cidade mineira.



— Agora me explique: na hora de mandar o mapa, onde foi que o IBGE conseguiu o endereço?

Anuncia-se da Câmara dos Vereadores que a industrialização do lixo carioca poderia render Cr\$ 116 milhões anuais.

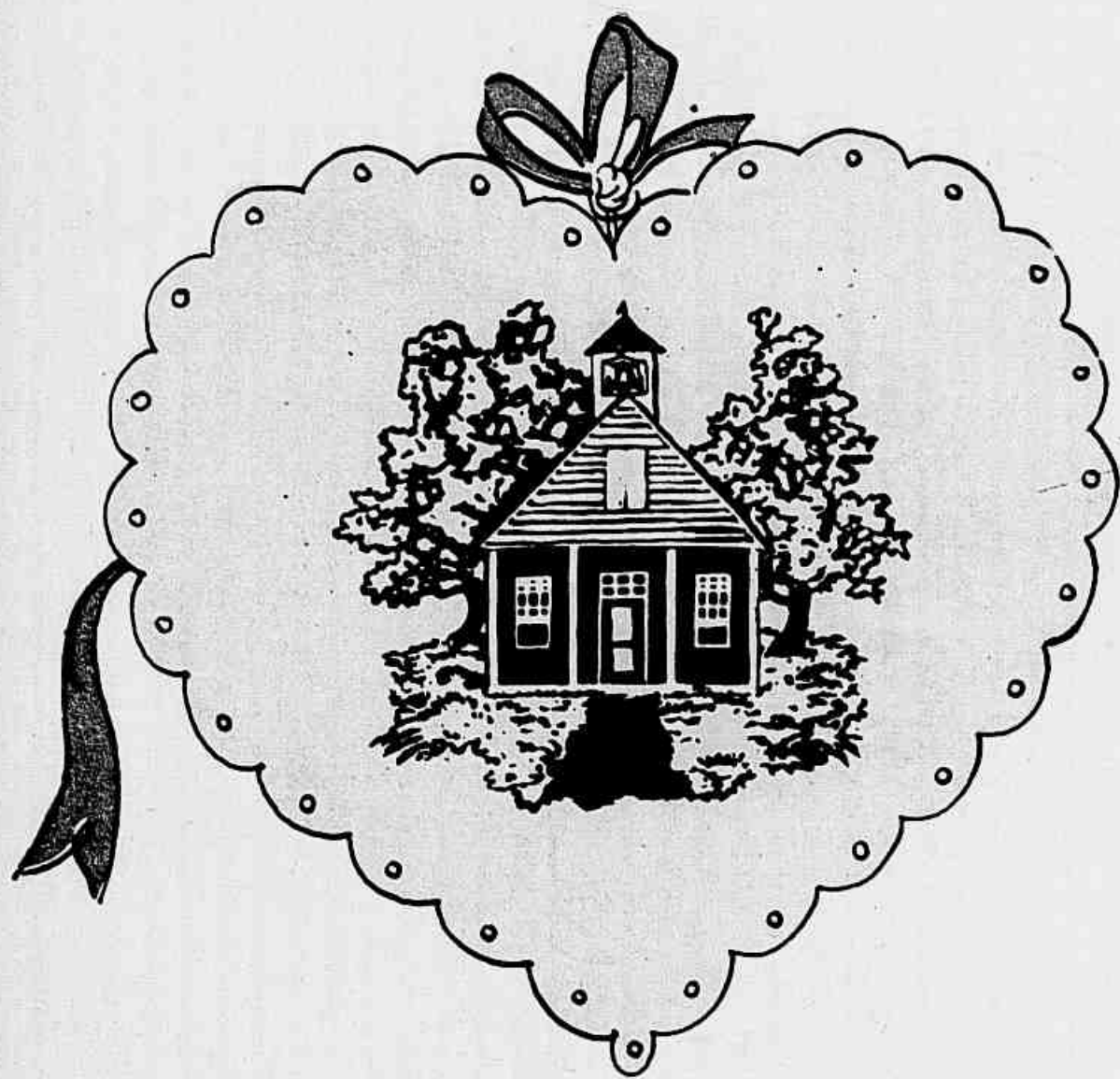


— Agora sim, acredito que a cidade fique limpa. Vão esconder todo o lixo para forçar a alta.

Enquanto os cinemas permanecem com o aumento de 10 para 12 cruzeiros, foi restabelecido o preço de 18 para o cinemaScope e homologada a nova tarifa dos bondes, aumentando de 1 para 2 cruzeiros a passagem.



— E aqui fica a nossa sugestão para os letreiros da COFAP. Especial para se ler subindo.



Serei feliz?

♦ Todas nós temos o nosso tipo de homem «ideal». Algumas encontram-no, outras não. Poucas passam a vida a procurá-lo. A maioria se cansa, desiste, e aceita o que o destino lhe oferece. Serão essas menos felizes que as primeiras? «Ao contrário» — responde o doutor H.V. Docks, especialista em «saúde mental». E sua resposta está baseada em milhares de casais observados por ele pessoalmente.

«A mulher que se casa com o homem de seus sonhos (e também vice-versa) não ama um ser real. Projeta a imagem amada na pessoa escolhida, e essa sombra «ideal» impede que seja vista a realidade. Quanto

Conversa de mulher

LYGIA JUNQUEIRA

Desenho de JAIRO

mais forte é o amor durante o tempo de namoro e noivado menos oportunidade de se conhecer teve o casal e mais difícil será a adaptação à materialidade da vida em comum».

Talvez o médico americano exagere um pouco e longe de nós afirmar que Romeu e Julieta seriam infelizes se houvessem escapado da terrível tragédia que os levou ao túmulo. Quando se ama intensamente, esse sentimento encerra uma tal dose de desprendimento e altruísmo que torna possível sacrifícios inexplicáveis e mesmo injustificáveis em outras circunstâncias. Um desses sacrifícios é a descida à realidade da vida a dois, e a adaptação recíproca necessária.

A propósito, é interessante recordar o conselho de um velho pai ao filho que se afastava de casa pela primeira vez:

— «Meu filho, mais cedo ou mais tarde você há de procurar uma esposa para fundar família. Sinto ser minha obrigação avisá-lo que não são somente os sentidos que poderão enganá-lo mas também a mente. Lembre-se de que a mulher mais angelical come, dorme e às vezes tem dor de barriga».

Provavelmente, para não destruir a figura ideal que tão bem cantou, foi que Dante nunca se casou com Beatriz. Em toda sua obra poética não dedicou, por outro lado, uma só linha à esposa. Não sabemos se era loura ou moreno, inteligente ou inculto. No entanto, a própria circunstância de não se ter falado na mulher de Dante faz supor que o seu foi um casamento bem sucedido.

Casar com o homem ideal é já felicidade, mas não garantia de felicidade futura. Muita firmeza de alma será necessária para aceitar cada pequena desilusão, como tal, e não transformá-las numa grande desilusão para o resto da vida.

Ponche nupcial

● A palavra «ponche» é uma variação de «punch» (inglês) que quer dizer: «cinco ingredientes» e deriva do sânscrito. Basicamente, um ponche seria composto de: água, limão, açúcar, licores e especiarias. A arte de preparar bebidas foi, porém, se aperfeiçoando e hoje um ponche leva muito mais ingredientes, como este «ponche nupcial», preparado com champagne... Vejamos a receita:

Numa poncheira grande mistura: 2 garrafas de champagne, 2 garrafas de água cristal, 4 laranjas em pedaços, 1 limão em rodela, 3 maçãs picadas, um copo de licor curaçau, um copo de conhaque, um copo de vinho seco branco, meio cálice de bitter, gelo moído. No momento de servir ponha em cada copo um

pedaço de gelo, uma cerejinha e enfeite com as rodela de limão por cima. Se você não pode ter champagne de muito boa qualidade para a sua festa de casamento, prefira oferecer esse ponche. Será mais elegante e mais apreciado.

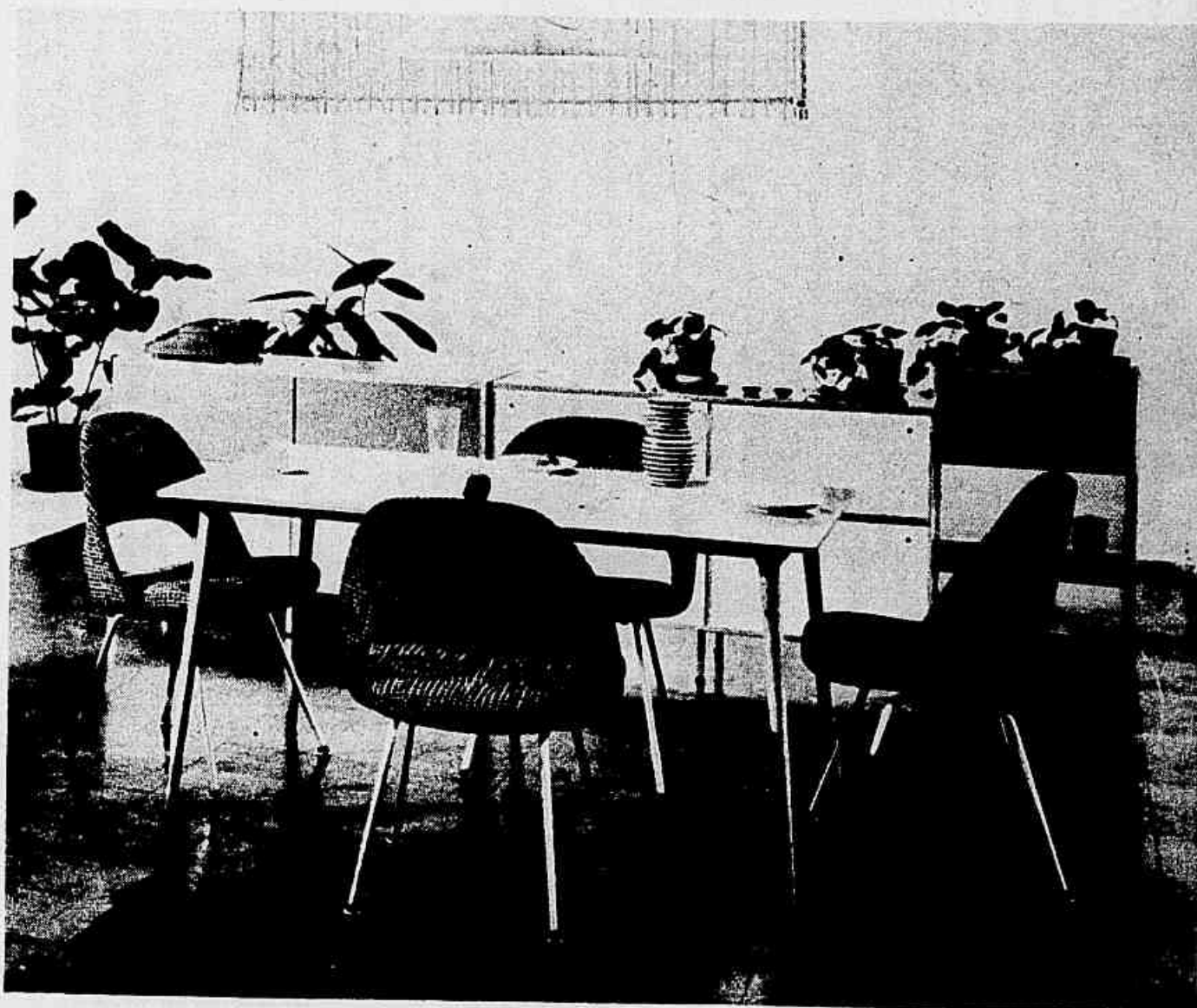


? QUANTOS pratos, talheres e copos devo ter na minha futura casa? Mesmo quando se tem a facilidade de ganhar um faqueiro, um aparelho de

jantar, e cristais, fica ainda a pergunta referindo-se à louça de uso diário e que servirá também para as visitas sem cerimônia. Antigamente a conta era de uma dúzia de cada: copos, pratos fundos, rasos e pequenos; xícaras de chá e café; colheres, facas e garfos nos seus diversos tamanhos. Hoje, prefere-se a conta de OITO, muito usada já nos Estados Unidos e Inglaterra, por ser o suficiente para um casal que às vezes recebe um ou outro amigo para as refeições. Naturalmente que se aplica ao caso de você comprar peças avulsas (o que é mais prático para futuras substituições).

Sugestão para o lar

♦ Se está procurando uma sala de jantar para seu futuro apartamento não se apegue aos grupos clássicos que atravancam qualquer sala de edifício moderno, com seus enormes bufetes e inúteis cristaleiras. Móveis mais simples e ligeiros tornarão o ambiente mais leve e proporcionarão maior conforto. Uma mesa, possivelmente de dobrar, que tanto serve para as refeições como para o jogo; quatro poltroninhas com encosto estofado, gostosas também para conversa em grupo; um bufete com divisões bem estudadas para contar o maior número de coisas possível... eis no que deve pensar e procurar, se quer viver de acordo com sua época. Os móveis modernos têm ainda a vantagem de serem de limpeza mais fácil, o que é uma grande coisa já que não se pode contar sempre com as empregadas. (Na foto, decoração de Charles Eames — USIS).



E agora... não descuide!

- Você, que vai se casar no próximo mês de maio, pode estar pensando que lhe será muito fácil manter-se sempre elegante e bem cuidada como no tempo de solteira. Um engano. A vida da dona de casa é muito mais cheia que qualquer vida de solteira. Será preciso força de vontade para não se descuidar de sua aparência pessoal, a fim de se mostrar diante dele tão sedutora quanto agora.
- 1 — Os primeiros cuidados que deve tomar são com sua saúde: comer com calma, e regularmente, beber água nos intervalos das refeições, ingerir muita fruta e legume para conservar a linha e o viço da pele; dormir regularmente suas oito horas de sono por dia; praticar algum esporte ou, ao menos, fazer ginástica ou caminhar nem que seja uma hora;
- 2 — Depois com sua aparência: cuidar das mãos evitando que fiquem grossas e encardidas; ir ao cabeleleiro regularmente; procurar estar sempre em dia com as novas tonalidades para as unhas e a maquiagem; vestir-se elegantemente mesmo em casa, ainda que com simplicidade; não andar suja, nem despenteada, nem sem pintura de maneira a poder se apresentar até a uma visita imprevista sem corar.
- 3 — Também deve estar atenta em conservar o mesmo espírito de camaradagem que tinha com seu marido quando noivos. Para isso, é preciso que você planeje seus afazeres de forma a poder passear, ir ao cinema ou à praia quando ele estiver de folga. Não tome compromissos de limpeza de casa, nem de cabelereiro, nem de limpeza de pele aos sábados a tarde se ele faz semana inglesa. Os domingos, tenha-os livres para um pique-nique ou um fim de semana fora da cidade. Nada desagrada tanto a um marido como não ser alvo de todas as atenções da esposa quando em casa.



FARMÁCIA SÃO LUCAS DROGARIA ÓTICA E PERFUMARIA

JACAREPAGUÁ ACOMPANHA O RITMO DE PROGRESSO DA CIDADE

Um aspecto da fachada da nova farmácia, que, por certo, irá prestar inestimáveis serviços aos moradores dos populosos subúrbios de Jacarepaguá e Cascadura.

Na tarde do dia 7 do corrente a população de Jacarepaguá assistiu às cerimônias inaugurais da grande e moderna FARMÁCIA SÃO LUCAS, situada à Rua Cândido Benício, 1736 (Praça Barão de Taquara). Com um sortimento variadíssimo de produtos nacionais e estrangeiros, a nova farmácia está aparelhada a servir com presteza e perfeição ao povo suburbano, não se limitando o seu comércio aos artigos de farmácia e drogaria: nas suas amplas e confortáveis instalações, está funcionando uma bem organizada secção de ótica e outra de artigos de perfumaria e toucador. A Farmácia São Lucas, cujo telefone é Jacarepaguá 81, funcionará sob a denominação social de Sociedade Farmacêutica Farperótica Ltda., tendo como proprietários e responsáveis, as figuras conceituadas de José Lucas e Ubirajara Gomes Lucas. A festa inaugural estiveram presentes vultos de destaque em Jacarepaguá e de muitos outros subúrbios e bairros cariocas.

Com este acontecimento está demonstrado que o populoso subúrbio de Jacarepaguá vem acompanhando o compasso do centro da cidade. Parabéns pois ao povo de Jacarepaguá.

O sr. Gabriel Capistrano dá como inaugurado o moderno estabelecimento, cortando a fita simbólica.



O padre Alexandre Veslao, cercado dos sócios, suas famílias e numerosos assistentes, ministrando sua bênção à modelar Farmácia São Lucas. À direita: flagrante no interior da farmácia, aparecendo detalhes das luxuosas instalações, vendo-se a postos as graciosas auxiliares do serviço de varejo.

Os revendedores

ELGIN

desafiam

seu poder de atenção!

resolva aqui o
GRANDE TESTE

Há um
tesouro em
sua **ELGIN**

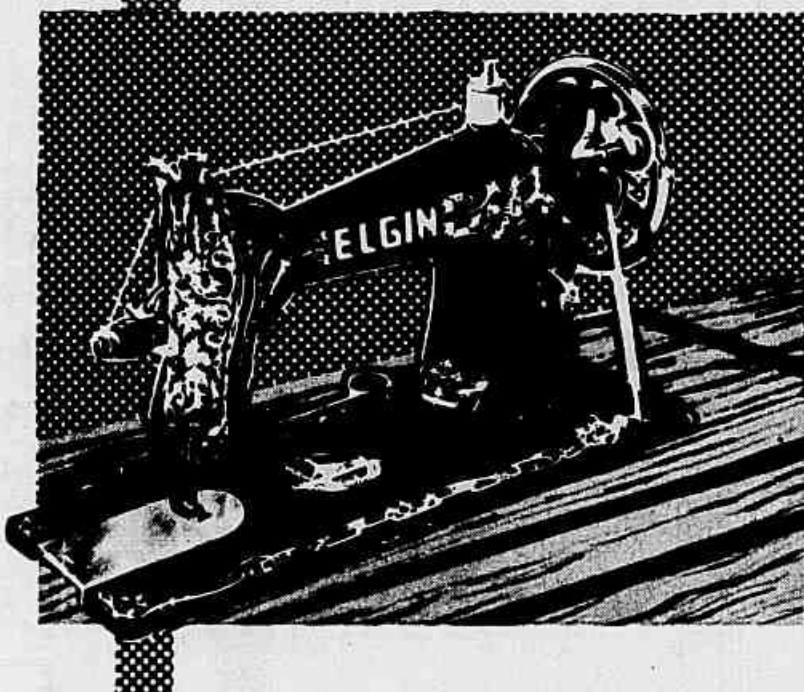
- Conte quantas **ELGIN** podem ser formadas com as letras da arca.
- Preencha no seu Revendedor **ELGIN** mais próximo a fórmula apropriada dando o resultado do teste.
- Se o seu resultado for o certo, V. receberá pelo correio um interessante passatempo - grátis!
- Só serão consideradas as respostas que nos chegarem até 15 de Julho do corrente ano.

Faça agora o teste de qualidade...

Experimente no Revendedor **ELGIN**
a mais suave, rápida e completa máquina de costura que V. poderia desejar!
E Lembre-se sempre que para máxima garantia de uma costura perfeita,
há um tesouro em sua **ELGIN**!

LINCE prop.

ELGIN - Fábrica de Máquinas de Costura S. A.
Caixa Postal, 4575 - São Paulo



ELGIN - A MÁQUINA DE COSTURA DE FAMA MUNDIAL

20 anos de garantia

OS REVENDEDORES ELGIN - DE NORTE A SUL EM TODO O BRASIL!

O CARNA



JADIR entregando a Berta Duarte, madrinha do Flamengo a faixa de tricampeão.



● Ora, estava faltando alguma coisa para fechar, com mão de mestre, a série de comemorações levadas a efeito por ocasião do tricampeonato conquistado pelo Flamengo: um carnaval, com os «ff» e «rr». Porque aquele carnaval do próprio dia da conquista, da vitória sobre o América, por 4 a 1, não passou de um ensaio geral. Mister se fazia um carnaval a caráter, com Escolas de Samba, baile no meio do gramado, convidados e tudo. E foi justamente o que aconteceu, há dois domingos, no Estádio do Maracanã, onde uma multidão se acotovelava. Houve carnaval, e do bom: basta dizer que nada menos de duas Escolas de Samba estiveram presentes, fazendo evo-

luções no meio de campo. Evoluções no meio de campo tariam, pouco depois, também os jogadores do «Mengo», ao abaterem, por quatro a um novamente, o time do Internacional de Pôrto Alegre. Um baile completo. Antes, houve a cerimônia da colocação das faixas de tricampeões nos jogadores rubronegros. A torcida vibrou, quando seus ídolos receberam o distintivo invejável, que denota uma hegemonia de três anos consecutivos no futebol carioca, talvez o mais avançado do Brasil. E a farra entrou pela noite a dentro, pelos bares e clubes da cidade, até onde pulsasse um coração alegre de rubro-negro... Dizem que, para o ano que vem, a coisa vai ser melhor.

NAVAL DO "TRI"



pou-
r qua-
e. Um
faixas
uando
hege-
o mais
bares
rubro-
hor.





A PERMANÊNCIA DE V



DE VARGAS



● GETÚLIO VARGAS permanece vivo e querido na lembrança de inúmeros brasileiros. E a afeição que o povo lhe dedicou, desde o princípio, talvez tenha duplicado, após o ato dramático que encerrou ao mesmo tempo sua agitada carreira, e sua vida. Agora mesmo, há coisa de poucos dias, os que passavam pelas imediações da Cinelândia, no local onde se acha o pequenino busto do finado Presidente da República, ficavam espantados com a quantidade de pessoas que, desde a meia-noite do dia anterior ao 19 de abril, se aglomeravam em torno do monumento, levando flores e acendendo velas ao líder trabalhista, cujo aniversário natalício transcorreria naquela data, fôsse acaso ainda ele vivo. Como sempre acontece em solenidades semelhantes, a emoção, principalmente das mulheres, foi intensa, e não foi difícil encontrar senhoras de meia idade, mocinhas e mesmo senhoras idosas limpando, discretamente, as lágrimas derramadas em homenagem a Getúlio Vargas.



ÚLTIMO FLASH

ÊSSES AMERICANOS...

♦ OS NORTE-AMERICANOS, positivamente, são um povo desconcertante. Mesmo depois de adultos, e até depois de velhos, continuam sendo crianças. Crianças grandes. Capazes de fazer os atos mais importantes do mundo — atos que envolvem a vida de centenas de milhares (e porque não milhões?) de criaturas —, e logo após, de realizar a brincadeira mais ingênua do mundo. São espontâneos, alegres, até certo ponto, inocentes. Vejam, por exemplo, esses que aparecem na fotografia. Sabem o que estão fazendo os meninos? Brincando de ser enforcado... É a pura verdade: BRINCANDO DE SER ENFORCADO. A coisa é assim: o tipo a ser enforcado sobe num banquinho, bota o pescoço num laço adrede preparado, e salta para terra. É claro que a outra extremidade da corda não está presa em nenhuma trave, senão a brincadeira seria de muito mau gosto. Os três aí de cima, por exemplo, simbolizavam os momentos da execução fictícia: o gordo personagem da esquerda é McCarthy, conhecida figura da vida norte-americana. Já tem a corda no pescoço. O da ponta direita prepara-se para saltar. O do meio... bem, o do meio é um simples boneco, para dar mais sensação à coisa. Brincadeira bosta. Foi assim que François Villon deixou de beber.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 17 — Rio de Janeiro — 28-4-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães, A. Mendes e
S. Sant'Anna
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequitimar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto



NÃO COMPRE LUXO...

COMPRE UTILIDADE!

o novo

REFRIGERADOR

Climax

Modelo T-56

**COM 30% MAIS
DE RENDIMENTO E
SEGURANÇA GARANTIDA
NO FUNCIONAMENTO**

Climax lhe assegura,
comprovadamente estas vantagens:

MÁXIMA EFICIÊNCIA!

Iguala o padrão dos aparelhos americanos.

MÁXIMA ECONOMIA!

É o refrigerador de menor preço da praça.

**FUNCIONAMENTO
SILENCIOSO!**

Fabricado e garantido pela

INDÚSTRIA PEREIRA LOPES S. A. — S. Paulo

DISTRIBUIDORES

J. Isnard S.A.

(COMÉRCIO E INDÚSTRIA)
Rua Buenos Aires, 113

A VENDA EM TODAS
AS BOAS CASAS DO RAMO

